



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO**

MESTRADO EM ESTUDOS CINEMATográfICOS

ESCRITA DE LONGA METRAGEM

“A NOITE JÁ NÃO É UMA CRIANÇA”

Trabalho de Projeto de Mestrado apresentado a provas públicas para a obtenção do grau de
Mestre em Estudos Cinematográficos, orientado pelo Professor Doutor Edmundo José Neves
Cordeiro

Corsino Alberto Nascimento Fortes, nº 22207198

2025

www.ulusofona.pt

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO

MESTRADO EM ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS

ESCRITA DE LONGA METRAGEM

“A NOITE JÁ NÃO É UMA CRIANÇA”

VERSÃO FINAL

Trabalho de Projeto defendido em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 11/04/2025, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 72/2025, de 30 de janeiro, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor José Manuel de Figueiredo Gomes Pinto

Arguentes:

Profª Doutora Maria Teresa de Almeida Maia e Carmo, Universidade Lusófona - CUL;

Orientador:

Prof. Doutor Edmundo José Neves Cordeiro.

Este trabalho também foi orientado pelo Prof. Doutor Rui Cardoso Martins.

Corsino Alberto Nascimento Fortes, nº22207198

2025

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem o apoio e incentivo de várias pessoas, às quais gostaria de expressar a minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço ao Professor Doutor Edmundo José Neves Cordeiro, na qualidade de orientador, e ao Professor Rui Cardoso Martins, na qualidade de coordenador, pelo contributo na definição de um caminho metódico e pertinente que possibilitou a conclusão do argumento cinematográfico, *A noite Já Não é Uma Criança*.

Quero também deixar o meu agradecimento ao Dr. António Chaves, psicólogo; à Dra. Cristina Ferreira, pediatra; à Dra. Eugénia Rodrigues, assistente social; ao Dr. Jaime Ramos, médico; e à Dra. Tereza Cruz, psicóloga. Com os vossos conhecimentos e experiência, contribuíram para a construção do universo das personagens adolescentes vítimas de comportamentos autolesivos.

Por fim, o meu agradecimento à minha família: à companheira de uma vida e ao meu filho, por todo o apoio, paciência e compreensão. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A Noite Já Não É Uma Criança é um argumento de longa-metragem elaborado como Trabalho de Projecto para a conclusão do Mestrado em Estudos Cinematográficos.

Este trabalho inclui o argumento acima mencionado e uma análise na qual se explora a estrutura formal do mesmo, destacando o desenvolvimento da narrativa e a construção das personagens.

A Noite Já Não É Uma Criança aborda temas como a adolescência, a identidade, a superação, o comportamento autolesivo, a infertilidade, o noivado, o divórcio, a morte, o ritual do funeral, o passado, o dom, a culinária, a interajuda, os cuidadores e a irmandade – questões que podem considerar-se transversais à condição humana e ao seu devir, à parte as particularidades históricas e culturais.

A Noite Já Não É Uma Criança aborda a dor humana, independentemente de esta ser provocada por outrem (havendo, contudo, uma única exceção em que o é, embora esta não seja “mostrada”). Inclui, enquanto personagens, adultos cuidadores, e aborda os fantasmas e os desejos pessoais destes. Inclui igualmente uma adolescente com problemas de comportamento autolesivo, mas cuja vontade de alimentar o mundo inteiro vem a ser cada vez maior, o que define o seu processo de superação.

Do ponto de vista estrutural, quanto à construção do argumento, trata-se aqui de um esquema de enredo em formato coral, com três protagonistas. Foi dado destaque à evolução da linha temática da história, a partir da proposta tradicional de Syd Field, cujo vocabulário utilizamos – desde a abertura, passando pelo ponto de viragem no fim do Primeiro Ato, o ponto de viragem no fim do Segundo Ato e a resolução final do conflito.

ABSTRACT

The Night Is No Longer a Child is a feature film script developed as a Project Work for the completion of a Master's degree in Film Studies.

This work includes the aforementioned script and an analysis that explores its formal structure, highlighting the narrative development and character construction.

The Night Is No Longer a Child addresses themes such as adolescence, identity, overcoming challenges, self-harming behaviour, infertility, engagement, divorce, death, funeral rituals, the past, talent, cooking, mutual support, caregiving, and siblinghood – issues that can be considered universal to the human condition and its becoming, beyond historical and cultural particularities.

The Night Is No Longer a Child delves into human pain, regardless of whether it is inflicted by others (although there is a single exception where this is the case, though it is not "shown"). It features caregiver adults as characters, addressing their ghosts and personal desires. It also includes a teenager struggling with self-harming behaviour, whose desire to feed the whole world grows increasingly stronger, defining her process of overcoming challenges.

From a structural perspective, regarding the script's construction, this is a storyline with a choral format and three protagonists. Emphasis was placed on the evolution of the story's thematic line, based on Syd Field's traditional framework, whose terminology is employed here – from the opening, through the plot point at the end of the First Act, the plot point at the end of the Second Act, and the final resolution of the conflict.

Palavras-chave:

Construção de argumento, Automutilação, Divórcio, Morte, Interajuda

Keywords:

Argument construction, Self-harm, Divorce, Death, Mutual help

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	8
1. Ponto de partida	8
2. A voz da narração	8
3. A viagem	10
II. Personagens e universo da história	11
III. Delimitação do campo da pesquisa	16
IV. O Argumento	17
1. Texto e filme	17
2. A proposta de Syd Field	19
2.1 Ponto de virada	21
V. Cena, formato, técnicas de base	22
1. Formato	22
2. Linha temporal das personagens	24
3. Espaços dramáticos	25
VI. Conclusão	26
VII. Texto de Intenção de Realização.....	29
VIII. BIBLIOGRAFIA	32
1. Bibliografia citada	32
2. Bibliografia consultada.....	32
3. Bibliografia complementar	33
IX. GUIÃO – A NOITE JÁ NÃO É UMA CRIANÇA	35

I. INTRODUÇÃO

1. Ponto de partida

Com base na minha experiência como contador de histórias e animador sociocultural em contextos de intervenção, e motivado pela oportunidade de poder estabelecer um diálogo de proximidade com amigos e familiares das áreas da medicina, da psicologia e da ação social, quis procurar uma história que *falasse da vida*. Uma história de quem cuida e adota outro ser humano. Uma história que evitasse a vingança, a inveja, a ganância ou o mal pelo mal. E, quando este último cenário fosse inevitável, o mal pelo mal seria apenas sugerido de forma implícita na narrativa e nunca proposto para ser exposto visualmente.

Eis o ponto de partida da criação da história:

Fruto de uma entrega e dedicação incondicional ao próximo, a adolescente Domingas, paulatinamente, torna-se elemento catalisador do convívio entre três gerações de mulheres, que, não tendo os mesmos pais, se sentem como irmãs — irmãs de pais e mães diferentes.

2. A voz da narração

No processo de escrita cinematográfica, é pertinente referir que, segundo os autores Jean-Claude Carrière e Pascal Bonitzer, «ao escrever para o cinema, só nos resta aquele teatro interior onde o nosso processo criativo está em permanente diálogo com o único juiz que cada um de nós tem em si, e no qual,

de uma forma ainda imperfeita, assistimos à primeira exibição do filme que estamos a imaginar» (Carrière e Bonitzer, 1991: 39).

No presente argumento, podemos argumentar que o ponto de vista da narração é maioritariamente o de uma terceira pessoa limitada, na medida em que o público só sabe aquilo que as personagens principais, Domingas, Duducha e Tereza, sabem: o público apenas ouve e vê o que estas três personagens ouvem e veem. O público somente tem acesso às emoções, pensamentos e percepções das personagens principais.

Doc Comparato argumenta que «basicamente, os dramas e as comédias tentam explicar a mesma e velha história do homem e dos seus problemas» (Comparato, 2004: 63). Para Comparato, quer o conflito seja com uma força humana, quer seja com uma força não humana ou interior, o «Conflito designa a confrontação entre forças e personagens através da qual a ação se organiza e se vai desenvolvendo até ao final» (*Idem*: 68).

No sentido de argumentar que não é de todo pertinente começar um trabalho cinematográfico em que o argumento não resolva o filme, tenho a dizer que, em várias curtas-metragens, nas quais participei, constatámos, na fase de edição, que havia problemas estruturais de escrita: o guião não resolvia de todo a história que se pretendia contar; algo ficava por dizer. Aqui, não estamos a falar de uma premissa de enredo que, tendo em vista uma Abertura Estética, deixa, intencionalmente, certas questões por resolver, como forma de convidar o espectador a participar ativamente na construção do sentido. Estamos sim a falar de lacunas ou falhas, ou seja, da incapacidade de garantir que o guião seja capaz de articular de forma coesa a intenção de contar uma história completa e coerente – aqui entendido como falta de integridade narrativa. Neste sentido, afirmar que o guião “não resolve de todo a história” é reconhecer que, apesar das intenções narrativas – como criar empatia, construir tensões e conduzir o público a um clímax emocional – o resultado final não fornece um desfecho que amarre todas as pontas e satisfaça a jornada emocional proposta pelo autor.

No livro “The tools of screenwriting”, Howard e Mabley (1993, p. 23, tradução nossa) afirmam que «as duas principais preocupações do livro são

como desenvolver uma boa história e como contá-la bem. Ambas estão tão interligadas que não seria possível tratá-las separadamente».

Ainda em *The Tools of Screenwriting*, Howard e Mabley (1993, p. 23, tradução nossa) argumentam que os elementos essenciais de "uma boa história bem contada" são:

A história é sobre alguém com quem temos alguma empatia;
Essa pessoa deseja algo desesperadamente;
Esse algo é difícil, mas possível de fazer, obter ou alcançar;
A história é contada para ter o máximo impacto emocional e envolver o público no desenrolar dos acontecimentos;
A história deve chegar a um final satisfatório (o que não significa necessariamente um final feliz);
"Uma boa história bem contada" é simples, mas não é fácil.

Assim sendo, resolvi aventurar-me na escrita de uma longa-metragem, no sentido de exercitar a "boa prática" de escrever, dialogar e de tentar visualizar o filme virtual proposto na escrita do argumento, na medida em que «o argumento é cinema» (Cordeiro, 2023).

3. A viagem

A relação entre a Outra Margem e Lisboa, no nosso argumento em diálogo com Corroios e Campo de Ourique, remete para uma analogia entre Cabo Verde e Portugal. Existe um movimento (ou viagem) de um local com menos oportunidades para outro com mais oportunidades; de um local pequeno para outro imenso. O argumento começa no dia do funeral da mãe de Domingas. A Viagem de Domingas para Portugal, cinco anos antes, não é descrita. Neste sentido, esta viagem, por nunca ter sido descrita, estará sempre presente e representa a grande mudança. Assim sendo, é sentida na travessia do Tejo, no cacilheiro, com uma viagem onírica à Praia da Laginha, em São Vicente, enquanto Domingas, acompanhada da tia-avó, atravessa o rio (algo que remete para o mar e os barcos das primeiras viagens de Cabo Verde para Portugal) e na chegada a Campo de Ourique de autocarro.

Aqui, trata-se de ideia *viagem é mudança*. Vejamos: não existe (não é descrita) a viagem da casa de Corroios para a igreja, nem do hospital para a casa de Campo de Ourique — *nada vai mudar*, dir-se-ia. Mas existe a viagem tanto da Tereza como do carro funerário para o cemitério, onde o funeral pode ser visto como o ponto de partida para uma nova vida. Existe a viagem de metro para o consultório da psicóloga, a caminhada de Domingas ao encontro de Carla e das revelações que a mesma faz, que terminam na automutilação, com o intuito de fazer mal ao corpo. E ainda a grande viagem de carro da Escola Secundária Pedro Nunes até Picoas, para o consultório da psicóloga Cristina, onde se dá a consolidação do sentir de que a terapia está no bom caminho.

Todas as viagens dialogam com a primeira viagem, de Corroios para Campo de Ourique, a nova morada na história.

II. Personagens e universo da história

Sendo a personagem o elemento mais importante de qualquer narrativa, na medida em que é ela quem habita e vivencia o mundo da história, faz todo o sentido querer saber quem são, o que fazem e, principalmente, como se relacionam entre si. Como os personagens agem e reagem frente ao incidente inicial, aquele de define a história. Neste sentido, devemos ter em mente o *background* e o contexto social das personagens no universo da narrativa. Neste guião, temos três personagens principais: Domingas, Duducha e Tereza.

Domingas: 15 anos. Uma adolescente de 15 anos (prestes a fazer 16), natural da Ilha de São Vicente, Cabo Verde. Aos 10 anos, deixou a sua terra natal e os cuidados da sua querida avó, Nhá Maria, para se juntar à mãe, Joana, empregada doméstica em Portugal, que já estava emigrada há três anos. Domingas mal chegou a conhecer o pai, que também emigrara para Angola. Dele, só guarda uma ténue imagem de um homem alto e magro.

Em Cabo Verde, Domingas ficou aos cuidados da avó materna, Nhá Maria, com quem sempre vivera desde o dia do seu nascimento e a quem

ganhara o hábito de chamar Mamã Maria. A adolescente ama e guarda as melhores recordações da sua querida avó e, dela, herdara o dom dos tachos e panelas: aos seis anos, já conhecia todos os ingredientes da Cachupa de Nhá Maria e, aos oito, já era capaz de confeccionar a famosa receita familiar, desde que acompanhada e motivada pela sua estimada avó.

Aos 15 anos, ou seja, cerca de cinco anos depois de chegar a Portugal, a adolescente perde a mãe — vítima de uma doença terminal — e fica aos cuidados da tia-avó, Duducha, irmã de Nhá Maria. Embora seja uma rapariga inteligente e amorosa, capaz de preparar o chazinho para os lanches das tias e de querer agradar com a boa comida, Domingas é vítima da sensação de abandono e afastamento que parece persegui-la: abandono do pai, que mal chegou a conhecer; afastamento da mãe, que emigrara para Portugal; afastamento da terra natal e da sua querida avó, ainda criança; e, por fim, o derradeiro falecimento precoce da mãe.

Domingas acaba por desenvolver um quadro de ansiedade, com comportamentos autolesivos não suicidas, envolvendo pequenos cortes com marcas de unhas nos pulsos e mordeduras nos lábios nos momentos de maior tensão. Domingas gosta das relações que tem em casa; segundo ela, são pessoas que a ouvem e em quem pode confiar. Não quer ter novas relações, novos amigos, nem namorados. Assim, ninguém se afasta para longe, ou para muito longe, como aconteceu com a morte da mãe.

Tudo se passa como se a adolescente assumisse que o pai, que mal conheceu, foi-se embora e que a mãe teve de emigrar por culpa dela mesma. Depois, a mãe ficou doente e acabou por morrer da doença; ela sente que não conseguiu salvar a própria mãe. Domingas acredita que não é perfeita. Existe nela um sentimento constante de culpa, como se as pessoas boas fugissem dela, ou como se fosse obrigada a afastar-se delas. Neste sentido, ela sente-se bem com as pessoas que tem e não quer estabelecer novas relações.

A relação que Domingas desenvolve com Carla, uma colega de turma, tem traços de uma mesma identidade e postura: ambas não querem estar perto de muita gente e quase procuram o isolamento. A grande diferença é que, ao

contrário da colega de turma, Domingas vive num ambiente saudável e com pessoas cuidadoras.

Desde muito pequena, a adolescente já dava sinais de uma peculiar capacidade de percepção, que a levava a intuir coisas que tocavam, ou não, o extrassensorial. Domingas também dá voz às contadoras de histórias e à magia que representaram na sua infância. Domingas, paulatinamente, constrói-se como o centro de uma entrega e dedicação de mulheres mais velhas, que se sentem forçadas a enfrentar os dissabores e fantasmas das suas próprias vivências para ajudar a adolescente a superar essa sensação de abandono que ela tem de enfrentar.

Duducha: 66 anos. Uma mulher independente, na casa dos sessenta, que nunca quis aturar marido (como ela própria dizia). Nasceu na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Duducha veio para Portugal ainda antes do 25 de Abril (1974). É irmã da Nhá Maria, ou seja, tia-avó de Domingas e tia e madrinha de Joana, mãe de Domingas.

Duducha guarda o segredo (ou seja, não fala sobre o assunto) de um noivado que acabou por romper. Quando jovem, era uma exímia jogadora de Uril (não fosse ela sobrinha do Senhor Candinho, um dos grandes jogadores de São Vicente). Domingas chegou a participar num campeonato de Uril na Associação Cabo-verdiana em Lisboa, tendo conseguido algumas vitórias contra jogadores homens de referência.

Em 1982, com 29 anos de idade, Duducha começou a trabalhar como empregada interna na casa da Dona Fernanda e do Engenheiro Otaviano, em Campo de Ourique, poucos dias antes da menina Tereza completar 5 anos. Foi Duducha quem fez o bolo de aniversário da menina.

A condição de empregada interna (sem grandes encargos financeiros) permitiu que, cerca de 8 anos depois, Duducha já tivesse amealhado algum dinheiro. Incentivada e ajudada pelos patrões, conseguiu adquirir, por um bom preço, um apartamento T2 em Corroios, num dos lotes a cargo do Engenheiro Otaviano. Com a ajuda financeira de alguns familiares e amigos próximos que foram habitando a casa, alguns anos depois já não devia nada ao banco.

Duducha não suporta a sensação de impotência e incapacidade em ajudar Tereza, a menina que ajudou a criar e prometeu nunca abandonar. Acaba por cair em depressão e refugia-se, durante algum tempo, no seu apartamento em Corroios.

Após a morte da sobrinha Joana, mãe de Domingas, Duducha, com o consentimento de Tereza, médica com quem mantém uma relação de irmãs de pais diferentes, acolhe Domingas no seu quarto, tornando-se a sua cuidadora.

Tereza: 41 anos. Uma médica na casa dos quarenta. A sua família, mãe e pai, eram de Tomar, mas cedo fixaram residência em Lisboa, no Campo de Ourique. Tereza nasceu em Lisboa e estava prestes a completar 5 anos de idade quando Duducha começou a trabalhar na sua casa como empregada interna. Formou-se em Medicina e teve um casamento que não durou mais de 2 anos.

Tereza acredita nunca ter tido jeito para escolher namorados e, muito menos, marido. Depois do divórcio (com possíveis causas no facto de não poder ter filhos e do marido ter engravidado uma amiga muito próxima), Tereza adotou uma vida de boémia, que ia pondo a sua carreira em perigo. Teve a ajuda de Duducha e de Lucinda.

O pai era engenheiro civil e a mãe uma professora primária, que escrevia contos. Tereza adora a comida e a música africanas e aparenta ter queda para a escrita. Não se opõe à vinda da adolescente para sua casa e tem Duducha como uma irmã mais velha, irmã de pai e mãe diferentes. Tereza adota a adolescente como sobrinha.

Tereza acaba por escrever o primeiro capítulo do seu primeiro romance, e tudo indica que irá terminá-lo.

Nhá Maria: 68 anos. Nhá Maria é a avó de Domingas, mãe da Joana e irmã de Duducha. Nhá Maria possui um dom natural para a cozinha, dom esse que parece ter passado à sua neta Domingas. Em Cabo Verde, cuidou da neta desde o nascimento até ela partir, para se juntar à mãe, em Portugal. Segundo o diário de Domingas, tudo indica que Nhá Maria acompanha o pai de Domingas na viagem a Portugal para o aniversário da neta.

Lucinda: 40 anos. Lucinda é amiga de infância da Tereza e frequentadora da casa da de Campo de Ourique. Ela é dona de um restaurante, em Lisboa. Faz parte do grupo (Juntamente com a Tereza e a Duducha) que Domingas chama de Irmandade. Aceita Domingas como ajudante de cozinha e desempenha um papel crucial na formação e na superação que Domingas tem de enfrentar.

Cristina: 58 anos. A Dra. Cristina é a psicóloga que começa a acompanhar Domingas. Mediante várias sessões de terapia e através da técnica da respiração profunda e do recurso da utilização de um marcador vermelho, para impedir automutilação com cortes, a psicóloga Cristina consegue ser uma mais valia para o tratamento da Domingas.

Carla: 15 anos. Carla é uma colega de turma de Domingas. Sofre de um comportamento autolesivo, com tendências suicidas. Também faz terapia e toma medicação para a ansiedade. Infelizmente, tudo indica que a sua família é negligente. Carla tem uma aptidão natural para tocar guitarra. Depois de uma grave crise emocional, Carla chega a partir um prato no refeitório e serve-se de um dos cacos para praticar automutilação. Tudo indica que, após esta crise, a família se torna mais consciente do seu problema.

Argelina: 40 anos. Argelina é filha do Benvindo (noivo da Duducha). A argelina, já adolescente, acaba por ser perfilhada pelo pai e levada para a Argentina, decisão em que Duducha foi a principal impulsionadora. Cerca de trinta anos depois, as palavras de Argelina levam Duducha a reconciliar-se com um passado já bem enterrado. Duducha acaba por saber que ela foi o grande amor de Benvindo.

Benvindo: 35 anos, em 1982. Benvindo foi noivo de Duducha, mas escondeu segredos que levaram Duducha a desmanchar o noivado. Esteve preso por ter cometido um roubo para ajudar a mãe da sua filha. Com o apoio do seu tio Gregório, emigrado na Argentina, Benvindo é libertado e junta-se ao tio. Motivado pelas palavras de Duducha e pelo apoio do tio, Benvindo transforma-se no homem dos sonhos de Duducha, de 36 anos antes.

Dona Fátima: 58 anos. Dona Fátima é uma cozinheira de origem africana que trabalha no refeitório da escola. Revela informações pertinentes sobre Carla

e incentiva Domingas a abrir-se com a psicóloga. Também desempenha um papel fundamental de auxílio no momento da automutilação de Carla no refeitório.

Mila: 45 anos. Mila é uma cozinheira lusa (de Castelo Branco), com um passado de escuteira, que acaba por ser a primeira pessoa a socorrer Carla no episódio de automutilação, impedindo que o corte no antebraço continuasse a sangrar.

Diretora: 50 anos. A diretora da escola fala sobre a importância da saúde mental nos adolescentes, durante a sessão de sensibilização realizada na escola. No momento da crise de Carla, retira todos os jovens do refeitório e chama os paramédicos.

O Senhor Zé: 67 anos. O senhor Zé é um antigo conhecido de Benvindo, dos tempos em que trabalhavam na Lisnave. Na sua festa de entrada na reforma, promove um jantar no restaurante de Lucinda. Acaba por reconhecer Duducha dos tempos de Benvindo, num momento importante da narrativa.

Psicóloga da Escola: 35 anos. A psicóloga da escola fala sobre a importância da saúde mental nos adolescentes, durante a sessão de sensibilização realizada na escola.

Doutor Cruz: 60 anos. Doutor Cruz é o psicólogo convidado para falar sobre a importância da saúde mental nos adolescentes, durante a sessão de sensibilização realizada na escola.

III. Delimitação do campo da pesquisa

O desafio de escrita do argumento cinematográfico “*A Noite Já Não É Uma Criança*” pretende ser o ensaio de uma longa-metragem estruturada em quatro tópicos principais: “Morte”, “Fantasmas”, “Crise” e “Desafios”. Depois de ter escrito e reescrito o *background* das personagens principais – Domingas, Duducha e Tereza –, e algumas cenas que gostaria de ver no filme, constatei que faria sentido um esquema de enredo em formato coral, tendo a personagem de Domingas como epicentro da história.

A delimitação do campo de pesquisa levou-me a um argumento com personagens centrais que desempenham um papel de relevo no impulso dramático que move a história para a sua conclusão, ou seja, na premissa dramática do filme: ajudar a adolescente Domingas a superar a sensação de abandono e afastamento que parece persegui-la. Mas que, ao mesmo tempo, tivessem os seus próprios arcos narrativos de conflitos internos e as suas próprias evoluções pessoais na narrativa. Neste sentido, Duducha acaba por começar a relacionar-se com um passado que já não era assunto, e Tereza dá início à escrita do primeiro capítulo de um romance há muito adiado. O argumento só não encerrou completamente estes assuntos porque, mesmo tratando-se de um filme, o propósito era ver a vida a acontecer com uma veracidade intuída nas vivências do dia-a-dia.

Nesta pesquisa, senti a obrigatoriedade de estabelecer um diálogo sobre como lidar com a morte de alguém muito próximo; como lidar com uma adolescente que desenvolve um quadro de comportamento autolesivo; como lidar com os fantasmas pessoais vindos de um casamento falhado ou de um noivado anulado, que devem ser exorcizados, ou não; como lidar com as crises pessoais implicadas por uma infertilidade que motiva uma separação e implica uma infidelidade envolvendo uma amiga íntima; e como lidar com a incapacidade de ajudar alguém muito próximo e de quem se jurou ser cuidador e estar presente, sempre.

Por sentir que “um poema humano deve falar da vida”, depois de ter escrito e visualizado, virtualmente, algumas das supostas cenas marcantes, compreendi que o que estava formalmente em causa era falar da vida.

Num breve diálogo com o filme *L’Atalante* (1934), dirigido por Jean Vigo, que começa com a catedral de pedra – algo firme, sólido e estático – para depois viajar ao longo do rio e acabar no mar alto como um sonho de aventuras e liberdade, achei por bem começar com a Morte para poder falar da Vida. Escolhi abordar Fantasmas pessoais e Crises pessoais porque queria intuir a realidade e o sentir que possivelmente existem nos armários de cada personagem, terminando com Desafios para também almejar esse sonho de pequenas aventuras e alguma liberdade.

IV. O Argumento

1. *Texto e filme*

A escrita, como ponto de partida para o desenvolvimento de uma história, desempenha um papel fundamental na criação de qualquer obra audiovisual. Assim sendo, faz todo o sentido procurar primeiro entender alguns processos de criação de sentido na linguagem cinematográfica. Segundo Rita Benis (Benis, 2020), as experiências estéticas do cinema estruturam-se em torno do princípio de *Ordo ab Chaos*, ou seja, de uma progressão do caos à ordem; e, neste sentido, o cinema é «onírico pela elementaridade dos seus arquétipos, [e] narrativo pelo enunciado do seu movimento» (Benis, 2020: 117). Segundo a mesma autora, o argumento cinematográfico (enquanto prévio ao filme) entrecruza aspetos técnicos e poéticos. E, no que respeita à leitura do argumento cinematográfico (enquanto filme por vir), esta torna-se numa experiência interativa e colaborativa que, de certa forma, dá vida à «tensão pairante entre texto escrito e imagem em movimento» (*idem*: 117). O argumento cinematográfico não é, assim, de forma alguma, um texto fechado, mas sim algo capaz de evoluir, expandir e ser adaptado às necessidades dos diferentes agentes envolvidos na produção de um filme. Vejamos o que é, resumidamente, o argumento enquanto texto, segundo a autora:

Pode dizer-se que se trata de um texto escrito elaborado com o objetivo de servir de base à produção de uma obra cinematográfica; isto é, um texto que reúne um conjunto de propostas para a visualização de uma determinada ideia, assunto ou narrativa, na forma de imagem em movimento/imagem cinematográfica. (*Idem*: 118)

Segundo Rita Benis, que cita Paulo Filipe Monteiro (Monteiro, 1995: 591), em Portugal é frequente o uso dos termos "argumento cinematográfico" e "guião cinematográfico" para designar o mesmo tipo de texto, embora seja ainda comum ver o uso da palavra "argumento" associado ao cinema enquanto arte e o uso da palavra "guião" associado à produção televisiva (Benis, 2020: 118). Ainda segundo a autora, a singularidade do argumento cinematográfico (aqui em diálogo com a sua configuração) desperta e estimula a percepção do leitor para as imagens cinematográficas, promovendo a visualização de ideias cinematográficas, ou seja, algo que transcende os chamados "arcos" de personagens ou os *plots* narrativos (Benis, 2020: 120). Para Benis, apesar de o ato de leitura de um argumento poder pôr em prática formas de leitura capazes de desmontar a unidade do argumento, a sua inerente vocação de ritmo e imagens poderosas pode remetê-lo para leituras literárias, e mesmo do universo da poesia (Benis, *ibidem*).

O argumento cinematográfico compreende a agregação de uma série de fragmentos (por vezes intuídos numa cena, numa imagem ou numa frase) que acabam por criar «uma tensão geradora de ritmos, imagens e intuições, do filme por vir» (*Idem*: 124). A liberdade estética de explorar "a progressão do caos à ordem" de Rita Benis (Benis, 2020: 117), no meu entender, também dialoga com a necessidade de oferecer ao público uma narrativa que – apesar de poder estar aberta a interpretações –, não comprometa a jornada emocional e conceitual pretendida.

2. A proposta de Syd Field

Para Syd Field (1982), o argumento não é mais do que uma história contada em diálogos e descrições. Segundo o autor, «A estrutura dramática do roteiro pode ser definida como uma organização linear de incidentes ou eventos interrelacionados que conduzem a uma resolução dramática» (Field, 1982: 17). Sendo uma história, nela estará sempre inerente uma apresentação, uma confrontação e uma resolução; terá sempre um início, um meio e um fim.

Field enfatiza o conceito de «estrutura de três atos» e a importância do conflito para manter o espectador interessado e projetar a história na direção da sua resolução. Segundo o autor, esta estrutura linear constitui a forma do argumento — forma privilegiada de escrita de um projeto cinematográfico, segundo resulta do seu levantamento e análise de filmes e dos seus respetivos argumentos.

Em relação à estrutura de três atos, podemos dizer, resumindo, que o Ato I, ou início, segundo Field, é uma unidade de ação dramática conhecida como apresentação, com aproximadamente trinta páginas, sendo que, nas dez primeiras páginas – a parte mais importante do argumento, diz este autor –, o argumentista deve dar a conhecer quem é o seu personagem principal, do que trata a história e as circunstâncias em torno da ação, ou seja, a premissa e a situação dramática.

No contexto do guião *A Noite Já Não É Uma Criança*, podemos dizer que o Ato I contempla a sequência identificada com os subtítulo “O Dia do Adeus”. Ficamos a saber, no início, que Domingas, Duducha e Tereza são as protagonistas, embora a história gravite à volta de Domingas. Ao longo do primeiro ato, ficamos a saber que a premissa dramática do filme está relacionada com o comportamento autolesivo de Domingas. E é esta premissa que «fornece o impulso dramático que move a história para a sua conclusão» (Field, 1982: 14).

O Ato II, ou meio, ainda segundo Field, é uma unidade de ação dramática conhecida como confrontação, onde o personagem principal enfrenta uma série de obstáculos que o impedem de alcançar a sua necessidade dramática, ou seja, aquilo que o personagem principal quer vencer, ganhar, ter ou alcançar durante a história narrada.

Ainda no contexto deste argumento, o Ato II, o mais extenso, contempla as várias sequências identificadas com os subtítulos “A Nova Morada”, “Terapia”, “O Dom”, “O Passado”, “Receita Poética”, “O Almoço”, “Saúde Mental”, “Não Esconda Nada” e “Anjo da Guarda”. Este segundo ato retrata as vivências das três personagens principais, mostrando as tensões e desafios enfrentados: o desafio de Duducha e de Tereza para proporcionar um ambiente familiar e acolhedor a Domingas, mediante atividades em conjunto, acompanhamento na

terapia, partilha de histórias e receitas de culinária, desde o primeiro dia; o desafio que consiste em enfrentar e partilhar as memórias de um passado doloroso, como um divórcio sentido na pele e o rompimento de um noivado que, não tendo ocorrido, não se deveu isso a falta de amor. Tudo isto para sedimentar vivências e assim dar ferramentas para o enquadramento social da adolescente.

Já o Ato III, ou resolução, segundo Field, é uma unidade de ação dramática que vai desde o fim do Ato II até ao fim da história. Segundo o autor, resolução significa a solução da história: se o personagem principal alcançou ou não o que queria, se sobreviveu ou não. O Ato III resolve a história.

Em relação ao Ato III, ou resolução, podemos dizer que as duas últimas sequências, identificadas com os subtítulos “Automutilação” e “A Noite Já Não é Uma Criança” (que é também título do filme), servem o propósito de resolução da história. O grande momento de tensão, relacionado tanto com a automutilação de Carla no refeitório como com a transformação de Domingas na casa de banho da escola, dialoga de perto com o clímax desta história. Podemos argumentar que foi alcançada a grande premissa dramática do filme: ajudar a adolescente Domingas a superar a sensação de abandono e afastamento que parece persegui-la; e também a ganhar algumas ferramentas para controlar a sua ansiedade, apesar de continuar a fazer terapia. Tanto Duducha como Tereza acabam por ter evoluções pessoais: Duducha começa a relacionar-se com um passado que deixara de ser já assunto, e Tereza dá início à escrita do primeiro capítulo de um romance há muito adiado. O argumento só não encerrou completamente estes assuntos porque o propósito era ver *a vida a acontecer*, com uma verdade intuída a partir das vivências do dia-a-dia.

2.1 Ponto de virada

Para Field, «Um ponto de virada (plot point) é qualquer incidente, episódio ou evento que 'engancha' na ação e a reverte noutra direção» (Field, 1982: 16). Neste sentido, qualquer argumento terá dois “pontos de virada” importantes, que são funções do personagem principal. Segundo o autor, «Antes de poder começar a escrever o seu roteiro, você tem que saber quatro coisas: a abertura, o ponto de virada no fim do Ato I, o ponto de virada no fim do Ato II e o final»

(Field, 1982: 88). Para o autor, todos os guiões obedecem a este paradigma, sendo que o paradigma é uma forma e não uma fórmula.

Podemos argumentar que, no argumento *A Noite Já Não É Uma Criança*, o primeiro ponto de viragem acontece no fim da sequência identificada com o subtítulo “O Dia do Adeus”, na cena 15, quando a Duducha argumenta que “a menina Tereza também é família” e, por isso, devem partir. Isto leva-nos à sequência “Nova Morada”, em que a Duducha e a Domingas deixam Corroios e partem para a casa de Campo de Ourique.

O segundo ponto de viragem acontece no fim da sequência identificada com o subtítulo “Automutilação”, na cena 136, quando Domingas diz que “sabe que o corte que a Carla fez não foi profundo e que a Carla caminhou sozinha até à ambulância. Mas o que a faz dizer que a Carla vai ficar bem é o facto de ela sentir que a Carla vai começar a ficar boa”. Pelo historial da adolescente, sabemos que o sentir de Domingas dialoga com uma verdade prestes a acontecer, lançando por terra a última preocupação de Domingas.

V. Cena, formato, técnicas de base

1. Formato

Segundo Syd Field, a cena é o elemento isolado mais importante do guião, uma unidade específica de ação. É onde algo concreto acontece e, nesse sentido, é a própria história que determina quão longa ou curta será a cena. A uma sequência de cenas, entendidas como uma unidade de ação dramática unidas por uma única ideia, dá-se o nome de sequência. A cena revela sempre algum elemento de informação da história, na medida em que «o propósito da cena é mover a história adiante» (Field, 1982: 116).

Quanto à forma da cena no guião, segundo o autor, devemos considerar o lugar e o tempo, na medida em que todas as cenas decorrem no interior ou no exterior de um lugar específico e num determinado tempo, seja de dia ou de noite. Assim, utilizaremos INT para interior e EXT para exterior. Uma cena numa sala de jantar, à noite, terá a seguinte forma: INT. SALA DE JANTAR – NOITE.

Sempre que mudamos de lugar ou tempo, estamos perante uma nova cena (Field, 1982).

Exemplo de formatação de uma cena no guião:

INT. HOSPITAL DOS CAPUCHOS. CONSULTÓRIO - DIA

TEREZA (41) arruma as radiografias e olha para o relógio na parede. São 08h05. Retira a bata e aproxima-se da porta da sala ao lado, sem entrar.

TEREZA

Bom fim de semana para todos.

MÉDICA (Off)

Bom fim de semana, Tereza. Os outros já saíram. Vais direto ao funeral, ou ainda tens tempo para passar em casa e descansar um pouco?

TEREZA

Vou passar por casa, mas não vai dar para descansar. Adeus!

Para facilitar, tanto a identificação da mudança de cena, assim como localizar informações pertinentes para a construção da mesma, toda esta informação deve estar em caixa alta. Podemos dizer que este formato ajuda a estruturar a narrativa, nomeadamente na economia de cenários. Depois temos a descrição da ação, ou seja, o que acontece visualmente na cena. No sentido de estabelecer as personagens, as mesmas devem ser indicadas com o nome

em maiúsculas na primeira vez que aparecem, a idade, e, caso pertinente, algumas descrições físicas. Neste exemplo, muito simples, constatamos que a nossa personagem chama-se Tereza, é médica no Hospital Dos Capuchos e tem 41 anos de idade. Também podemos dizer que ela mostra ser simpática e estar com alguma pressa. Todo o diálogo está centralizado e identifica a personagem que fala. No caso da fala da outra médica, a indicação (Off.) ao lado do nome de uma personagem significa "fora de cena", ou seja, a personagem não está visível na cena no momento em que a fala.

Ainda segundo Syd Field, uma cena, tal como um guião, é construída em termos de início, meio e fim, podendo também ser apresentada apenas com uma parte desse todo. Geralmente, numa cena acontece algo visual, como uma sequência de ação, ou simplesmente uma cena de diálogo, sendo que a maioria das cenas combina os dois elementos: diálogo e ação. Segundo o autor, o *flashback* pode ser utilizado para expandir a compreensão da história, mas deve ser usado com muita criatividade, na medida em que é frequentemente visto como um recurso fácil.

Field argumenta que, ao criar contexto – entendido como propósito, local e tempo –, o conteúdo surge naturalmente. Ou seja, «você determina um propósito dramático e pode construir a sua cena frase a frase, ação por ação» (Field, 1982: 119)

2. Linha temporal das personagens

A narrativa cronológica do guião decorre durante o ano de 2019. Neste sentido, o argumento faz uso do recurso de **flashbacks** para interromper cronologicamente a narrativa. Assim sendo, foi uma mais-valia a criação de uma linha temporal das personagens.

1942	Nascimento do Senhor Otaviano, pai da Tereza
1947	Nascimento da Dona Fernanda, mãe da Tereza
1953	Nascimento da Duducha (1 de abril)
1978	Nascimento da Tereza (25 de fevereiro)
1982	Conversa entre Duducha e o Tio Gregório (Tio do Benvindo)
1982	Duducha desmancha o noivado com Benvindo.
1982	Duducha começa a trabalhar na casa de Tereza (meses depois)
1985	Dona Fernanda publicação o primeiro conto
1991	Dona Fernanda é convidada para ler um conto Liceu
1994	Visita da Bitá
1997	Duducha compra o apartamento em Corroios
2003	Nascimento da Domingas (15 de agosto)
2005	Tereza forma-se em medicina, Lisboa
2007	Tereza junta-se com Carlos (na casa oferecida pelo pai)
2009	A Tereza casa-se com Carlos.
2010	Falecimento do Senhor Otaviano (pai da Tereza)
2013	Chegada de Domingas em Portugal
2013	Falecimento da Dona Fernanda (mãe da Tereza)
2015	Tereza divorcia-se de Carlos
2017	Joana adoece (mãe de Domingas)
2019	Funeral da Joana – Início do Filme

3. Espaços dramáticos

Em relação aos espaços dramáticos, no argumento, temos como espaços interiores: a casa de Corroios, o Serviço de Urgência do Hospital dos Capuchos, a casa de Campo de Ourique, a casa de Nhá Maria em Mindelo, a Escola Secundária Pedro Nunes, o auditório da escola, o metro, o cacilheiro, o consultório da psicóloga Cristina, o supermercado e o restaurante da Lucy.

E, em relação aos espaços exteriores, temos: a rua de Corroios, o pontão do Ginjal, Cacilhas, o rio Tejo, o pátio do hospital, o tabuleiro da Ponte 25 de Abril, a Alameda de Guerra Junqueiro, o cemitério Vale Flores, a rua da Domingas em Mindelo, uma rua de Campo de Ourique e todos os espaços da viagem de carro da Escola Secundária Pedro Nunes até Picoas — passando pelo Jardim da Estrela, Praça do Marquês de Pombal e Avenida Fontes Pereira de Melo.

Os espaços interiores integram outros espaços importantes da narrativa. Assim sendo, e a título de exemplo, temos a casa de Campo de Ourique e a Escola Secundária Pedro Nunes.

A casa de Campo de Ourique pertencia aos pais da médica Tereza, pessoas da classe média alta. É um andar situado em Lisboa, no terceiro piso de um prédio numa zona privilegiada de Campo de Ourique. Na narrativa, a casa tem três quartos, um corredor, uma cozinha bem apetrechada, uma sala comum ampla, uma casa de banho e uma varanda. O espaço privilegiado da narrativa é a sala comum, com portas de vidro que dão acesso à varanda. A sala ocupa o espaço de duas divisões e nela encontramos a espaçosa mesa de madeira com cadeiras confortáveis, o sofá grande com almofadas coloridas e uma pequena mesa redonda com molduras fotográficas de familiares próximos. Este espaço funciona como zona de refeições, zona de estar e lazer.

O quarto da Tereza, como quarto principal da casa, apresenta um estilo minimalista e elegante, com cama de casal e quadros discretos. O quarto de Duducha e Domingas também apresenta um estilo minimalista, com duas camas de corpo e meio, entre outros adereços.

Em relação à Escola Secundária Pedro Nunes, na narrativa temos: uma sala de aula com mesas, cadeiras, secretária dos docentes e quadro escolar; o corredor que dá acesso a essa mesma sala; um refeitório escolar com mesas e cadeiras, balcão de exposição das refeições e cozinha própria — neste espaço

ocorre a cena de automutilação com sangue, executada pela Carla; uma casa de banho escolar com espelhos grandes, para a cena icónica em que Domingas consegue controlar a sua ansiedade; um ginásio exterior com bancadas de cimento e um recanto onde se dão as conversas e os momentos de isolamento da Domingas e da Carla; e a entrada da escola, com a cena da ambulância.

VI. Conclusão

Pesquisando nas minhas referências visuais (aqui em diálogo com as cenas que queria ver no filme), lembrei-me de que, em tempos, tinha proporcionado o encontro entre um casal português que tinha uma filha adolescente e uma cabo-verdiana, recentemente chegada a Portugal e à procura de trabalho. Cerca de vinte anos depois, vim a saber que a cabo-verdiana ainda trabalha na mesma casa. Dialoguei com uma situação de duas amigas com grande diferença de idades, mas cujo bom trato as levava a dizer serem “irmãs de pai e mãe diferentes”, e estabeleci a relação pretendida com a Duducha e a Tereza.

Outras personagens, baseadas em pessoas reais com quem privei de alguma forma ao longo da vida, foram entrando nesse diálogo de escrita visual. Uma amiga de infância que explora um restaurante num clube de futebol permitiu-me criar a Lucinda. Senti que faltava uma colega da mesma escola da Domingas, com um problema de automutilação e tendências suicidas; uma personagem capaz de trazer o outro lado do problema de comportamento autolesivo e o enquadramento familiar dessa personagem. Surgiu um marido e um divórcio, um noivo e a interrupção do noivado. Acompanhado pela filha, um fantasma do passado da Duducha, vindo diretamente da Argentina, deu à costa no supermercado onde Duducha faz as compras. E, como quem é vivo sempre aparece, nem que seja num futuro próximo, no diário da Domingas ficamos a saber que a saudade também tem cura: o pai de Domingas, acompanhado de Nhá Maria, resolve fazer uma surpresa no dia em que Domingas completa as dezasseis primaveras; e a amiga de infância da Tereza vai dar à luz não um menino, mas sim uma menina, entre outras revelações.

Fui aconselhado no processo de orientação a criar uma lista de todas as cenas que queria ver no filme. Assim sendo, comecei a escrever o que fazia sentido para mim, enquanto apelava à minha suposta capacidade de contador de histórias, com alguma experiência em festivais de narração oral. O ponto de partida era, simplesmente, escrever cenas que eu fosse capaz de visualizar mentalmente, ou seja, cenas que permitissem construir o filme virtual, do qual sou o único responsável.

No processo de escrita da primeira sequência, intitulada “O Dia do Adeus”, foram criadas várias sequências menores, de forma a garantir o controlo que a narração exigia. Comecei com uma sequência da Domingas e da Duducha, na casa de Corroios, seguida de uma sequência da Tereza no hospital, outra da Domingas e da Duducha na igreja, e, posteriormente, outras sequências pertinentes. Depois da sequência do funeral e do almoço das condolências na associação, terminei com uma sequência da Domingas e da Duducha no ponto de partida, na casa de Corroios. De sequência de cens em sequência de cenas, fui construindo as outras sequências maiores, com a função de capítulos. Neste contexto, o argumento agrupa um total de 12 Capítulos: “O Dia do Adeus”, “Nova Morada”, “Terapia”, “O Dom”, “O Passado”, “Receita Poética”, “O Almoço”, “Saúde Mental”, “Não Esconda Nada”, “Anjo da Guarda”, “Automutilação” e “A Noite Já Não É Uma Criança”.

Segundo Doc Comparato, «Às vezes começamos uma sinopse deslumbrados por uma personagem e só depois procuramos a história; outras vezes acontece exatamente o contrário» (Comparato, 2004, p. 86).

Pensado inicialmente como um exercício para a escrita de uma curta-metragem, o argumento inicial — *Domingas, a Pequena Cozinheira* — surgiu a partir da ideia de uma personagem e um conflito: uma adolescente a viver longe da sua terra natal e com jeito para a cozinha. Em diálogo com Syd Field, que argumenta que, tratando-se de um filme, podemos dramatizar ou, mesmo, dramatizar contra a corrente, compreendi que “só jeito para a cozinha” seria insuficiente. Esse “muito jeito para a cozinha” dialogou com as “estórias” da terra e ficou intuído num Dom que salta uma geração; neste caso, da avó para a neta.

Mas Domingas não pode ser apenas uma adolescente fora da sua terra natal. Quem são os pais de Domingas, os avós, os tios, ou seja, os familiares com alguma relevância na vida da adolescente? O que leva uma adolescente a sair da sua terra? E quem ficou na terra que possa ser importante para a vida da adolescente? Aqui existe um diálogo inconsciente com aqueles que recebem e cuidam de outros parentes (quem me recebeu, em Almada, quando cheguei de Cabo Verde, foi a minha tia, Duducha, irmã da minha mãe). E, mais importante ainda, com quem veio a adolescente ficar em Portugal?

Compreendi que a história podia muito bem dialogar com Almada, Corroios, Campo de Ourique, Lisboa e Tomar, em particular. São sítios que conheço. E escrever sobre aquilo que conhecemos também faz sentido, recordando aqui os ensinamentos do Professor Hermano Carmo (2024).

A grande maioria dos adolescentes deixam a terra natal devido a questões de "reagrupamento familiar". E juntar-se à mãe, que já vivia em Portugal, servia muito bem o propósito; assim como a avó, Nhá Maria, que ficara em Cabo Verde e com quem Domingas sempre vivera e amava, podia ser o grande elo de ligação à terra natal (A minha mãe emigrou para a Holanda quando eu tinha quatro anos e sempre vivi com a minha avó, Mamã Maria; deve ser coincidência).

A adolescente Domingas é arrancada da sua terra natal e obrigada a deixar a sua querida avó e os amigos para se juntar à mãe em Portugal. Também no sentido de dramatizar, procurei forçar dificuldades à nossa protagonista. Pesquisei e, mediante factos reais de adolescentes que perderam o pai ou a mãe, cheguei à morte para dar vida à história, que começa no dia do funeral da mãe da adolescente. Automaticamente, foi acrescentado o facto de ela ter de ficar ao cuidado de uma tia-avó. Com estes elementos-base, criou-se uma primeira *storyline* que permitiu desenvolver uma pequena sinopse e criar o *background* das personagens principais: Domingas, Duducha e Tereza.

Para finalizar, e em diálogo com os autores Jean-Claude Carrière e Pascal Bonitzer, acredito, de uma forma ainda imperfeita, estar a assistir à primeira exibição do filme que estou a imaginar (Carrière e Bonitzer, 1991).

VII. Texto de Intenção de Realização

A essência deste argumento reside na autenticidade das relações entre as personagens. Ensaios e exercícios de improvisação controlada permitirão que os atores explorem nuances emocionais e gestos quotidianos conectados à verdade de cada personagem.

Este esquema de enredo coral — sobre cura, superação e reconstrução de laços familiares fora do modelo convencional — está centrado tanto na jornada da Domingas em busca de cura e pertencimento, como na resiliência afetiva de Duducha, que acaba por desenterrar dissabores antigos de forma saudável; e na determinação e busca criativa de Tereza. Três mulheres de idades e origens distintas que redefinem o significado de família e acolhimento.

A abordagem visual deve refletir essa complexidade emocional, oscilando entre intimidade e fluidez. A escolha de planos e movimentos de câmara deve ser conduzida pela necessidade de revelar o estado emocional das personagens. A combinação de uma única tomada fixa em plano aberto com planos fechados para diálogos e reações é uma estratégia que permite estabelecer o contexto e manter a autenticidade da cena. Uma outra mais valia, pode ser a proposta de uma construção que envolva deslocamento no espaço, permitindo que ambiente e personagens se descubram mutuamente. Neste sentido, câmaras de mão discretas podem acompanhar interações espontâneas, criando proximidade. Nos dois casos, o uso de planos médios e fechados permitem reforçar emoções específicas, destacar diálogos, valorizar o tempo da cena e evitar cortes bruscos.

A transição entre Cabo Verde e Lisboa pode ser marcada por contraste cromático, de textura e temperatura de cor. Tons quentes e luz natural difusa reforçam a memória e o afeto intuídos nas vivências de Domingas em Cabo Verde. Em Lisboa, a frieza inicial das tonalidades azuladas pode ser alterada gradualmente para uma luz menos fria, de forma a acompanhar o percurso de integração da protagonista. Cada espaço dramático carrega carga simbólica traduzida visualmente.

Na Sala de estar em Campo de Ourique, a luz natural quente do dia, suavizada por cortinas translúcidas, mistura-se com nuances frias nas zonas de sombra,

num misto de equilíbrio entre acolhimento e distanciamento emocional inicial de Domingas. Durante a noite, luzes práticas como abajures e lustres proporcionam um ambiente intimista e caloroso (2700K-3000K), e luz de preenchimento suave para evitar sombras duras nos rostos durante diálogos.

O Refeitório da escola representa um espaço de exposição e fragilidade. Nesse sentido a iluminação será predominantemente fria, combinando luz natural dura das janelas com fluorescentes (4500K-5000K). Na cena de automutilação de Carla, a luz lateral dura criará sombras marcadas, o que permite isolar a personagem do ambiente e intensificar a tensão psicológica.

A Casa de banho da escola, embora possa ser visto como um espaço de refúgio interno, deve ser marcada com uma iluminação impessoal de luz fluorescente fria (5500K) refletida nos espelhos de forma a criar um efeito ligeiramente introspetivo.

No Cemitério Vale Flores, a iluminação deve simular um céu nublado, mediante grandes difusores para criar um ambiente homogêneo e melancólico. Assim mesmo, ligeiramente suavizado com refletores laterais ou luz LED fria (5600K) de forma a criar uma atmosfera de luto sem cair em uma estética exageradamente sombria.

No Hospital dos Capuchos, a frieza clínica será traduzida por iluminação fluorescente azulada (6000K), explorando possíveis sombras duras para criar profundidade visual e ressaltar a sensação de vulnerabilidade do ambiente hospitalar.

A travessia do Tejo depende fortemente da luz natural. Os filtros de densidade neutra (ND) permitem equilibrar a exposição de forma que os rostos das personagens sejam destacados sem sacrificar a textura visual do ambiente.

Em Cabo Verde, o uso de grandes difusores e refletores laterais, nas cenas exteriores ajudam a proporcionar o realismo desejado. E uma iluminação lateral dura ou semi-difusa, permite a criação de profundidade e naturalismo, nas cenas exteriores.

A cena da viagem de carro, por exemplo, pode ser valorizada como um momento de olhares, em planos fechados, e sem diálogos explosivos. O reflexo das tias

no espelho retrovisor sobre Domingas, e o olhar da adolescente sobre a cidade através da janela do carro, transmite a transformação interna de Domingas, intuído num sentimento crescente de que “a noite já não é uma criança”.

Os equipamentos devem ser escolhidos em função da versatilidade, favorecendo luzes LED ajustáveis, grandes difusores para equilibrar a exposição e lentes que permitam uma captação naturalista sem necessidade de manipulações excessivas na pós-produção.

Esta proposta pretende não apenas consolidar uma visão artística e técnica do projeto, mas também garantir que cada escolha estética esteja diretamente conectada à psicologia das personagens e à evolução da narrativa.

VIII. BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia citada/referenciada

Benis, R. (2020). Argumento cinematográfico e imagem em movimento: Sobre o uso (leitura) que dá vida ao escrito. In E. Marques & R. Benis (Orgs.), *Escrita e imagem* (pp. 117–131). Documenta.

Carrière, J.-C., & Bonitzer, P. (1991). *Práctica del guión cinematográfico*. Barcelona: Paidós.

Comparato, D. (2004). *Da criação ao guião*. Editora Pergaminho.

Cordeiro, E. (2023, 9 a 22 de agosto). A escrita para cinema e a literatura. *Jornal de Letras*, 11–12.

Field, S. (1982). *Manual do roteiro*. Editora Objetiva.

Howard, D., & Mabley, E. (1993). *The tools of screenwriting: A writer's guide to the craft and elements of a screenplay*. St. Martin's Griffin.

2. Bibliografia consultada

Carrière, J.-C. (1994). *A linguagem secreta do cinema*. Nova Fronteira.

Charley, L. (1995). *Cinema and the invention of modern life*. University of California Press.

Deleuze, G. (n.d.). *Essays critical and clinical*. University of Minnesota Press.

Ferreira, A. M. (2004). *Narrativa literária e narrativa fílmica*. Almedina.

Haro, F. (2009). *Écrire un scénario pour le cinéma*. Groupe Eyrolles.

Lavandier, Y. (2019). *La dramaturgie: L'art du récit*. Les Impressions Nouvelles.

Maia, T. (2016). *O olho divino: Beckett e o cinema*. Documenta.

Rabiger, M. (2006). *Developing story ideas*. Focal Press.

Rowland, C., & Bértolo, J. (Eds.). (2015). *A escrita do cinema: Ensaios*. Sistema Solar (Documenta).

Truby, J., & Vilallonga, E. (2007). *Anatomía del guión*. Alba Editorial.

Wood, J. (2020). *Como funciona a ficção* (A. Trad., Trad.). Editora Sextante.

3. Bibliografia complementar

Adorno, T. W. (1993). *Teoria estética*. Edições 70.

Almeida, G. (1994). *A ilha fantástica*. Ilhéu Editora.

- Bettelheim, B. (2013). *Psicanálise dos contos de fadas*. Bertrand Editora.
- Cardoso Martins, R., & Medina, E. . *Causa própria* (1º episódio) Portugal: RTP.
- Figueira, M. B. (1968). *Narrativas e contos cabo-verdianos*. Instituto de Reeducação Padre António de Oliveira.
- Kundera, M. (1988). *The art of the novel*. Grove Press.
- Lavandier, Y. (1994). *La dramaturgie*. Le Clown & l'Enfant.
- Rabiger, M. (2016). *Developing story ideas* (3ª ed.). Routledge.
- Tudor, A. (2009). *Teorias do cinema*. Edições 70.
- Truby, J., & Vilallonga, E. (2007). *Anatomía del guion* (E. Vilallonga, Trad.). Alba Editorial.
- Xavier, I. (1983). *A experiência do cinema: Antologia*. Edições Graal.

A NOITE JÁ NÃO É UMA CRIANÇA

Escrito por

CORSINO FORTES

Aluno a22207198
Phone 962865030
E-mail corsino.alberto@gmail.com

1 INT. CASA DE CORROIOS. QUARTO DE DORMIR - NOITE 1

DOMINGAS (15) está encostada à cabeceira da cama, a olhar para o vazio.

SUBTÍTULO: "O DIA DO ADEUS"

DUDUCHA (66), virada de costas, dorme na cama ao lado. Domingas pressiona as unhas do polegar contra um dos pulsos, deixando marcas.

Duducha acorda, vira-se e repara que a cama da adolescente está vazia, levanta-se e olha para o relógio. São 06h30.

2 INT. CASA DE CORROIOS. COZINHA - NOITE 2

Junto à janela da cozinha, ainda de roupão, Domingas contempla a rua e a noite.

Duducha entra na cozinha.

DUDUCHA

Bom dia!

DOMINGAS

Bom dia, Tia.

Duducha aproxima-se, abraça e beija a Domingas, na face.

DUDUCHA

Pelos vistos, não dormiste grande coisa.

DOMINGAS

Cheguei a dormir um pouco, tia.

Duducha repara num copo de água em cima da mesa.

DUDUCHA

Vou fazer chá verde. É bom para relaxar.

A água começa a ferver e o fervedor desliga-se. Duducha despeja água quente nas chávenas e de seguida coloca os saquinhos de chá verde. Duducha coloca um pouco de água fria na sua chávena. Domingas puxa uma cadeira e senta-se.

DUDUCHA

(olhando para Domingas)

Também queres um pouco de água fria no chá?

DOMINGAS

Pode ser, Tia.

Duducha coloca água fria na chávena de Domingas.

DUDUCHA

Hoje, vai ser um dia longo. Mas as saudades e as lembranças, são sentimentos que ficam para sempre...

(Pausa)

Como eu adorava a minha querida sobrinha, e afilhada! Fui eu que baptizei a tua mãe. Sabias?

DOMINGAS

Sim, tia. Eu sabia que também eras a madrinha da minha mãe.

DUDUCHA

(Olhando para a janela)

Olha, o dia já começou a amanhecer.

Sabes, querida. A tua mãe era um anjo. A minha irmã soube criar a filha dela.

As duas levantam-se e aproximam-se da janela da cozinha. As suas faces são iluminadas pelos primeiros raios de sol desse dia.

DOMINGAS

Tia, acho que vou descansar um pouco.

Domingas e Duducha afastam-se e as janelas continuam a ser iluminadas pela luz do sol.

DUDUCHA (OFF)

O funeral é só às 11 horas. Ainda temos tempo para descansar um pouco.

3 INT. HOSPITAL DOS CAPUCHOS. CONSULTÓRIO - DIA

3

TEREZA (41) arruma as radiografias e olha para o relógio na parede. São 08h05. Retira a bata e aproxima-se da porta da sala ao lado, sem entrar.

TEREZA

Bom fim de semana para todos.

MÉDICA (OFF)

Bom fim de semana, Tereza. Os outros já saíram. Vais direto ao funeral, ou ainda tens tempo para passar em casa e descansar um pouco?

TEREZA

Vou passar por casa, mas não vai dar para descansar. Adeus!

4 EXT. HOSPITAL DOS CAPUCHOS. EXTERIOR - DIA 4

Tereza sai do Serviço de Urgência com as chaves do carro na mão. Caminha e olha em frente, aponta as chaves e destranca as portas do carro.

5 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. - DIA 5

Tereza descalça os chinelos de banho e entra no poliban. Abre a torneira e começa por molhar os cabelos e a face.

Tereza entra no quarto. Em cima da cama está um vestido escuro, e no chão, uns sapatos pretos.

6 EXT. PONTE 25 DE ABRIL - DIA 6

Ao longe, minúsculos carros atravessam a ponte 25 de Abril.

RÁDIO (OFF)

São 9 horas e 30 minutos. Acidente leve próximo à saída para Alcântara implica trânsito intenso no sentido Almada-Lisboa, com tempo médio de travessia a rondar os 30 minutos. No sentido contrário, Lisboa-Almada, o trânsito está fluido e sem paragens. Tenham todos um excelente dia e conduzam com muito cuidado.

Na ponte, Tereza repara na estátua icónica do Cristo Rei e depois na placa que diz Almada.

7 EXT. IGREJA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. LARANJEIRO - DIA 7

Domingas está sentada num dos bancos exteriores do balcão que dá acesso à sala de velório, anexa à Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Laranjeiro. Duducha sai da sala de velório e junta-se à sobrinha. Uma mão com luvas brancas segura a pega do caixão. Duducha e Domingas observam o caixão a ser transportado para dentro do carro funerário.

8 EXT. ALAMEDA DE GUERRA JUNQUEIRO - DIA 8

Ao longe, o carro funerário sobe a Alameda De Guerra Junqueiro com o Cristo Rei no horizonte. Quase se confunde com a paisagem.

9 EXT. CEMITÉRIO VALE FLORES. ENTRADA - DIA 9

Tereza faz a curva e estaciona o carro no pequeno parque de estacionamento, frente ao cemitério. Tereza coloca os óculos de sol frente ao espelho retrovisor, sai da viatura e vai juntar-se às pessoas que aguardam o funeral.

Tereza reconhece o tocador de cavaquinho, que também reconhece Tereza e aproxima-se dela.

O tocador coloca a palheta branca entre a cabeça e as cordas do instrumento e os dois cumprimentam-se com um aperto de mão.

Tereza cumprimenta os outros músicos, acenando com a cabeça.

10 EXT - CEMITÉRIO VALE FLORES. DENTRO - DIA 10

O carro funerário entra no cemitério Vale Flores, no Feijó. Duducha e a adolescente, Domingas, descem do carro. Algumas pessoas aproximam-se para apresentar as condolências. Tereza aproxima-se e abraça e beija a Domingas e a Duducha.

TEREZA

(Olhando para a Duducha)
Infelizmente a Lucinda não vai conseguir vir ao funeral.

DUDUCHA

Sim. Ontem, ela foi ao velório.

TEREZA

Parece que teve um problema no
restaurante que só iria ser
resolvido hoje.

DUDUCHA

Mas ela disse que vinha almoçar
connosco, na associação.

11 EXT. CEMITÉRIO VALE FLORES. CORTEJO - DIA 11

Os músicos começam a posicionarem-se atrás do carro
funerário. Duducha e Domingas voltam a entrar no carro
funerário. O tocador de cavaquinho repara que a palheta já
não está entre as cordas e a cabeça do instrumento, olha
para o chão e retira uma palheta vermelha do bolso. O
violonista improvisa, baixinho, uma progressão de notas da
morna que vão interpretar.

ALGUEM (OFF)

Ninguém deveria morrer novo.
É injusto morrer antes da nossa
hora. Antes da Hora "di bai".

Algumas pessoas utilizam lenços brancos para assoar e
enxugar os olhos. O carro funerário começa a andar
lentamente. Todos acompanham o cortejo fúnebre. O
VIOLONISTA (40) anuncia a morna que vão executar.

VIOLONISTA

Arca Azul de Paulino Vieira.

Ouvem-se soluços, lamentos e respirações mais
ofegantes. E também algum choro. O vocalista começa a
cantar. Algumas pessoas acompanham o vocalista, cantando
baixinho.

VOCALISTA

*Quem q'um amá ja dzem adeus
tcham bem sentá tcham bem tchorá
jam fca mi sô ness mundo
jal parti pa eternidade
olal ta ba na arca azul
sem pode oiá nhás lágrimas
onte d'note conde bô dzem
que bo tava ta medjorá
oh nha cretcheu
um sinti um felicidade
que ca ta cabem na coraçon
anjo di mal
bem quebram nha animação
ele levob di repente*

*el mergulham num sofrimento
se pam vivê ness tristeza
antes um crê morrê
pam ca lembrá na nha flor
que un ama tcheu...*

12

EXT. CEMITÉRIO VALE FLORES. PERTO DA COVA - DIA

12

O carro fúnebre, os músicos e os acompanhantes do cortejo param num local (mais aberto), a poucos metros da cova. O PADRE (50) aproxima-se do caixão segurando o seu livro de rituais romanos, junto ao peito.

PADRE

Irmãos. Embora estejamos aqui reunidos em tristeza, também estamos aqui reunidos para celebrar a vida e o legado de nossa estimada Joana. Que os momentos de alegria, as suas memórias e influências continuem a inspirar-nos a viver vidas significativas. Acreditamos que a Joana está agora em paz e a experimentar a alegria da presença de Deus. Que a Joana descanse em paz. Que a paz esteja em nossos corações. E que assim seja.

Domingas olha atentamente para o caixão e o monte de terra mesmo ao lado da cova aberta. E a coroa de margaridas brancas.

TODOS

(Em uma só voz)

Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso Nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia
nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em
tentação, mas livrai-nos do Mal.

Entre a tocatina e os choros, o caixão desce à terra.
Disfarçadamente, Domingas faz cortes nos pulsos com a
palheta branca, que depois deixa cair no chão.

VOCALISTA

*se pam vivê ness tristeza,
antes um crê morrê, pam ca lembrá
na nha flor que un amá tcheu.
se pam vivê ness tristeza
anjo di mal um ta pidi
que pa fogam la na mar azul
ma nha sodade ca ta cabá
já que um ca tem ote solução
tcham bem sentá tcham bem tchorá.*

13 EXT. ASSOCIAÇÃO CRETCHOU. COVA DA PIEDADE. - DIA 13

Tereza estaciona o carro em frente à Associação Cretchou. A Duducha, a Tereza, a Domingas e mais duas amigas da falecida saem do carro. As duas amigas fazem sinal de agradecimento com a cabeça e entram na Associação.

TEREZA

Não vou ficar para o almoço e
também não vou entrar. Foi uma
noite de banco de urgência muito
agitada, não tivemos um minuto
de descanso. Mas fico a aguardar
por vocês, em Campo de Ourique.

(olhando para Domingas)

Tu nunca estiveste lá em casa,
pois não?

DOMINGAS

Sim, Doutora! Estive uma vez com
a mãe, mas a Doutora não estava.

DUDUCHA

Nós vamos manter a tradição.
Almoçamos e continuamos a
receber as condolências aqui na
associação. A casa de Corroios é
muito pequena para tanta gente.
Já sabes, hoje ainda dormimos em
Corroios.

Tereza beija a Domingas.

TEREZA

(baixinho)

(olhando para a Domingas)
Eu prefiro que me chames de Tereza, ou Tia Tereza, se preferires.
(sorrindo)
Eu ficaria muito contente. Verdade! Amanhã não trabalho, estou em casa todo o dia.

14 INT. ASSOCIAÇÃO CRETCHEU. SALA DE CONVÍVIO - DIA 14

As pessoas conversam e almoçam. O ambiente já é um pouco mais descontraído. Os músicos, já sem os instrumentos, entram na sala de convívio da Associação. Domingas, com o prato na mão, conversa com pessoas muito mais velhas do que ela. Uma dessas pessoas também tem um prato na mão.

LUCINDA (40) entra na Associação e cumprimenta Duducha, que aponta para a Domingas. Lucinda olha para a Domingas.

LUCINDA
(Olhando para Duducha)
Só me despachei agora. Felizmente a bancada frigorífica já está arranjada. Diz-me uma coisa. Se a Joana morava em Corroios, por que é que o funeral não foi no cemitério de Santa Marta?

DUDUCHA
Sim, tens razão. Sabes, ela residiu algum tempo com uma amiga, em Almada, no Laranjeiro, e não chegou a alterar a morada.

LUCINDA
Ok. Soube que esteve muita gente no funeral. E que até teve tocadores a acompanhar.

DUDUCHA
Para o Caboverdiano, funeral é sagrado. Só não vem quem, na realidade, não pode. Tínhamos um amigo, o Faustino, que infelizmente já faleceu. Ele dizia sempre que "funeral tem música, grogue e comida e só cá tá bem, quem já bai". E só não vem quem já partiu.

Lucinda reconhece alguns dos músicos que estão a almoçar.

LUCINDA

Aquele não é o Armando Tito? E aquela parece ser a Ana Firmino. Vai haver mais tocatina?

DUDUCHA

Não. Normalmente, no funeral, Música só na hora de levar o corpo e na hora da descida do caixão à terra.

Lucinda aproxima-se e cumprimenta a Domingas.

LUCINDA

Antes de mais, os meus pêsames. Ontem estive no velório, mas não fiquei muito tempo por causa de problemas. E hoje, infelizmente, só pude vir agora. Mas não podia deixar de vir, claro. Nestas horas, temos de ter muita força.

DOMINGAS

Obrigada. Quer comer alguma coisa?

LUCINDA

Almocei antes de vir. Mais tarde, vou provar um pastel de milho. Não sei se sabe, mas a Joana costumava ajudar lá no restaurante.

DOMINGAS

(admirada)

Sim? Mas ela nunca gostou de cozinha!

LUCINDA

Ela servia às mesas. Tinha jeito para os clientes. Sabes? Ela chegou a organizar uma festa de Carnaval lá no restaurante. Tenho saudades desses tempos. Foi nessa festa que conheci o meu Nuno, acredita? Foi um episódio muito engraçado.

Lucinda olha atentamente para a Domingas.

LUCINDA

Desculpa. Estou a tentar ver
traços da tua mãe. Tens alguns.

Domingas esboça um pequeno sorriso.

DOMINGAS

Dizem que eu pareço muito mais
com o meu pai, mas eu não sei
dizer. Há muito tempo que não
temos notícias dele. Parece que
está em Angola.

LUCINDA

Angola! O meu Nuno trabalha em
Luanda, há mais de cinco anos.

Duducha aproxima-se da Domingas e da Lucinda.

DOMINGAS

Tia! Eu pareço mais com a minha
mãe ou com o meu pai?

DUDUCHA

Com a tua mãe, tenho certeza.
Embora eu nunca tenha cruzado com
o teu pai.

15 INT. CASA DE CORROIOS. QUARTO DE DORMIR - DIA 15

Duducha, já com a roupa de dormir, está sentada na cama a
hidratar o corpo creme no corpo. Domingas entra no quarto
com uma toalha de banho na cabeça e vestida com uma
camisola de manga comprida. Domingas senta-se na cama ao
lado.

DOMINGAS

Há muito tempo que não ando de
barco. Amanhã, podemos ir de
barco? Queria ver o mar.

DUDUCHA

(Sorrindo)

Mar? Só na Costa da Caparica! De
barco, só vês o Tejo.

DOMINGAS

Vamos via Cacilhas. Preciso ver
água, Tia. Muita água.

DUDUCHA

Sim, podemos ir, filha. Não temos quase nada para levar.

DOMINGAS

Tia! A que horas fazemos a chamada?

DUDUCHA

(olhando para as horas)
Fazemos agora. São duas horas de diferença, mas a casa da minha irmã já deve estar mais calma. Vamos manter a cara fresca e mostrar que...

DOMINGAS

Não vai valer de nada, Tia. Vamos todas chorar na mesma.

Duducha faz a ligação pelo WhatsApp em alta voz. Mal a imagem de NHÁ MARIA (68) aparece no écran do telemóvel, as lágrimas invadem o rosto de Domingas e Duducha. Nhá Maria observa serena.

NHÁ MARIA

(Devagar e com calma)
Antes de mais, boa noite. E agora Deixem-me ver as vossa caras como deve ser.

(pausa)

A tristeza é grande, mas tudo o que temos de fazer agora, é manter a calma e estar em família. Ouviram! Neste momento, tudo o que eu queria era ver as vossas caras, juntas. Uma ao lado da outra.

DOMINGAS

(em choros e soluços)
Mamã, nós estamos tristes mas estamos a aguentar. Mamã, não te esqueças de tomar os remédios para a tensão, por favor.

DUDUCHA

(com a voz fraca)
Sim Maria, estamos bem, estamos em família. Sim, depois falamos com mais vagar. A nossa Joana, que Deus tenha a sua alma!

NHÁ MARIA

Sim. Que Deus tenha a sua alma
(com dúvida)
Dá mantinhas à... espera... à Tereza.
Sim, o nome dela era Tereza. Ela
deve saber o que são mantinhas.

DUDUCHA

Sim, o nome é Tereza. Vou dizer-
lhe que mandas Mantinhas. Sim,
ela sabe que mantinhas são
cumprimentos.

Duducha desliga a chamada.

Domingas levanta a cabeça e olha para a tia. Duducha
segura as mãos da sobrinha.

DUDUCHA

Filha, nós podíamos ficar a viver
aqui em Corroios, assim como
viveste com a tua mãe, quase
cinco anos. Mas temos de estar em
família e a menina Tereza também
é família. Eu ajudei a criar
essa menina. E passámos por muita
coisa juntas. Um dia...

DOMINGAS

Tia, eu sei. Anda lá à cozinha
beber um copo de água. A Mamã
Maria costumava dizer que beber
um copo de água junto ao pote de
água fresca, sempre ajudava a
chamar o sono.

16 INT. CASA DE CORROIOS. COZINHA - NOITE

16

Ambas com copos de água nas mãos, junto à janela, a
observar a rua e a noite.

DUDUCHA

(olhando para a
sobrinha)

Sabes, filha. Eu também preciso
de ver o mar e pode ser o Tejo.

17 EXT. CACILHAS. GINJAL - DIA

17

Um cacilheiro atravessa o rio Tejo.

SUBTÍTULO: "A NOVA MORADA"

Duducha e Domingas caminham ao longo do Cais do Ginjal, observando pescadores e turistas. Uma fotógrafa e a ajudante fotografam uma noiva e o noivo.

DOMINGAS

Por que razão a tia não chegou a casar?

O cacilheiro atraca no cais de Cacilhas e os passageiros começam a sair.

DUDUCHA

Isso foi há muito tempo, que já nem me lembro, filha. Apanhamos o próximo barco que deve ser daqui a 30 minutos.

18 INT. NO CACILHEIRO JUNTO À JANELA - DIA 18

Domingas olha através da janela do cacilheiro. Vê a ponte 25 de Abril. Outros barcos. E o Tejo. A água do rio bate contra o casco do cacilheiro, formando ondas.

FLASHBACK

19 EXT. PRAIA DA LAGINHA. S.VICENTE - DIA 19

Uma concha rola na areia, acompanhando o movimento da onda que se quebra na praia. Domingas agarra a concha. Com o Monte Cara e a praia da Laginha como pano de fundo, Domingas corre para mostrar a concha à avó.

NHÁ MARIA

(ambas ao longe)

Essa é das grandes. Guarda para fazeres um colar.

20 EXT. CAMPO DE OURIQUE - DIA 20

O autocarro para na paragem e Domingas e Duducha saem do autocarro e caminham.

DUDUCHA

Chegámos a Campo de Ourique. Mais alguns minutos e estamos em casa.

Domingas olha para a loja de flores e para o Supermercado.

21 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. SALA COMUM - DIA 21

Da sala comum escutam-se ruídos de chaves a abrir a fechadura da porta do apartamento, o bater da porta, seguidos de passos no corredor. Duducha e a adolescente entram na sala comum. Duducha repara no arranjo floral com uma mistura de flores silvestres em cima da mesa da sala

DUDUCHA
Menina Tereza! Já chegámos.

A Duducha coloca as chaves na mesa pequena decorada com molduras de fotografias.

DUDUCHA
A Menina deve ter ido ao café.
Podes pôr as tuas coisas aqui na
mesinha das molduras.

Domingas aproxima-se da mesinha e olha para as molduras com fotografias de familiares da Tereza. Domingas repara numa moldura com uma fotografia feita em Cabo Verde. E reconhece a avó, a sua falecida mãe, a tia Duducha e a Tereza.

Tereza entra na sala.

TEREZA
Bom dia!

DUDUCHA
Bom dia. Pensei que estivesses no
café.

DOMINGAS
Bom dia, Tia Tereza.

TEREZA
(Olhando para a
fotografia)
Essa fotografia é especial. Foi
tirada na Baía das Gatas, na
primeira vez que fui a Cabo
Verde. Depois conto-te toda a
história.

Domingas coloca a fotografia na mesinha

TEREZA

Estava à espera de vocês, para
irmos ao café, tomar o pequeno-
almoço.

Duducha aponta para a mala feito de pano de terra

DUDUCHA

Nada disso! Trouxemos cuscuz. Eu
aqueço no micro-ondas, faço um
café de pacote e uns ovos
mexidos.

DOMINGAS

Aquecido numa cuscuzeira, fica
como cuscuz feito na hora.

DUDUCHA

No meu tempo era só binde de
cuscuz feito de barro. Mas temos
uma panela de banho-maria, deve
servir.

TEREZA

(Olhando para a
Domingas)

Antes de mais, querida, queria
que tu soubesses que és bem-
vinda. A tua tia está nesta casa
há mais de trinta anos.

DOMINGAS

Eu sei, Tia.

DUDUCHA

(Sorrindo)

Mais precisamente, 35 anos, a
aturar-te.

(Olhando para a
Domingas)

Filha, agradece o arranjo de
flores silvestres. São de boas-
vindas.

DOMINGAS

Obrigada, Tia.

TEREZA

Sabes. A tua Tia, Duducha,
praticamente, é a única família
que tenho.

DUDUCHA
Ainda tens tias e primos em
Tomar.

TEREZA
(Olhando para a Duducha)
Família perto, só tu e a Lucinda.
E Agora, a Domingas.

22 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 22

A panela de banho-maria começa a fumar. Tereza, Duducha e a Domingas estão sentadas à mesa da cozinha.

DUDUCHA
(Olhando para a panela)
Já deve estar quente o
suficiente.

DOMINGAS
Sim. Mas ainda não cheira a
cuscuz quente.

TEREZA
(olhando para Domingas)
Não me digas que sabes fazer
cuscuz? Dizem que não é para
qualquer um.

DUDUCHA
Para mim, não é de certeza
absoluta. Tentei uma vez mas o
cuscuz não "subiu".

23 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. SALA COMUM - DIA 23

Sobre a mesa da sala comum vê-se um bule de café, ovos mexidos e ovos cozidos já descascados, queijo, mel de abelha, manteiga e pão torrado. Um prato com fatias de cuscuz quente é colocado sobre a mesa. Uma fatia de cuscuz é barrada com manteiga.

TEREZA
(provando o cuscuz)
Isto cheira bem e sabe ainda
melhor. Temos de comprar uma
cuscuzeira, de verdade. Quero
aprender a fazer cuscuz.

DUDUCHA

A Domingas ensina-te. Ela cresceu com a minha irmã, a cozinheira da família.

TEREZA

Sim?

DUDUCHA

Sabes, o dom da nossa querida Avó, Matilde, foi direitinho para a minha irmã, avó da Domingas.

Domingas pega num pedaço de ovo cozido com o garfo, sorri e coloca-o na boca.

24 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SOFÁ - DIA 24

Dias depois, Duducha muda a água do jarro de flores. Duducha senta-se no sofá da sala. A Tereza entra e deita-se no sofá com a cabeça no colo da Duducha.

DUDUCHA

Pensas que ainda és uma menina? Sempre a querer mimos. Sempre a querer colo.

TEREZA

(sorrindo)

Aqui em casa, até sou Menina. Não és tu que estás sempre a chamar-me de Menina Tereza dentro de casa? E de doutora perto dos vizinhos. Só me chamas de Tereza perto da Lucinda.

DUDUCHA

(olhando para a porta)

Ok. Sabes, a Domingas tenta não mostrar, mas continua muito insegura. Leva tempo para dormir. E, às vezes, fica a olhar para o vazio e a coçar os pulsos. E acho que ela só dorme agarrada à fotografia. E sempre de camisola de mangas compridas.

TEREZA

A da Baía das Gatas? Sabes, não é fácil uma adolescente abandonar a sua

terra, ser arrancada da roda da
saia da avó, que a criou, e
depois perder a mãe com apenas 15
anos de idade. Eu perdi a minha
com 35 anos de idade e foi o que
foi. Tu sabes.

Ouve-se a porta da casa de banho a abrir. A Tereza olha
para a porta da sala e faz sinal para mudarem o rumo da
conversa. Domingas entra na sala e sorri

DOMINGAS

(olhando para as duas)

Bom dia, e bom dia.

TEREZA

Bom dia, Domingas.

DUDUCHA

Bom dia, filha.

DOMINGAS

(Sorrindo)

Salvaguardando as diferenças de
idade, as duas parecem mesmo
irmãs, de pai e mãe diferentes,
como a Tia Tereza costuma dizer.

Domingas coloca a moldura na mesinha, junto às outras
molduras.

TEREZA

(Olhando para a
Domingas)

Sabes, esta querida toma conta
de mim desde os meus cinco
aninhos.

Domingas volta a sorrir.

Tereza olha para a Domingas e insiste.

TEREZA

Desde os meus cinco aninhos.
Aliás, foi ela que confeccionou o
meu bolo de aniversário.

DOMINGAS

(a sorrir)

Grande coisa! A Tia tomou conta
de ti, tomou conta da minha mãe,
agora está a tomar conta de mim.
A Tia Duducha toma conta de toda
a gente.

Duducha sorri e a Tereza olha para ela séria, mas acaba por
sorrir também.

DOMINGAS

Fiquem bem, tenho coisas a fazer
no quarto.

25 INT. CASA DE CORROIOS - DIA 25

Domingas fala com a mãe ao telefone. Depois vai à janela do
segundo andar espreitar os meninos que brincam na rua, em
Corroios.

FLASHBACK

26 EXT. RUA EM MINDELO, CABO VERDE - DIA 26

Domingas salta à corda descalça com outras crianças na sua
rua, em Mindelo. Nhá Maria, com sinais, chama pela neta.
Domingas entra em casa. Nhá Maria sorri. Com gestos, pede
para a neta colocar o milho e o feijão na panela. A
adolescente faz o que a avó pediu e pergunta, também com
gestos, se está a sair-se bem. Nhá Maria sorri e diz que
sim com a cabeça.

27 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. QUARTO - DIA 27

Duducha olha para a Domingas e sorri. Domingas continua a
olhar para o vazio

DUDUCHA

Sobrinha! Vê-se muito bem que
estavas a viajar. Aposto que
estavas em Mindelo.

DOMINGAS

(a sorrir)

Tia! Sim. Sinto falta da Mamã
Maria e tenho saudades das
brincadeiras na nossa rua.

DUDUCHA

Nunca fui uma Maria-rapaz mas
brinquei muito na rua. Casamento
Inglês, Trouxe as Cartas, às
escondidas, etc. Mas o que eu
mais gostava de fazer era Jogar
Uril. Acho que tinha jeito.

DOMINGAS

Eu só sei jogar Uril de criança.
Mas a Mamã dizia que conseguias
vencer quase todos os rapazes da
rua. Ela dizia que eras boa de
contas.

DUDUCHA

(sorrindo)

Não é cedo nem é tarde.

Duducha abre o armário e retira um pequeno tabuleiro de
uril. As pedras de uril e alguns berlindes são colocados
nas 12 casas do tabuleiro. Duducha e Domingas ficam frente
a frente, num dos cantos da mesa. Duducha explica as
regras do jogo na versão de adultos.

DOMINGAS

Então só se pode iniciar a jogada
com uma casa do nosso lado e só
se comem 2 ou 3 pedras, do lado
do adversário.

Duducha abana a cabeça que sim, mas repara nas marcas
vincadas nos pulsos da adolescente.

DUDUCHA

(admirada)

Mas isso não são só marcas de
coçaduras, filha. Deves estar com
alguma alergia. Temos de falar
disso com a Tia Tereza, ela é
médica. Ela sabe o que fazer.

Domingas puxa as mangas da blusa para baixo.

No fim da refeição, Duducha começa a retirar a loiça do jantar. Domingas levanta-se para ajudar. Tereza faz sinal para ela se sentar.

TEREZA

Deixa a Tia ver o que tens nos pulsos. Pode ser algo que precise de cuidados imediatos.

A Duducha puxa uma cadeira e acompanha a conversa.

DOMINGAS

(falando normalmente)

Isto não é nada de especial, Tia. São marcas das unhas, raramente chegam a fazer sangue. E, quando fazem, eu simplesmente limpo o sangue e pronto. Nada de especial.

Tereza olha para as marcas mas mantém-se calma.

TEREZA

Consegues dizer-me como tudo começou?

DOMINGAS

Depois de ter chegado de Cabo Verde, reparei que, de vez em quando, trincava os lábios por dentro. E mais tarde, quando a mãe ficou doente, passei a usar as unhas para fazer marcas nos pulsos. Deve ser devido ao stress.

TEREZA

Pode ser. Acreditas que a situação pode agravar-se?

DUDUCHA

Agravar-se?

(Olhando para Domingas)

Filha, é importante que contes tudo à tia Tereza, estamos em família.

DOMINGAS

Há muitos jovens que passam por isto. Não digo que seja normal,

normal, mas... Também não é nada de...

TEREZA

(Interrompendo)

Sim! Muitos jovens passam pelo mesmo. Conheces alguém que esteja a passar por algo parecido?

DOMINGAS

A Carla. Ela também tem marcas nos pulsos. Mas não acredito que ela tenha algum tipo de problema. Ela é divertida, conta anedotas e até sabe tocar guitarra.

(pausa)

Apesar de tomar calmantes e estar a ser acompanhada por uma psicóloga.

29 EXT. CEMITÉRIO VALE FLORES. PERTO DA COVA - DIA 29

Domingas e Duducha estão no carro funerário. Domingas olha em frente e vê várias sepulturas e uma cova aberta. Domingas segura a palheta entre os dedos.

30 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA - DIA 30

DOMINGAS

Nada de especial, tias. Talvez um pouco de stress.

TEREZA

(levantando-se)

Não há problema, querida. Vou fazer uma chamada e já volto.

31 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. QUARTO DA TEREZA - DIA 31

Tereza desbloqueia o telemóvel e liga para a Dra. Cristina

TEREZA

Bom dia, Dra. Cristina. Eu sou a Dra. Tereza, colega do Dr. Jaime. Foi ele que me deu o seu número.

(Pausa)

Ok, ele disse-lhe que eu iria ligar? Pois é, tenho uma sobrinha afetiva que mostra traços de comportamento autolesivo.

(Pausa)

Sim, ela falou normalmente sobre o assunto... Mas não tem consciência se...

(pausa)

Sim, vou ter calma. Combinado, lá estaremos. Muito obrigada. Fique bem.

32 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA - DIA 32

Tereza aproxima-se da mesa, onde ainda estão a Duducha e a Domingas.

TEREZA

(falando naturalmente)

Acabei de falar com a Dra. Cristina, conhecida do Dr. Jaime, e ela não se importa de ter uma conversa contigo, Domingas. O Dr. Jaime fala muito bem dela. Ela é psicóloga e compreende bem as questões de stress nos jovens e adolescentes.

Duducha olha para Domingas

DOMINGAS

Está bem, tia.

TEREZA

Mas por agora, ninguém se vai preocupar com nada. Se bem me lembro, tínhamos combinado que este fim de semana seria nosso. Só nós as três.

Duducha, desconfiada, olha para a Tereza. Tereza retribui o olhar. Domingas olha para os pulsos. Tereza repara que a Domingas está a olhar para os pulsos.

DUDUCHA

Proponho que vejamos um filme com pipocas doces, feitas pela nossa querida Domingas. Pode ser, filha?

DOMINGAS

Pode Tia.

A Tereza pega na moldura com a fotografia de Cabo Verde.

TEREZA

Mas antes vou cumprir o prometido.

DOMINGAS

É verdade! A história da fotografia.

TEREZA

A história desta fotografia feita em Cabo Verde, na Baía das Gatas, quando fui conhecer São Vicente, pela primeira vez, acompanhada desta irmã de mãe e pai diferentes,

(Apontando para Duducha)

é, na verdade, uma pergunta muito simples.

DOMINGAS

Uma pergunta?

TEREZA

Sim. Consegues dizer quantas pessoas estão na fotografia?

DUDUCHA

(sorrindo)

Se não fosses médica, poderias ser uma boa escritora ou uma boa atriz.

Tereza passa a fotografia à Domingas que olha para a imagem.

DOMINGAS

(admirada)

Quatro pessoas? A minha avó, a tia Duducha, a tia Tereza e a minha mãe. Parece simples, quatro pessoas.

Duducha sorri e abana a cabeça.

TEREZA

Sim. É o que parece à primeira vista. Mas há algo aí muito bem escondido. Se adivinhares, levo-te ao Jardim Zoológico quando quiseres.

Domingas volta a olhar para a fotografia.

A barriga da sua mãe aparenta estar maior, mas logo de seguida volta ao estado normal.

DOMINGAS

(olhando para a Duducha)

Parece que voltou a acontecer,
Tia.

DUDUCHA

O que é que foi, desta vez!

DOMINGAS

Olhei e vi que a barriga da minha
mãe estava inchada, como se ela
estivesse grávida.

DUDUCHA

Parem com isso. Vocês querem
pregar-me alguma partida.

(Levantando-se)

Deixem que eu faço as pipocas.

TEREZA

(mantendo a calma)

Tens razão. Ainda não dava para
ver, mas a tua mãe já estava
grávida de ti. Talvez umas nove,
dez semanas.

DUDUCHA

Podíamos chamar a Lucinda. Há
muito tempo que não estamos todas
no mesmo local, numa boa.

TEREZA

A nossa querida Lucinda está de
lua de Mel, em Tomar. O Nuno veio
de Angola passar duas semanas com
ela. Aproveitou e chamou o primo
para fazer umas remodelações no
restaurante.

DUDUCHA

Ainda bem que, nesta família
alargada, existe uma mulher que
parece ter sorte com os homens.

DOMINGAS

(admirada)

Mas as Tias também não tiveram
sorte com os homens?

DUDUCHA
(meio atrapalhada)
Liguem a Netflix e comecem a
escolher um filme. Pode ser
qualquer um. Vou tratar das
pipocas.

33 EXT. CAMPO DE OURIQUE. PARAGEM AUTOCARRO - DIA 33

O autocarro para na paragem.

SUBTÍTULO: "A TERAPIA"

Domingas desce do autocarro, caminha e entra no
supermercado.

34 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 34

Domingas entra na cozinha, pousa a mala da escola e o saco
de compras e chama pela tia.

DOMINGAS
Tia! Já cheguei! Trouxe a fruta
que pediu.

DUDUCHA (OFF)
Está bem. Estou a arranjar-me,
já vou.

Domingas abre o frigorífico e retira leite e marmelada.
Enche um copo com leite, corta uma carcaça ao meio e barra
com marmelada. Duducha entra na cozinha.

DOMINGAS
Boa tarde. Vou preparar uma
sandes. Também quer, tia?

DUDUCHA
Boa tarde, filha. Eu já comi
qualquer coisa. Olha, a Tereza
disse que o consultório fica na
Praça José Fontana. Vamos de
autocarro até ao Rato e seguimos
de metro até às Picoas. Temos
tempo.

DOMINGAS
E a tia Tereza, sempre vai à
consulta connosco?

DUDUCHA

Sim, ela vai lá ter. Era para vir a casa primeiro, mas... já sabes, vida de médica. Parece que nunca param de trabalhar.

35 EXT. SAÍDA DO METRO DE PICOAS - DIA

35

Já à saída da estação de metro das Picoas, o telemóvel toca. Duducha abre a bolsa e retira o telemóvel.

DUDUCHA

(olhando para Domingas)

Deve ser a Tereza! (atendendo)

Sim, menina Tereza. Saímos agora do metro, estamos a caminhar para aí. Ok, aguardamos. (olhando para Domingas)

Ela está à procura de estacionamento.

36 INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA

36

O consultório é acolhedor e bem iluminado. A Psicóloga CRISTINA (58) senta-se na poltrona, em frente ao sofá onde já estão sentadas a Duducha, a Domingas e a Tereza.

CRISTINA

Antes de mais, uma boa tarde. Eu sou a Dra. Cristina, mas podem chamar-me simplesmente por Cristina, se não se importarem. Assim fica mais fácil. E vocês, como gostariam de ser tratadas?

DUDUCHA

(apontando para a
respetiva pessoa)

Esta é a Domingas. Eu sou Maria da Luz, ou Duducha. E esta é a Doutora Tereza.

TEREZA

Só Tereza, por favor, fica melhor.

CRISTINA

Muito bem. Já sei que foi o Dr. Jaime que lhes deu o meu contacto. Conheci o Dr. Jaime

ainda nos tempos de estudante em Coimbra. Já lá vai algum tempo.

(pausa)

Hoje, vou simplesmente explicar como irão funcionar as sessões individuais com a Domingas. O importante é que ela se sinta segura neste espaço para poder expressar abertamente os seus sentimentos.

Cristina olha para Domingas, que mantém os olhos fixos no chão. Depois olha para Duducha, que aparenta alguma inquietação.

CRISTINA

Sintam-se à vontade para interromper e perguntar o que bem entenderem sobre todo o processo.

DUDUCHA

Doutora, sabemos que as sessões são semanais. Agora, queria saber quanto tempo dura cada sessão e se há alguma previsão de quantas sessões serão necessárias?

CRISTINA

Sim, as sessões são semanais e têm a duração de 50 minutos a uma hora, sensivelmente. Se, por algum motivo, a Domingas não puder vir, basta avisar que remarcamos. Normalmente, existe uma avaliação inicial que pode demorar algumas semanas. Nesta fase, faz-se um diagnóstico detalhado e um plano de trabalho, que pode durar entre três a seis meses.

DUDUCHA

(admirada)

Entre três a seis meses, Doutora?

CRISTINA

Sim. E nos casos em que seja necessário apoio com medicação, estou a falar da depressão ou da ansiedade, isso pode influenciar muito a duração do tratamento. Mas é melhor não pensar nisso

agora. Vamos dar tempo ao tempo, certo?

DUDUCHA

Sim, é melhor não pensarmos nisso agora.

CRISTINA

É importante que os familiares saibam que a grande maioria das sessões são individuais e confidenciais. Tudo o que aqui for dito fica entre estas quatro paredes.

(olhando para Domingas)

Domingas, nada pode ser revelado sem o teu consentimento.

E aqui não interessa o facto de a Domingas ser menor.

Duducha fica admirada e olha para Tereza, que faz sinal para ela ter calma.

TEREZA

É normal que assim seja. Confidencialidade e segurança são muito importantes.

CRISTINA

(olhando para Domingas)

Mas, como todas as regras, Domingas, esta também tem uma exceção. Uma única exceção: no caso de haver algum risco sério para a tua segurança, ou para a segurança de outras pessoas ou de terceiros.

DUDUCHA

Faz sentido. Sabe, Doutora Cristina, penso em acompanhar a Domingas nas vindas à terapia. Mas fico a aguardar lá fora no corredor, ou melhor, vou tomar um café. Uma hora passa depressa.

Cristina sorri.

TEREZA

Sim, compreendemos, Cristina. Aliás, eu e a Duducha só estamos presentes porque a Domingas

pediu-nos. A Duducha ficou preocupada com os arranhões nos pulsos, pensou que fosse alguma alergia. Mas depois deu para entender (olhando para a adolescente) que tinham mais a ver com algum stress, como frisou a própria Domingas, na altura.

DUDUCHA

Sabe, doutora, não foi nada fácil para a minha sobrinha-neta, que agora é mais do que uma filha. A Domingas teve de abandonar a sua terra, os amigos com quem brincava todos os dias, a sua querida avó e a casa que a viu nascer...

(pausa)

E depois, a mãe ficou doente e acabou por... partir. Não é fácil para ela, nem para nós. E é por isso que estamos aqui.

CRISTINA

Muito bem, compreendo. A Domingas vai ter tempo para também falar disso na terapia. Bom, embora as sessões sejam privadas, haverá momentos em que precisarei da vossa colaboração. Estou a pensar nas sessões de acompanhamento para avaliação do progresso da Domingas e formas de a poderem apoiar em casa. Um ambiente familiar saudável é muito importante.

DUDUCHA

Sim, Doutora.

CRISTINA

É muito importante que trabalhemos juntas para melhor ajudarmos a Domingas a explorar os seus sentimentos e a lidar de forma saudável com as suas emoções. Iniciaremos as nossas sessões semanais com a Domingas a partir da próxima semana.

(olhando para Domingas)

Vejo que a menina está rodeada de
pessoas que gostam muito de si.

Cristina, Duducha e Tereza olham para Domingas, que fixa o
chão e coça a palma da mão. Domingas apercebe-se de que
estão a olhar para ela e deixa de coçar a palma da mão.
Volta a olhar para as tias, segura as mãos de ambas e olha
para a Dra. Cristina.

DOMINGAS

Sim. Gostamos todas umas das
outras.

Cristina sorri. Duducha e Tereza passam as mãos nas costas
de Domingas, sorrindo.

CRISTINA

Embora já tenham o meu contacto,
fiquem com o meu cartão de
visita. Foi um prazer conhecer-
vos. Podem ligar-me sempre que
precisarem.

37

INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - NOITE

37

A torradeira dispara e as torradas são colocadas num prato.
Domingas abre o frigorífico e retira a marmelada e o queijo
fresco. Tereza entra na cozinha.

TEREZA

Boa tarde, sobrinha. Que
cheirinho de torradas acabadinhas
frescas.

(a sorrir)

Uma delas é minha, não é verdade?
Mas só quero meia torrada, com
queijo fresco, querida.

DOMINGAS

(sorrindo)

Vou fazer mais torradas. A tia
diz que só come meia torrada, mas
acaba sempre por repetir.

TEREZA

(sorrindo)

Algo me diz que também vais
preparar um chazinho de camomila,
não é verdade, sobrinha?

Duducha entra na cozinha.

DUDUCHA

Vamos aproveitar o momento de estarmos assim, em família, e lanchar na sala. Domingas, corta mais pão para torradas enquanto eu ponho a água a aquecer para o chá. Acho que temos camomila, chá preto, tília e cidreira.

38 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA

38

Duas facas de manteiga e três chávenas são colocadas em cima da mesa, já decorada com uma bandeja de torradas, embalagens de chá, marmelada e queijo fresco. Tereza e Domingas arrastam duas cadeiras e sentam-se. Duducha aproxima-se com o fervedor de água, coloca água quente nas chávenas e senta-se.

TEREZA

(olhando para a Domingas)

Sabes, querida, eu gostaria de saber mais sobre essa tua queda para a cozinha e a relação que isso tem com a tua avó.

DUDUCHA

Isso vai ser assunto para a tua escrita. Eu sei que um dia ainda vais publicar esse livro. Esse e outros.

DOMINGAS

Qual livro? Não me digam que a Tia também escreve. Já ouvi dizer que os médicos dão bons escritores.

DUDUCHA

A Tia Tereza também herdou algo. Sabes, a mãe da Tereza, a Dona Fernanda, ainda chegou a publicar alguns contos em jornais e revistas dos anos oitenta e noventa. Ainda me lembro de como o Engenheiro ficou orgulhoso.

TEREZA

No Jornal de Letras, Artes e Ideias. Ela também foi convidada

para ler um conto na nossa
escola,
 (Olhando para a
 Domingas)
Escola Secundária Pedro Nunes.
Mas infelizmente...

DUDUCHA
 (sorrindo)
Infelizmente, no dia, a Tereza
ficou indisposta. E eu fiquei a
cuidar dela. Imagina!

TEREZA
 (sorrindo)
Foi a minha primeira menstruação.
Tinha eu 13 anos. Mas quando me
reformular, vou-me dedicar à
escrita a tempo inteiro, prometo.

DUDUCHA
Nada disso. Já vai ser tarde para
mim. Trata mais é de recomeçar
logo, já é tempo. E também é
tempo e hora de Domingas ir para
a cama.
 (Olhando para a
 Domingas)
Tens aulas cedo.

39 INT. ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO NUNES. SALA DE AULA - DIA 39

De costas, uma professora escreve no quadro. Domingas olha
em frente e tira notas no caderno. A professora (50) aponta
para as frases escritas no quadro.

PROFESSORA
Texto Poético, Texto Dramático,
Texto Narrativo e Recursos de
Estilo. Segunda-feira, vou
escolher voluntários para fazer
a introdução e apresentação
destas matérias de Educação
Literária. Já sabem, uma boa
apresentação vai ajudar a subir a
nota. Podem sair. Bom fim de
semana a todos.

Os alunos e alunas retribuem o bom fim de semana. CARLA
(15), trajada de gótica, chama por Domingas.

CARLA
Espera por mim.

Domingas olha para Carla e acena afirmativamente com a cabeça.

40 INT. ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO NUNES. CORREDOR - DIA 40

Grupos de alunos e alunas saem da sala, conversando. Domingas e Carla são as últimas a sair, seguidas da professora, que fecha a porta da sala. Carla tem uma guitarra às costas.

DOMINGAS
Pelos vistos, hoje tens aulas de guitarra.

CARLA
Sim, vou direto depois de sair da escola. Olha, tu não querias ver como se aprende a tocar guitarra? Vou aproveitar o furo da aula de matemática para treinar um pouco. Queres vir?

DOMINGAS
Deve ser interessante, e o furo até veio a calhar. Vais convidar mais alguma colega para assistir?

CARLA
Não te preocupes, eles já têm os seus grupinhos. E eu não gosto de muita gente junta.

DOMINGAS
Eu também não faço questão de conhecer mais gente nova. As que tenho já são suficientes.

41 EXT. ESCOLA. PERTO DAS BANCADAS - DIA 41

Domingas e Carla caminham em direção a um recanto perto das bancadas do ginásio exterior.

CARLA
Olha, sabes por que é que o professor não veio dar aulas hoje?

DOMINGAS

Ele chegou a falar disso na sala de aula. Parece que a mulher dele vai ter bebê.

CARLA

Sim? Eu devia estar distraída, passou-me.

DOMINGAS

Ele falou disso num dos dois dias em que não vieste às aulas. Até disse que queria assistir, mas eles não deixam.

CARLA

Tive mais uma das minhas crises, crises de ansiedade, como eles dizem. Mas já nem ligo...

(pausa)

Pelo menos, tento não ligar. Sabes, por vezes, eu nem queria estar aqui. Olha, não sei qual é o feeling de querer assistir a um parto. Também não compreendo por que é que eles não deixam assistir. Sabes, parece que gostam de proibir, quase tudo.

Domingas olha para Carla.

DOMINGAS

Olha, mas não vai ser um parto normal, vai ser uma cesariana.

CARLA

(com gestos)

Sim? Vão ter de abrir a barriga e tirar a criança, não é? Criança sofre!

DOMINGAS

Sim, eles fazem isso quando há complicações. A minha tia afetiva, aquela que é...

CARLA

(interrompendo)

Aquela que é médica, não é?

DOMINGAS

Sim, a minha tia Tereza. Sabes, ela chegou a estudar nesta

escola. Ela disse-me que nas gravidezes de risco... tipo o bebé ter o cordão umbilical enrolado no pescoço, o parto tem de ser induzido.

(Pausa)

Mas por que é que dizes que, por vezes, não querias estar aqui? Aqui na escola?

CARLA

Nesta vida...

(sorriso forçado)

Sabes, começo a acreditar que eu fui um parto de risco. Não penses nisso, (apontando) vamos mais é abancar ali.

42

EXT. ESCOLA. RECANTO BANCADAS - DIA

42

Os dedos constroem o acorde de Dó maior na guitarra. Carla e Domingas estão sentadas. Carla segura a guitarra na posição clássica, ligeiramente descontraída.

CARLA

(mostrando)

Este é o famoso acorde de Dó Maior. Repara que o dedo um, o indicador, está na segunda corda, primeira casa, ou traste um. O segundo dedo, o médio, está na quarta corda, traste dois. E o terceiro dedo, o anelar, está na quinta corda, terceira casa, ou traste três. Depois de entender a numeração dos dedos, das cordas e das casas, fica fácil construir os acordes simples. Basta treinar.

Domingas olha para os dedos da sua própria mão esquerda.

DOMINGAS

Interessante. Dedo um, dois e três: indicador, médio e anelar. Traste um, dois e três.

CARLA

Depois, para completar a escala dos acordes de Dó Maior, temos os acordes de Ré menor, assim. O de

Mi menor, Fá maior, seguido do de Sol maior, Lá maior, Si menor. Mas para acompanhar de uma forma simples, bastam três acordes desta escala. Neste caso Dó, Sol e Fá, etc.

DOMINGAS

Interessante. Isto é teoria musical, não é verdade?

CARLA

Um pouco. Sabes, a teoria musical básica não é nada complicada e tem muito a ver com a matemática. Agora vou dedilhar um clássico, já muito antigo, em Mi maior.

Carla arregaça um pouco as mangas da camisola preta e Domingas repara nas marcas de cortes cicatrizados nos antebraços, enquanto a Carla toca os primeiros acordes na guitarra. Domingas fica maravilhada com a música.

DOMINGAS

Eu conheço essa música. É daquele grupo muito famoso. Mas tu tocas muito bem. Eu não fazia ideia, acho que ninguém aqui na escola sabe.

CARLA

A minha própria mãe nunca me ouviu tocar uma música do princípio ao fim. Sim, a música é dos Beatles e chama-se *Yesterday*. Pena eu não saber cantar. (pausa) Sim, são as minhas marcas nos braços. Sabes, por vezes eu corto-me, faz diminuir a dor que vem de dentro.

DOMINGAS

Sim? Sabes, hoje vou ter a minha primeira sessão de terapia sozinha com a psicóloga.

CARLA

Não te preocupes com isso. Só falas o que quiseres, eles não podem comentar nada com outros. Parece que tem a ver com o tal código deontológico. (sorrindo)

Olha, consegui dizer a palavra,
logo à primeira.

DOMINGAS

Ok.

43 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 43

Domingas está sentada na mesa da sala a fazer os trabalhos de casa.

SUBTÍTULO: "O DOM"

Ouve-se o barulho de chaves a abrir a porta da frente.
Domingas olha para a porta da sala.

DOMINGAS

És tu, tia?

TEREZA (OFF)

Qual das tias?

Tereza entra na sala a sorrir.

DOMINGAS

Boas tardes, tia Tereza. Pensei
que fosse a tia, Duducha. Ela
foi às compras.

TEREZA

Boa tarde, sobrinha.

A Tereza senta-se no sofá e coloca a mala e a pasta ao
lado dela.

TEREZA

Sabes se a Duducha foi à
lavandaria?

DOMINGAS

Acho que sim, tia. Ela entrou com
dois sacos de plástico. E, cheia
de orgulho, disse que a Doutora
Menina Tereza ia a uma
conferência amanhã, bem cedo. E
levou tudo para o quarto da tia.

TEREZA

Qual quarto?

DOMINGAS

Para o seu quarto, tia. Caso contrário, eu diria, o nosso quarto, meu e dela.

TEREZA

Já volto. Vou tirar estes sapatos.

A Domingas termina um exercício de matemática e começa a arrumar os livros e os cadernos na mala da escola. A Tereza entra na sala e vai-se deitar no sofá

DOMINGAS

Bem, já terminei os exercícios de matemática, tia.

TEREZA

Matemática é muito importante. Olha, minha querida. Vem sentar-te aqui perto da tia.

Domingas levanta-se da mesa e vai sentar-se no sofá. Domingas coloca os pés no regaço da Tereza.

TEREZA

Na última vez, praticamente só falámos da minha mãe e dos contos dela. Agora gostaria que falasses um pouco dessa tua queda para a cozinha e das saudades da tua avó. Acredito que sejam muitas. Quero saber de tudo.

DOMINGAS

Pois é Tia. Lá na casa de Corroios, na outra banda, quando as saudades apertavam, eu fechava os olhos e conseguia ouvir a voz da Mamã Maria a cantarolar: "Tu és a minha fofinha de pele de mel e de carapinha lisa, és bonita como a tua mãe Joana e um dia serás cozinheira de pratos cheios, que nem a tua Mamã Maria."

A Duducha entra na sala a bater palmas. A Duducha e a Tereza ficam admiradas.

DUDUCHA

Muito bem. A animação é tanta que
nem me ouviram a abrir a porta.

TEREZA

Tens razão, maninha. Isto está
cada vez melhor.

(Olhando para a
Domingas)

E a Mamã Maria cantarolava em
português?

DOMINGAS

(sorrindo)

Sim. Quando eu estava a fazer os
trabalhos da escola, a Mamã Maria
fazia questão de cantarolar em
português. Sabes, o ensino é em
português. Mas a lengalenga era
cantarolada principalmente em
crioulo.

FLASHBACK

44 INT. CASA DE NHÁ MARIA EM MINDELO - NOITE 44

Sentadas na soleira da porta, Nhá Maria começa a cantarolar
enquanto penteia a Domingas.

NHÁ MARIA

"Bo é Nhã Cosinha fofa, de pele
de mel e carapinha lisa, bô ê
bnita cima bo mãe Joana e um dia
bô ta ser cozinheira de próte
chei, cima bô Mamã Maria."

Domingas sorri.

45 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 45

Tereza e Duducha observam a atuação de Domingas.

DOMINGAS

(cantarolando)

"...cozinheira de próte chei, cima
bô Mamã Maria."

Domingas termina a performance da lengalenga em pose
teatral.

TEREZA

Adorei.

DUDUCHA

Fizeste-me lembrar da lengalenga sobre a cachupa que a minha irmã criou. Há tempos que não escuto essa lengalenga.

DOMINGAS

A lengalenga foi feita em crioulo, mas depois nós traduzimos para a Tia Tereza. A Mamã Maria dizia que era a ciência da sua cachupa.

Domingas levanta-se da mesa, fecha os olhos e começa a fazer o ritmo com as mãos.

DOMINGAS

"Três gron de mitche un gron de fejon. Mitche ê mitche e fjon tem três tom. Três gron de mitche un gron de fejon. Mitche ê mitche... e fjon tem três tom. Tom, Tom, Tom. Tom, Tom, Tom."

Duducha e Tereza batem palmas.

TEREZA

Três grão de milho e grão de feijão. Milho é milho e o feijão tem três tons. Deu para perceber que existe uma relação entre a quantidade de milho e a quantidade de feijão, mas...

DOMINGAS

Na verdade, ela quer dizer que a quantidade total de milho deve ser superior à quantidade de feijão, cerca de quatro vezes. E que o feijão pode ser de três tons, ou seja, três qualidades diferentes. Mas estas quantidades podem variar.

DUDUCHA

Já nos bolos, o peso da farinha e do açúcar deve ser igual ao peso dos ovos, funciona sempre.

DOMINGAS

Sim? Eu não sabia dessa relação nos bolos. Na catchupa, varia muito. O normal é a quantidade total de feijão estar entre um quarto e metade da quantidade de milho. Mas também há quem faça catchupa com a mesma quantidade de milho e feijão.

DUDUCHA

(olhando para Tereza)

Agora, presta muita atenção. São coisas lá da terra. Segundo consta, não se trata só de uma simples queda para a cozinha. Trata-se de um Dom, algo que se manifesta e

(pausa)

depois se concretiza. Entre os seis e os oito anos de idade, dá-se a primeira manifestação. E depois, concretiza-se perto dos 16 anos. E há mais!

TEREZA

Mais? Tenho mesmo de começar a documentar isto.

DUDUCHA

O dom salta uma geração. Se é verdade ou não, eu não sei. Só sei que eu não tenho grande jeito para fazer cachupa. Já nem tento mais.

TEREZA

(admirada)

Mas salta uma geração? Como?

DOMINGAS

Como, eu não sei, Tia Tereza. Só sei que a minha mãe, filha da Mamã Maria, não gostava nadinha de cozinhar. Ela preferia limpar a casa a fazer refogados.

TEREZA

(a rir)

Espera um pouco, minha querida. Ela preferia limpar a casa a fazer refogados. Adorei.

DOMINGAS

A Mamã Maria acredita ter herdado o dom da sua avó Matilde, com quem ela cresceu.

(pausa)

Ela diz que eu tenho tudo para ser a próxima a herdar o dom. Mas não sei... Já não estou perto dela... nem sei se mereço.

TEREZA

Está claro que mereces! Não estás perto dela fisicamente. Sabes, Domingas, isto é muito interessante. Não sei o que dizer. E tu, maninha, por que é que nunca me contaste estas coisas?

DUDUCHA

Eu? Já nem me lembrava que estas e outras coisas existiam. Deve ser influência da Domingas. A nossa avó, Matilde, era da Ilha de Santo Antão e tinha uma comadre de um local chamado Janela.

DOMINGAS

(interrompendo)

Terra das bruxas, segundo dizem. Não é verdade, Tia?

DUDUCHA

Sim, segundo dizem. Terra das bruxas e de mulheres inteligentes.

TEREZA

Bruxas e mulheres inteligentes?!

DUDUCHA

Sim, Senhora Doutora! Já viu alguma bruxa, normalmente uma mulher sozinha, a morar quase nos confins do mundo, a ser incomodada por algum homem abusador?

Tereza olha para a Domingas e abana a cabeça, concordando.

DUDUCHA

Essa comadre contava cada história, e tudo verídico, segundo ela. Algumas, eu morria de medo, mas a Maria ficava toda contente. A Maria sempre foi muito intuitiva e, às vezes, esquisita. Era frequente ela lembrar-se de alguém, assim do nada, e momentos depois lá estávamos nós a cumprimentar a pessoa.

TEREZA

Interessante. Muito interessante mesmo.

O telemóvel começa a vibrar em cima da mesa. Domingas desliga o alarme.

DOMINGAS

Era um lembrete sobre a minha consulta.

DUDUCHA

Por hoje chega de histórias, temos coisas a fazer. Vou acompanhar a Domingas, mas fico a aguardar no café.

(Olhando para a Domingas)

Filha, eu já disse à Menina Tereza que não precisamos de boleia. Vamos de transportes. Sabes, eu preciso de mexer as pernas, um pouco que seja.

TEREZA

Mas não custa nada, é só uma boleia e uma hora passa depressa.

DUDUCHA

Eu já disse, menina Tereza, que quero andar, ir de transportes. Autocarro, metro e ver pessoas. E a Domingas tem de andar de transportes, senão ela fica mal-acostumada.

(sorrindo)

E a pensar que é rica.

DOMINGAS

(admirada)

Mas eu vou para a escola de transportes.

46 EXT. METRO - DIA

46

Duducha e Domingas estão sentadas frente a frente.

DUDUCHA

Eu não consigo viajar sentada de costas, faz-me impressão.

Domingas olha para a tia, sorri e continua a olhar para o telemóvel.

DUDUCHA

Já sabes, vou ficar no café.
Quando terminares, vais lá ter.

DOMINGAS

Está bem, tia.

47 INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA

47

Domingas está sentada no sofá e olha ao redor. A Dra. Cristina repara que Domingas não para de mexer as mãos.

CRISTINA

Olá, Domingas, estás bem?
Tiveste uma boa semana?

DOMINGAS

Sim, estou bem. Sim, a semana foi boa.

CRISTINA

A tua avó sempre te acompanhou?
Deve estar no café.

DOMINGAS

Sim, ela está no café.

CRISTINA

Muito bem. Antes de mais, quero que te sintas confortável. Como eu já tinha dito, estou aqui para te ouvir e ajudar. E tudo o que dissermos aqui fica entre nós, ok?

DOMINGAS

Sim, a minha amiga Carla já tinha dito o mesmo.

CRISTINA
A Carla faz terapia?

Domingas acena afirmativamente com a cabeça.

CRISTINA
Conta-me um pouco sobre ti, sobre o que gostas de fazer e se tens algum hobby. Sabes o que é um hobby, certo?

DOMINGAS
Sei.

CRISTINA
Deve haver alguma coisa que gostes mesmo de fazer. Aquelas que quase não cansam uma pessoa, como se costuma dizer?

DOMINGAS
Gosto de ajudar a cozinhar e ouvir música.

CRISTINA
Muito bem. A música ajuda a relaxar, não é verdade?

DOMINGAS
Sim. Mas o que me faz sentir feliz é cozinhar ou ajudar na cozinha.

CRISTINA
Interessante! Isso é ótimo! Cozinhar pode ser uma boa forma de ocupar o nosso tempo, principalmente se tivermos algo específico que esteja a incomodar-nos.

(pequena pausa)
Há algo que esteja a incomodar-te ultimamente e que gostarias de partilhar?

DOMINGAS
Não sei explicar por que razão, mas acho que... às vezes sinto-me muito triste...

CRISTINA

Ok. Não há problema, Domingas.
Vamos descobrir isso juntas e com
calma, quero que te sintas à
vontade. Pode ser?

DOMINGAS

(leve sorriso)

Pode ser, Doutora. Desculpe,
Cristina.

CRISTINA

Não é fácil falar das nossas
tristezas e ansiedades. Mas as
pessoas acabam por encontrar
diferentes maneiras de lidar com
esses sentimentos, sabias? Desde
falar com amigos e amigas,
escrever um diário e cozinhar, ou
ajudar na cozinha, como tu.

DOMINGAS

Eu não tenho muitos amigos da
minha idade, só tenho a Carla.
Somos da mesma turma.

CRISTINA

Além de cozinhar e possivelmente
ouvir música, há outras coisas
que fazes quando estás triste e
que queiras partilhar? Parece que
a tua avó ficou preocupada com as
marcas nos pulsos.

Domingas fica calada e olha para o chão.

CRISTINA

Tudo bem, Domingas. Vamos falar
das coisas no teu ritmo e com
calma.

48 INT PASTELARIA. BALCÃO - DIA

48

Duducha termina o seu abatanado, pousa a chávena no pires e
bebe um gole de água. Consulta as horas no relógio de pulso
e faz sinal ao empregado de mesa.

DUDUCHA

Podia trazer-me uma caixa com
meia dúzia de pastéis de nata,
um Compal de pêssego e o total

da conta, se faz favor? Muito obrigado.

49

INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA

49

CRISTINA

Há um exercício de respiração que eu gostaria de te ensinar, antes de terminarmos. O exercício ajuda a relaxar, pode ser?

DOMINGAS

Pode... Cristina.

CRISTINA

É uma técnica muito fácil e ajuda a reduzir a ansiedade. Chama-se técnica de respiração profunda.

DOMINGAS

Técnica de respiração profunda?

CRISTINA

Isso mesmo. Inspiras lentamente pelo nariz e contas até quatro. Seguras a respiração por quatro segundos e expiras lentamente pela boca, contando até quatro. Depois repetes todo o ciclo várias vezes. Agora faz o exercício, só para eu ver.

Domingas inspira lentamente, retém a inspiração e expira lentamente pela boca.

CRISTINA

Muito bem. Gostei muito da nossa conversa. Por hoje, ficamos por aqui. Continuamos na próxima semana.

50

INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - NOITE

50

Duducha e Domingas entram na sala e Duducha entrega a caixa a Domingas, apontando para a mesa.

DUDUCHA

Coloca os pastéis de nata em cima da mesa. Vou fazer arroz para acompanhar o frango.

DOMINGAS

Tia Tereza! Trouxemos pastéis de nata.

TEREZA (OFF)

OK. Mas não sei se vou querer!

Duducha e Domingas olham uma para a outra.

DUDUCHA

Não lighes.

DOMINGAS

Tia, faz antes esparguete. Ou melhor, vou eu fazer esparguete... com sete minutos e trinta segundos de cozedura.

DUDUCHA

Faz como entenderes, confio em ti, filha.

51 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DE JANTAR - DIA 51

Um garfo e uma faca são colocados no prato com restos de frango e esparguete.

Domingas segura uma perna de frango num guardanapo. Duducha coloca mais vinho branco no copo de Tereza e no seu.

DOMINGAS

Adoro frango assado com esparguete!

DUDUCHA

E com muito ketchup.

TEREZA

Não conheço ninguém que não goste de frango assado.

DUDUCHA

Frango assado é um prato de família. Quase íntimo.

DOMINGAS

Íntimo, tia?

TEREZA

O que a Duducha quer dizer é que normalmente não oferecemos frango assado num primeiro jantar.

DUDUCHA

Sim. Mas toda a gente leva frango para um piquenique, um jantar de amigos no campo, etc.

DOMINGAS

Já entendi, nunca tinha pensado nisso.

(sorrindo)

Eu sei que estão mortinhas para saber como foi a consulta. A tia Duducha veio o caminho todo a evitar falar disso.

TEREZA

Tudo a seu tempo. Tu falas quando bem entenderes e achares oportuno. Mas já que estás a falar nisso...

DOMINGAS

Acho que correu bem. A Cristina até me ensinou uma técnica para ajudar a reduzir a ansiedade. A técnica da respiração profunda.

Duducha ouve com muita atenção.

DUDUCHA

Domingas, no consultório pode ser Cristina, mas aqui é Dra. Cristina. Prefiro assim. E aprendeste direitinho como utilizar essa técnica, não foi?

DOMINGAS

É uma técnica de respirar lentamente, muito simples, tia.

Domingas exemplifica a técnica.

52 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 52

Duducha abre as cortinas das janelas da cozinha e começa a preparar o pequeno-almoço. Tereza, ainda de roupão, entra na cozinha.

TEREZA

Bom dia. Pelos vistos vai ser um pequeno almoço com tudo.

DUDUCHA

Bom dia. Torradas, ovos mexidos, salsichas fritas, batido de morango e banana, e café de pacote. Também vou fazer sumo de laranja, sempre fica para o almoço. Sabes, adoro quando não trabalhas aos fins de semana.

TEREZA

A Domingas, ainda está a dormir?

DUDUCHA

Acho que já se levantou. Ajuda-me a levar as coisas para a sala.

53 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 53

A Domingas entra na sala e aproxima-se da mesa.

SUBTÍTULO: "O PASSADO"

Dá um beijo à Tereza e outro à Duducha e senta-se à mesa.

DOMINGAS

Bom dia às duas maninhas.

DUDUCHA

Estávamos mesmo à espera de ti.

TEREZA

A tua tia adora as refeições em família.

Enquanto Domingas prepara uma torrada com ovos mexidos.

DOMINGAS

Descobri uma coisa interessante. Para mim, já não interessa se vocês são ou não maninhas de pai e mãe diferentes.

Duducha, admirada, olha para a Domingas e depois para a Tereza. A Tereza olha para a Duducha e sorri.

TEREZA

Não te preocupes, maninha, que ela vai explicar, não é verdade, querida?

DOMINGAS

Pensem comigo. As duas são as minhas tias, não são? Uma de sangue e outra de coração.

DUDUCHA

Isso quer dizer que eu não sou tia de coração?

TEREZA

(a sorrir)

Vamos deixá-la acabar o raciocínio. Uma de sangue e outra de coração, e...

DOMINGAS

Na realidade, a tia Duducha é a minha tia-avó. A vizinha veio trazer limões e pediu que eu os entregasse à minha avó.

DUDUCHA

Ela é simpática, traz os limões lá da terra.

DOMINGAS

E a vizinha do prédio ao lado, aquela que tem o caniche, disse que eu era muito parecida com a Dra. Tereza. Acho que não quis perguntar diretamente, mas lá no fundo, queria saber se havia alguma hipótese de eu ser a tua filha.

DUDUCHA

Essa é mesmo cusca, quer saber de tudo.

DOMINGAS

A tia Duducha ainda está muito nova para ser tratada de avó e eu trato as duas por tia. Tia Duducha e tia Tereza. Se vocês são ambas minhas tias... é porque são irmãs de alguma forma, não interessa como. E pronto.

TEREZA

Bem pensado. A menina é inteligente, temos de ter cuidado.

DUDUCHA

(a sorrir)

E tu, Tereza, ainda ajudas a Domingas.

(olhando para a Domingas)

Filha, agora cala-te um pouco e toma o pequeno-almoço.

(Pausa)

Imaginem vocês que esta noite sonhei com uma pessoa que não vejo há mais de 30 anos. E nem sei se quero ver.

(pausa)

Maria da Luz! Levanta-te, tens compras a fazer.

A Duducha levanta-se, olha para a Domingas e abana a cabeça sorrindo.

DOMINGAS

(olhando para a Duducha)

Tia, espera um pouco. a Dona Natália, a contadora de histórias da nossa rua, costumava dizer que quando se sonha com alguém que não vimos há muito tempo, é porque essa pessoa tem algo a nos dizer ou está a caminhar na nossa direção.

A Tereza desata-se a rir e olha para a Duducha.

DUDUCHA

Essa pessoa está longe e não tem mais nada a ver comigo. Ponto final. Fiquem bem, eu tenho coisas a fazer...

Duducha fixa o olhar na Tereza e a Tereza abre os braços, em gesto de pergunta.

DUDUCHA

E tu, Menina Tereza, trata de ir buscar caderno e caneta para começares a ... (fazendo o gesto com a mão) ... a escrever. Uma boa ocupação, ajuda o equilíbrio total e não é preciso pensar em chocolates.

Domingas e Tereza olham para Duducha, que retribui com um olhar desconfiado. Duducha sai da sala.

54 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. CORREDOR - DIA 54

Duducha faz o sinal-da-cruz e abana a cabeça em sinal de negação.

DUDUCHA

A caminhar na minha direção? Era o que faltava!

Duducha sai e fecha a porta da rua atrás de si.

55 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 55

DOMINGAS

Tia, o que é que o chocolate tem a ver com a escrita? A tia estava a mandar bifos? Desculpe, a querer picar-te? Não entendi nada.

A Tereza sorri e passa as mãos pelo cabelo.

TEREZA

Mandar bifos? Sabes, querida. Apesar de gostar de escrever, houve uma altura que escrever ajudou-me a não pensar repetidamente em coisas que não devia.

DOMINGAS

Da morte da sua mãe e do seu divórcio, não é verdade, tia?

Tereza abana a cabeça confirmando.

TEREZA

A morte do meu pai e, mais recentemente, da minha mãe foram difíceis e com muita dor. Tenho muitas saudades deles. Sabes, querida, há uma coisa que ajuda muito nesses casos...

(com um leve sorriso)

... termos a consciência de ter feito tudo o que estava ao nosso alcance. A minha mãe ficou doente e estivemos sempre perto dela, eu

e a Duducha... e também a Lucinda.
E posso dizer que o luto foi
pacífico. Mas o meu divórcio foi
difícil e demorei a fazer o luto.

DOMINGAS

(mexendo as mãos)

Sim. Mas ainda não entendi a
relação com os chocolates, tia.

TEREZA

(sorrindo)

Com os chocolates? Sabes, com o
divórcio, eu fiquei muito
insegura como mulher e sem
vontade para nada, ainda durou
uns bons meses. Depois veio uma
fase de vingança da vida, como
dizia a Duducha. Eu comecei a
sair muito

(olhando para a Domingas
)

a fazer muitas noitadas, alguns
namorados. E deu porcaria.

(pausa)

Encurtando, a Duducha achou que
eu já estava a exagerar. Para
poder dizer-me qualquer coisa
indiretamente, começou a
oferecer-me chocolate para
reduzir a ansiedade em geral e a
ansiedade sexual, em particular.
Agora entendes?

Tereza olha para a Domingas.

DOMINGAS

Ok. Então é por isso que se diz
que um bom chocolate vale mil
beijos? A tia Tereza já era uma
mulher e não uma menina, a tia
Duducha não podia dizer nada.

TEREZA

(sorrindo)

Mil beijos? Dois ou três, talvez.

A Tereza sorri, segura as mãos da Domingas e olha bem fundo
nos olhos da menina.

TEREZA

O que vou dizer-te agora é segredo. A Duducha não sabe que eu sei que a minha mãe pediu, e ela prometeu fazer: tomar conta de mim, sempre

(pausa)

até ser eu a tomar conta dela. E por isso, para ela, eu serei sempre a Menina Tereza.

DOMINGAS

Ok.

TEREZA

E já que estamos em maré de revelações, é preciso dizer que ela e a Lucinda, nessa altura, fizeram de tudo para me salvarem de mim mesma, querida. Foram dias muito difíceis. E a Duducha também se foi abaixo. É muita coisa, depois falamos sobre isso tudo, com calma.

DOMINGAS

Eu não fiz nada de especial para salvar a Mãe, limitei-me a fazer o que os crescidos me pediam para fazer. E ela morreu...

(Pausa)

Eu adormeci, o quarto ficou cheio de luz, minutos depois, quando acordei ela já estava morta. Chamei a tia Duducha. Foi assim.

Tereza repara que a Domingas começa a coçar os pulsos e o antebraço, repetidamente. A Tereza segura as mãos da Domingas.

TEREZA

Olha para mim, querida. Faz exatamente como a Dra. Cristina te ensinou. Respiração profunda, inspira lentamente pelo nariz e conta até quatro. Isso, continua.

DOMINGAS

(mais calma)

Obrigado, tia. Já me sinto mais calma, muito mais calma.

Duducha fica intrigada com um HOMEM (67), apesar de o mesmo estar de costas e mostrar apenas parte do seu perfil. Disfarçadamente, enquanto retira artigos da prateleira e os coloca no carrinho de compras, Duducha tenta aproximar-se para ver a face do homem.

Uma voz atrás de Duducha grita a palavra "PAI". O homem vira-se e fica frente a frente com Duducha.

Duducha apressa-se a desviar o olhar e seguir o seu caminho. Ainda consegue ouvir o homem a responder.

HOMEM

Sim, Argelina. Estou aqui.

DUDUCHA

(baixinho)

Não acredito. Argelina? Não acredito mesmo.

Tereza está sentada na cama junto à mesa de cabeceira e a Domingas, deitada a descansar.

DOMINGAS

Esta cama é mesmo muito boa, adorei. É bem melhor do que as nossas.

TEREZA

Sabia que ias adorar, foi por isso que quis que vieses descansar um pouco aqui. Conheces a expressão "*A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha*".

DOMINGAS

Conheço e já percebi o que a tia quer dizer. A Mamã Maria contava uma história de uma prima que nunca comia favas em casa e que acabou por comer favas na casa de uma amiga da mãe. Foi uma vergonha meio disfarçada.

(Pausa)

Agora vou perguntar uma coisa de gente crescida, muito importante para mim.

Tereza sorri e olha para a Domingas, sem dizer nada.

DOMINGAS

É por isso que vocês têm essa irmandade? Tu, a tia Duducha e a Lucinda?

TEREZA

Irmandade? Adorei. Sim, é por isso que nós nos ajudamos mutuamente. Pelos vistos estás a ficar uma mulherzinha.

Domingas olha com um ar desconfiado para Tereza.

DOMINGAS

Uma mulherzinha, mas não o suficiente para me contares tudo.

TEREZA

OK. Vamos ser diretas. Diz-me o que tens a dizer sem rodeios.

DOMINGAS

Uma reunião de amigas às duas da manhã, quase clandestina, escondida da sobrinha. Senti que o assunto da reunião era eu, tia.

A Tereza fecha os olhos e abana a cabeça no gesto de concordar com tudo.

TEREZA

Muito bem, minha querida. A reunião foi aqui em casa porque o expediente no restaurante da Lucinda só termina depois dos jantares. Sim, tu também fazes parte das nossas preocupações e por isso estás a fazer terapia e nós tentamos proporcionar-te um ambiente familiar adequado.

DOMINGAS

Eu sei, Tia.

TEREZA

Mas a nossa grande preocupação é a tua tia-avó. A nossa querida Duducha que toma conta de toda a gente, como sabes, ela também é humana.

58 INT. SUPERMERCADO. CAIXA REGISTRADORA - DIA 58

Duducha aguarda a sua vez na fila da caixa e tenta não olhar à sua volta.

DUDUCHA
(sussurrando)
Não pode ser, é impossível. Acho que fiquei impressionada com as palavras da Domingas. Respira fundo, Maria da Luz.

Duducha repara no olhar da cliente atrás dela e apercebe-se que está a falar sozinha. Tenta disfarçar.

DUDUCHA
Há dias que uma pessoa nem devia sair de casa.

A OPERADORA (30) olha para a Duducha.

OPERADORA
Boa tarde, minha senhora. Tem cupões de desconto?

DUDUCHA
Boa tarde, menina. Tenho sim.

Duducha entrega os cupões à operadora de caixa.

OPERADORA
Desculpe, a senhora deve ser de Cabo Verde, não é verdade?

DUDUCHA
Sim, sou de Cabo Verde.
Interessante, como adivinhou?

A operadora aponta para o milho e as três qualidades diferentes de feijão que Duducha trazia juntamente com a fruta, a manteiga, o queijo e o pão.

OPERADORA
E vai fazer uma cachupa, não é verdade? Eu adoro cachupa. Se

quiser me convidar, eu aceito.
Estou a brincar.

Duducha olha para o milho e os feijões e abana a cabeça.

DUDUCHA

A menina é muito simpática, mas
confesso que nem era suposto
comprar milho e feijão, mas vou
levar na mesma.

(sussurrando)

Também não sei fazer cachupa.

OPERADORA

Pode tentar aprender.

(sorrindo)

Já tem milho e feijão. Já não
falta tudo.

59 INT. CAMPO DE OURIQUE. QUARTO DA TEREZA - DIA

59

Domingas levanta-se e põe-se de pé.

DOMINGAS

(meio assustada.)

A tia está doente?

TEREZA

Não. Felizmente ela é rija que
nem uma pedra, não toma
medicação para nada. Sabes, ela
disfarça bem, mas está preocupada
contigo. E nós temos de a ajudar
com a nossa presença. Ouvindo as
suas preocupações, enfim,
estando atentas. Tu, para ela,
minha querida, és sobrinha, neta
e filha.

DOMINGAS

Eu nem fazia ideia, tia. O que é
que eu posso fazer para ajudar?

TEREZA

Continua a fazer as coisas
normalmente como se não
tivéssemos tido esta conversa.
Vai ser o nosso segredo, pelo
menos até ela ficar menos
preocupada contigo. Olha, a

Duducha deve estar quase a
chegar, vamos para a sala, ok?

Domingas, com olhos embaciados, abana a cabeça, concordando
e limpa os olhos com as mãos.

60 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 60

Tereza e Domingas entram na sala e vão sentar-se no sofá.

DOMINGAS
Vou perguntar outra coisa de
gente crescida, posso?

A Tereza sorri e abana a cabeça concordando.

DOMINGAS
Tia Tereza, será que um dia vou
fazer parte dessa irmandade?

A Tereza segura a cara da Domingas e as duas olham, uma
para a outra. A Tereza sorri.

TEREZA
Sim, querida. Podes não
acreditar, mas já fazes parte.
Sim, já fazes parte da irmandade.

61 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. CORREDOR - DIA 61

Ouve-se o barulho das chaves a abrir a porta do
apartamento. Duducha entra, fecha a porta, caminha e entra
na sala. Olha para a Tereza e a Domingas, no sofá, e
segue para a cozinha, sem dizer nada.

62 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 62

Duducha pousa os sacos na mesa da cozinha e olha para
dentro de um dos sacos de compras. A Tereza e a Domingas
entram na cozinha.

DOMINGAS
Tia. Estás bem?

TEREZA
(olhando para a
Domingas)
Aconteceu alguma coisa. Ela não é
de ficar calada assim. Então,
maninha?

DUDUCHA

Começo a acreditar que essa minha sobrinha, e filha, vai ser tal e qual a sua Mamã Maria. Imaginem, eu, Maria da Luz, que só gosta de fazer doces, a comprar milho e feijão para a cachupa.

DOMINGAS

Não entendo, tia. Compraste milho e feijão?

DUDUCHA

Sim. E sem saber como. Cheguei na caixa e lá estava o milho e as três qualidades de feijão entre as outras compras. Vejam como a cabeça pode pregar-nos partidas.

Duducha retira o milho e o feijão de um dos sacos e mostra, fazendo questão que olhem para ela.

A Domingas olha bem para a tia e começa a rir. Não aguenta de tanto rir e senta-se no chão.

DOMINGAS

Desculpa, tia. Não aconteceu mais nada, foi só isso?

63

INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA

63

Duas mãos seguram dois copos de água. Domingas entrega um dos copos à Tereza, que agradece.

TEREZA

Obrigada, querida. Aconteceu alguma coisa fora do comum para levar Nhá Maria a acreditar que vais herdar o tal Dom?

DOMINGAS

Bom, sou a única neta e antes dos 5 anos de idade eu já conhecia todos os ingredientes da sua cachupa. E, aos 8 anos, cheguei a confeccionar a sua famosa receita, sem que ela dissesse o que fosse.

TEREZA

Sim? Nem sei o que dizer.

DOMINGAS

Mas há outra coisa. Um jogo de memória que ela mesma inventou.

(empolgada)

Ela colocava todos os ingredientes da cachupa em cima da mesa... milho e feijão, as verduras, as carnes e os temperos. Então, ela chamava-me.

Domingas levanta-se da mesa, fecha os olhos, abre os braços e vira-se de costas. Tereza sorri.

64 INT. CASA DE NHÁ MARIA EM MINDELO. COZINHA - DIA

64

Nhá Maria confere se todos os ingredientes estão em cima da mesa, nas respetivas proporções e ordem. Sorri enquanto faz um grupo com a farinheira, o feijão catarino, a couve lombarda e a batata-doce. Nhá Maria segura a toalha da mesa e chama por Domingas.

NHÁ MARIA

Filha, já podes entrar. Tens um minuto para tirares uma fotografia mental de tudo. Depois, vou colocar a toalha em cima e tu...

DOMINGAS

Eu sei, viro-me de costas e começa o jogo de adivinhação. E se eu acertar...

NHÁ MARIA

(a sorrir)

Olha que desta vez não sei se vais conseguir. Mas se mesmo assim acertares, terei de admitir que és uma boa candidata para o Dom não se perder de vez.

DOMINGAS

O Dom se perder de vez, como assim?

NHÁ MARIA

Tu és a única neta, não és? Se o Dom saltar várias gerações, como vou saber. Já não estarei aqui para ver.

(a sorrir)

Estou a brincar. O Dom vai ser teu. Tenho a certeza. Mas tens de merecer.

65

INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA

65

Virada de costas para a mesa, Domingas começa a enumerar e a apontar para sítios específicos em cima da mesa. Tereza acompanha os movimentos da menina, olhando para onde supostamente estariam os ingredientes citados.

DOMINGAS

(apontando)

Do meu lado esquerdo temos um quilo de milho. Seguido dos feijões, distribuídos não em três, mas sim em duas qualidades: ervilha e fava branca. Falta o catarino para completar a justa medida de feijão, segundo a tua receita, Mamã. Um chouriço e cerca de dois quilos de carne de porco, incluindo entremeada, orelha e chispe, mesmo no meio. Cebola, alho, massa de pimentão, sal grosso, louro e vinho branco, ao lado do grupo isolado. Grupo com o feijão catarino, a couve lombarda e a batata-doce.

TEREZA

Impressionante!

DOMINGAS

A Mamã Maria criou esse grupo isolado para ver se eu me lembrava que o feijão catarino e a farinheira devem ser cozidos separadamente. Ela dizia que o catarino era teimoso e a farinheira, sensível demais. E que a couve lombarda e a batata-doce deviam ser cozidas com a água da farinheira.

TEREZA

(admirada)

Perfeito. Começo a acreditar que és mesmo capaz de fazer uma cachupa que nem gente grande, como diz a Duducha.

DOMINGAS

Não tenho certeza, tia. Sempre falta a força da presença da Mamã Maria.

66

INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SOFÁ DA SALA - DIA

66

Domingas está deitada no sofá com a cabeça ao colo de Tereza. Duducha entra na sala e olha para as duas.

DUDUCHA

Parecem mesmo mãe e filha, como diz a vizinha.

DOMINGAS

A cusca?

DUDUCHA

Para ti é a vizinha, e pronto. Olha a educação! A tua querida Mamã Maria dizia sempre que só depois dos cinquenta e um anos de idade é que se pode dizer o que nos vem na telha, sem julgamentos de terceiros.

Domingas sorri.

TEREZA

Só com cinquenta e um anos de idade?

DUDUCHA

Sim, nessa altura a sabedoria ou a loucura já estão instaladas, na pessoa. Se for sabedoria, aprendemos. Se for loucura, evitamos.

TEREZA

Tenho mesmo de começar a recolher estas informações. E pode ser com uma receita poética.

DUDUCHA

Uma receita? Mas agora já acreditas no dom?

TEREZA

Acreditar que existe uma cultura
da avó que está dentro da
Domingas, é suficiente para
explicar metade do dom. E essa
metade, chega-me perfeitamente.

DOMINGAS

Gostei. A tia Tereza tem jeito
para as palavras. Existe uma
cultura da minha avó que está
dentro de mim, basta eu
acreditar. Lindo.

Tereza levanta-se.

TEREZA

Não é cedo e nem é tarde, vou ao
quarto buscar papel e a minha
caneta especial.

67 INT. QUARTO DA TEREZA - DIA 67

Tereza abre o estojo com uma linda caneta prateada. Abre a
gaveta da cómoda e retira um bloco de notas. Depois,
levanta uma peça de roupa e vê o caderno.

Tereza senta-se na cama e desfolha as páginas do caderno
até à página "Capítulo Três. Fim do meu casamento", título
provisório - 7 de Maio de 2015".

FLASHBACK

68 INT. QUARTO DA TEREZA - NOITE 68

TEREZA (37) está sentada na cama e olha para a porta do
quarto. CARLOS (38) abre a porta e entra no quarto.

CARLOS

Acho que temos de conversar,
Tereza.

TEREZA

Tu não podias ter escolhido outra
pessoa para engravidar? Quando
casamos, já sabias que eu não
podia ter filhos e foste logo
engravidar a Lurdes. Uma das
minhas amigas mais próximas.

Sinceramente, Carlos. Original
mesmo.

Carlos olha para a Tereza.

CARLOS

Eu não programei nada disto.
Simplesmente nós, os dois, eu e
tu, fomos afastando um do outro,
desde a morte...

TEREZA

Não! Não metas a a morte da minha
mãe nisto.

CARLOS

Desculpe.

TEREZA

A Lurdes estava mesmo aqui, à mão
de semear, não é? Porra, ela
frequentava a nossa casa! Sabia
que estávamos numa fase menos
boa. A sonsa emprestou-te a cona
e foi apalpando terreno, queria
um homem. Carlos, não és o
primeiro nem o último a
acreditar... Homens e mulheres
fazem isso há séculos. E depois
veio o golpe da barriga, com a
vítima perfeita: tu!

CARLOS

Eu compreendo isso tudo. Até
houve um momento em que eu quis
afastar-me e dedicar-me à nossa
relação.

TEREZA

(sorrindo)

E foi quando apareceu a gravidez.

CARLOS

Sem querer ofender-te, Tereza.
Mas para mim, já não interessa
se a Lurdes está, ou não, a dar o
golpe da barriga. Não posso
fingir que a gravidez não existe
e nem deixar de tentar ser pai.
Eu achava que isso podia não ser
importante, mas essa ideia foi
crescendo em mim. Tudo o que

posso dizer com toda a
sinceridade é que lamento a
situação e peço desculpas. Isto
não é nenhuma maldade contra ti.
Infelizmente é a vida a
acontecer.

69 INT. QUARTO DA TEREZA - DIA 69

Tereza fecha o caderno, coloca-o no mesmo local e fecha a gaveta da cómoda. Depois, limpa o nariz e olha para o seu reflexo frente ao espelho.

70 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 70

Tereza regressa à sala com as mãos vazias.

DOMINGAS

A tia não foi buscar papel e a tal caneta?

TEREZA

Tens razão. Estive com a caneta na mão. Mas depois distraí-me com coisas que já não interessam.

DOMINGAS

Coisas desagradáveis, Tia?

DUDUCHA

Estiveste a reler o teu caderno?

Domingas olha para as duas com muita curiosidade. Tereza e a Duducha olham, uma para a outra. E depois para a Domingas.

DUDUCHA

(olhando para a Tereza)

Ela é nova, mas tem de começar a saber das coisas da vida. Foi o que combinamos.

TEREZA

Estive a reler coisas relacionadas com o meu divórcio, Domingas. o Sacana do meu marido engravidou uma das minhas amigas.

(Sorrindo)

Na altura eu bem que gostaria de poder retribuir da mesma forma.

DOMINGAS

Engravidar-te com um grande amigo dele?

TEREZA

Não. Simplesmente engravidando-me. Parir-me a mim e parir uma criança. Ainda fui aos treinos à espera de milagres, mas...

DUDUCHA

Mas a menina Tereza tem um problema e não pode ter filhos... ou filhas.

DOMINGAS

Sim?

(Pausa)

Vou fazer como a minha tia Duducha que nunca quis casar. E também nunca me vou apaixonar por ninguém.

TEREZA

Calma. A maioria dos casamentos são normais. Os meus pais foram felizes durante muito tempo, Domingas.

Duducha olha para a Tereza

DOMINGAS

Sim? O Avó foi para a América e nunca mais voltou. O meu pai foi para Angola e nunca mais tivemos notícias dele.

DUDUCHA

Eu namorei muito. Adorei ter namorado. Diverti-me imenso e estive prestes a dar o nó. Depois a vida e a razão levaram-me a romper o noivado, dias antes de subir ao altar. Não foi fácil.

DOMINGAS

Sim? Não sabia.

FLASHBACK

71

EXT. JARDIM DA ESTRELA EM LISBOA. DIA

71

DUDUCHA (29) e a amiga BITÁ (35), vestidas à moda do início dos anos 80, estão sentadas num dos bancos do jardim. Duducha consulta as horas no relógio de pulso.

DUDUCHA

O Benvindo deve estar quase a chegar.

BITÁ

Eu não quero que fiques aqui sozinha, ainda mais hoje. Tens a certeza que é mesmo isso que queres fazer? Não é fácil acabar com um noivado.

DUDUCHA

Não, Bitá. Não tenho a certeza se é o que eu quero fazer, mas tenho a certeza que não pode ser de outra forma. Se ele me respeitasse, um pouco que fosse, ter-me-ia contado tudo pessoalmente. Sabes, agora já não há muito a dizer. A conversa vai ser breve.

BITÁ

Amigas, amigas de verdade, são para estas e outras coisas. Bom, é melhor eu ir andando. Ele vem aí. Espero por ti no café de costume.

Duducha olha e vê o BENVINDO (35) a caminhar na sua direção.

BENVINDO

Boa tarde, querida. Aquela não era a Bitá? Por que é que ela se foi embora sem dizer nada?

DUDUCHA

Boa tarde, Benvindo. Ela preferiu assim. Como deves ter percebido no telefonema, a conversa vai ser séria e breve.

BENVINDO

Deu para perceber isso.

DUDUCHA

Gostarias de saber por terceiros que eu tenho uma filha em algum lugar?

BENVINDO

Tens razão. Mas eu não tinha a certeza se era, ou não, o pai da menina. A minha avó é que diz que ela tem os meus traços, e...

DUDUCHA

A Argelina tem quase 5 anos, nós estamos juntos há quase três anos. Compreendes? Tempo suficiente, e nunca falaste no assunto. Arranjaste dinheiro para obras na casa da mãe da tua filha e não foste capaz de dar o teu nome à menina.

BENVINDO

Foi um erro, mas... havia outros homens...

DUDUCHA

Poupa-me. Pai é quem cria. Agora, o mais importante, diz-me se vou ser raptada?

BENVINDO

Como assim, raptada? Não estou a entender nada.

DUDUCHA

Tens duas passagens para a Argentina, uma no meu nome e outra no teu, há mais de dois meses e eu não sabia de nada. Isso é rapto.

BENVINDO

E como é que soubeste disso tudo?

DUDUCHA

O teu simpático tio Gregório, da Argentina, aquele que prometeu ao teu falecido pai olhar por ti, caso necessário, telefonou-me. Sabes, no meio de cabo-verdianos, há sempre um primo que conhece outro, que até tem um número de telefone e não fica por aí...

BENVINDO

Sim. O que não falta ao patrício, são primos.

DUDUCHA

O teu tio chamou-me sobrinha e disse que ele estava muito contente por eu ter concordado em ir viver para a Argentina e (Pausa) e ter acreditado na inocência do sobrinho. Qual inocência? Perguntei a mim mesma.

BENVINDO

Pelos vistos, falaram muito.

DUDUCHA

Pelo contrário. Foi pouco tempo e muita informação. Bastou-me dizer que não havia como não acreditar na tua inocência do meu... para ficar a saber que, felizmente, o teu simpático tio Gregório tinha posses e arranjou um advogado. E ele até contou como tudo foi feito. Para ele, valia tudo para tirar o sobrinho inocente daquele aperto e honrar a memória do irmão.

BENVINDO

A minha avó sempre disse que o Tio Gregório punha a família em primeiro lugar. Foi ela que informou o Tio Gregório de tudo.

DUDUCHA

Acredito. Eles pagaram o montante do desfalque feito na drogaria diretamente ao dono. Surgiu uma testemunha que, sem afirmar ou negar o que fosse, bastou para

criar dúvidas. Meio arrependido,
o dono retirou a queixa e foste
libertado imediatamente, no dia
em que irias completar 14 dias de
prisão. Perfeito.

BENVINDO

Não sei o que dizer.

DUDUCHA

(sorrindo)

Nem eu. Mas há mais. Mal eu
pousei o telefone e comecei a
tentar digerir tudo, o telefone
voltou a tocar. Era o tio
Gregório a agradecer-me o facto
de eu incentivar-te a registar a
filha e de eu estar de acordo que
a menina também fosse viver
connosco na Argentina. E voltou a
despedir-se lindamente. Perfeito.

Benvindo leva a mão à cabeça e olha para o chão. Um
DESCONHECIDO (45) aproxima-se.

DESCONHECIDO

Boa tarde. Desculpe o incómodo.
Por acaso o cavalheiro não tem um
cigarrinho?

Benvindo retira o maço do bolso e oferece um cigarro ao
desconhecido que agradece, com um muito obrigado, e segue o
seu caminho.

Duducha retira o anel de noivado do dedo e entrega ao
Benvindo.

DUDUCHA

O desfalque foi para ajudar a mãe
da tua filha?

Benvindo diz que sim, acenando com a cabeça.

DUDUCA (continuação)

Benvindo, sinto que o amor desse teu tio pode fazer-te bem.
Até digo mais, não há como esse amor não dar frutos.

BENVINDO

Por que dizes isso?

DUDUCHA

Porque tu não és má pessoa.

Benvindo guarda o anel e olha para a Duducha com os olhos embaciados.

BENVINDO

Obrigado, Duducha. Muito obrigado.

72 INT. CAFÉ ESTRELA D'OURO. ESPLANADA - DIA 72

Bitá repara na Duducha que caminha com os olhos fixos no chão. Bitá levanta a mão e começa a acenar. A Duducha aproxima-se e senta-se.

BITÁ

Tomas qualquer coisa? (pausa)
Como correu?

DUDUCHA

(olhando para a Bitá)
Correu muito bem. Parecia que eu estava a representar uma peça teatral, na escola.

BITÁ

Tens a certeza?

Bitá olha para a amiga. Os olhos de Duducha começam a ganhar lágrimas que escorrem pela sua cara abaixo.

DUDUCHA

(com uma voz miudinha)
Correu bem demais, Bitá.

73 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 73

Uma caneta Bic e um caderno são colocados em cima da mesa da sala.

SUBTÍTULO: "A RECEITA POÉICA"

Tereza senta-se à mesa e olha para a caneta. Tereza sorri, segura a caneta e ajeita a posição do caderno. Duducha entra na sala e olha para Tereza.

DUDUCHA

Parece que hoje vamos ter escritora. Bom dia.

Domingas também entra na sala.

DOMINGAS

Bom dia Tias.

A Tereza sorri para as duas e envia beijos com as mãos.

DUDUCHA

Hoje vamos todas tomar o
pequeno-almoço na cozinha.
Ninguém toca na mesa da sala.

A Tereza desata-se a rir

TEREZA

Bom dia. A mesa é grande. O
caderno e a caneta não estorvam
nada. Já preparei café de pacote
e torradas.

DUDUCHA

Credo. Hoje a maninha não está
para brincadeiras. Alguém quer
batido e ovos mexidos com
chouriço?

DOMINGAS

(A sorrir)

Ninguém. Mas podes fazer, que a
gente come, nem que seja só para
te agradar, tia.

DUDUCHA

Engraçadinha. Estás a ficar
parecida com a Tereza. Bem que a
vizinha cusca quis saber se eram
mãe e filha.

74

INT. CAMPO DE OURIQUE. MESA DA COZINHA - DIA

74

Um garfo retira ovos mexidos de um prato. Batido de
morango e banana é despejado num copo. Uma colher de sopa é
utilizada para remover a casca de um ovo cozido.

DOMINGAS

Eu não conhecia essa técnica da
colher para descascar um ovo
cozido.

TEREZA

Nem eu, Domingas.

A Duducha sorri, mostra o ovo sem casca e depois olha para
a caneta em cima do caderno.

DUDUCHA

Sempre vais arrancar com a receita poética. Já é qualquer coisa.

TEREZA

Essa da receita poética, não quer dizer nada, saiu-me.

Tereza agarra na caneta e mostra a Domingas.

TEREZA

Querida, chegaste a confeccionar uma cachupa sem que a Tua avó, Mamã Maria, dissesse o que fosse, não é verdade?

Domingas confirma que sim com a cabeça e olha para a Duducha que escuta tudo, com muita atenção.

DUDUCHA

Sim é verdade. Lembro-me da falecida Joana a comentar essa façanha com orgulho.

TEREZA

Mas temos um problema, tu sentes que falta a força da presença da Mamã Maria, não é verdade, minha querida?

DOMINGAS

Sim! Sinto que falta essa força e não acredito que sem essa força eu...

Domingas não termina frase e olha para a Duducha que também olha para a Domingas. E as duas olham para a Tereza com sorriso estampado no rosto.

TEREZA

Se a Mama Maria não disse nadinha e tu conseguiste, podemos tentar uma coisa radical, anotar tudo.

(olhando para as duas)

todos os ingredientes e tempos de cozedura, até sermos capazes de visualizar todos os passos de olhos fechados.

DOMINGAS

Mas a tia acredita que pode mesmo funcionar?

TEREZA

Calma. Por enquanto, só vamos escrever, anotar todos os passos. Vai ser um bom trabalho de pesquisa.

A Duducha começa a arrumar a loiça. Domingas levanta-se para ajudar a tia.

DUDUCHA

Não te preocupes, isto é pouca coisa. Ajuda a Tereza.

TEREZA

Por onde devemos começar? Queria algo que remetesse diretamente para o prato da cachupa sem falar diretamente em comida.

DOMINGAS

Assim fica difícil, tia.

DUDUCHA

(Sorrindo)

Difícil? Pelo contrário, essa é muito fácil.

Teresa e a Domingas olham para a Duducha, meio desconfiadas. A Duducha sorri.

DUDUCHA

"Qual é a coisa qual é ela, mam pritinha criá nós tude?

DOMINGAS

Caldera de ferre de três pê, pa fazê cathupa que lenha.

DUDUCHA

Domingas, explica a Tereza, porque tenho coisa a fazer.

DOMINGAS

Qual é coisa, qual é ela. Mãe Pretinha nos criou a todos? É a caldeira de ferro de três pés utilizada para fazer a Catchupa à lenha.

TEREZA

Perfeito, uma adivinha. Vamos utilizar a palavra Catchupa ou cachupa? Li um texto que dizia que nas terras de Camões, a catchupa perdia o "t" mas não perdia o gosto.

DOMINGAS

Tanto faz. Quando falo português, digo cachupa, quando falo em crioulo digo catchupa. Eu ainda cheguei a ver a Mamã Maria a fazer a cachupa à lenha na caldeira de três pés. Ela dizia que à moda da ilha de Santo Antão, a cachupa tinha um gosto mais apurado.

TEREZA

Estamos a começar bem. Vamos continuar como se estivesses no jogo de memória da tua avó.

Empolgada, a Domingas levanta-se e começa a olhar para espaços específicos da mesa, como se estivesse a visualizar os ingredientes citados.

DOMINGAS

(Apontando)

Milho, ervilha, fava branca e feijão catarino. Quantidades: um kilo, 90 gramas, 90 gramas e mais 90 gramas, respetivamente.

A Duducha faz uma pausa e vai ver o que a Tereza já escreveu.

TEREZA

Falta alguma coisa?

DOMINGAS

Falta decidir se vai ser cachupa simples ou cachupa rica e o número de pessoas.

TEREZA

Pessoas? Pode ser quatro, convidamos a Lucinda.

DOMINGAS

Não se faz cachupa para quatro,
tem de ser mais pessoas.

TEREZA

Ok. Fazemos para oito. Assim
comemos dois dias. E, se for
preciso, congelamos o resto.

DOMINGAS

Ok. Normalmente, sempre sobra
cachupa para outro dia. Guisada
com ovo estrelado dá um bom
pequeno almoço. E com leite, são
cereais perfeitos.

TEREZA

A cachupa rica tem mais carne,
não é?

DOMINGAS

Sim. Mas a cachupa simples é mais
saudável, só tem cinco por cento
de carne, ou peixe, o resto são
cereais, verdura e legumes.

(pausa)

Já sei, tia! Vamos fazer a
Cachupa Rica, sem fugir a regra
da cachupa simples.

TEREZA

Sim?

DOMINGAS

Não vamos fazer tudo junto, do
início ao fim. O milho e o
feijão, assim como os dois quilos
de carne de porco, rematada na
entremeada, orelha e chispe vão
à panela, já temperada com a
cebola, alho, massa de
pimentão, sal, folha de louro e
o vinho branco. E depois de cerca
de 45 minutos, retiramos toda a
carne já cozida e devolvemos a
panela ao lume por mais 20
minutos. A Mamã Maria, por vezes
fazia assim.

Domingas faz nova pausa e olha para a Tereza. Que faz sinal
que tudo está a correr bem.

TEREZA

Podes continuar, querida. Estou impressionada, mesmo.

DOMINGAS

A farinheira é cozida à parte e dessa água, cozemos a couve lombarda, a batata doce, ou mandioca e inhame, como já sabes.

TEREZA

Sim, chegaste a falar nisso.

A Tereza pousa a caneta e olha para a Domingas.

DOMINGAS

E o resto do chouriço vai num refogado de cebola.

(Pausa)

E servimos tudo em três travessas separadas. Uma de cereais, outra de carnes e uma terceira de verdura e legumes.

A Tereza levanta-se e vai colocar-se ao lado da Domingas olhando para a mesa.

TEREZA

Até parece que consigo ver tudo em cima da mesa.

DOMINGAS

Cada um come a quantidade de milho e feijão, assim como de carnes e legumes e verduras que bem entender.

TEREZA

Perfeito, não podia ser melhor.

A Tereza abraça e beija a Domingas.

DOMINGAS

E agora, o que é que fazemos, tia?

TEREZA

Agora vamos comprar cartolina de várias cores. Tive uma ideia.

A Duducha entra na sala e olha para a Tereza e a Domingas.

DUDUCHA

Ouvi falar em cartolinas de várias cores. Acho que temos alguma cartolina branca na despensa.

TEREZA

E temos marcadores?

DOMINGAS

Eu tenho marcadores verdes, vermelho, amarelo e preto.

75 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 75

Em cima da mesa da cozinha esta uma folha de cartolina branca, duas tesouras, uma régua e os marcadores.

A Duducha sai da despensa com mais uma folha de cartolina branca e outra amarela.

DUDUCHA

Afinal temos mais duas folhas.
Agora podem explicar-me que tipo de trabalhos manuais vamos fazer?
(olhando para a Domingas)
É algum trabalho da escola?

DOMINGAS

Acho que deve ter alguma coisa a ver com a receita.

TEREZA

Calma! Tudo vai começar a fazer sentido. Vamos fazer cartões de vinte por dez centímetro.

76 INT. CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 76

Domingas e Duducha, segurando as suas chávenas, olham uma para a outra.

DOMINGAS

O que é que a tia deve estar a fazer?

Duducha sorri. A menina Tereza sempre foi assim, um pouco misteriosa. Sabes, filha! Quando comecei a trabalhar nesta casa, não era para ficar todo este tempo. Tinha combinado com a Bitá que ficaria dois anos, no máximo. E depois iria tentar a Itália, onde a minha amiga está até hoje.

Afeiçoei-me a esta família e fui adiando, até não fazer mais sentido.

TEREZA (OFF)
Só mais um pouco. Está quase!

DOMINGAS
Ok, tia. Estamos a beber um chazinho, Também queres?

TEREZA
Depois vou à cozinha, não se preocupem.

DUDUCHA
Não estamos preocupadas.

77 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 77

Uma mão movimenta cartões com os nomes dos ingredientes de um lado para o outro. A Tereza olha para a mesa da sala e chama por Domingas e Duducha.

TEREZA
Já podem entrar, meninas.

Domingas e a Duducha entram e posicionam-se ao lado da Tereza. Na mesa estão vários cartões com nomes de ingredientes. A palavra milho está escrita a amarelo, as carnes a vermelho e os legumes e as verduras a verde.

TEREZA
Assim conseguimos ver a imagem da receita, toda, de uma só vez.
(Pausa)
Vamos fotografar e fixar mentalmente esta imagem.

DOMINGAS
(Olhando para a Tereza)
Tia, eu nem sei o que dizer.

DUDUCHA
(abanando a cabeça)
Agora só falta cozinhar de verdade.

DOMINGAS
Será que teremos coragem para experimentar?

TEREZA

Eu quero experimentar. Para mim...
não há como isto aqui não dar
certo! E digo mais, vai ser
impossível isto não dar certo.
Estou tão confiante que vou já
tratar disso.

A Tereza agarra no telemóvel e liga para a Lucinda.

TEREZA

Tudo bem contigo, Lucy? A Tereza
e a Domingas estão a enviar
beijinhos. Sei que estás a
trabalhar, vou ser rápida. Diz-me
uma coisa, o que é que fazes
neste fim de semana?

(Pausa)

No sábado só trabalhas da parte
da manhã e no domingo estas de
folga? Perfeito. Tenho Banco, mas
saio às 8 horas de Sábado. Olha,
estás convidada para almoçar aqui
em casa no Domingo. Estamos com
saudades tuas. Fica bem. Adeus.

A Duducha e a Domingas olham para a Tereza e abanam a
cabeça em gesto de admiração.

DUDUCHA

Até parece que eu estou a sonhar.

TEREZA

Agora é oficial e não há volta a
dar. Vai-se fazer uma cachupa
aqui em casa. Eu já estou a ver
o filme todo.

A Duducha começa a rir e faz um enquadramento
cinematográfico com os polegares e os indicadores à frente
da cara da Tereza.

TEREZA

(olhando para a Domingas)

No primeiro momento, temos a Tereza, eu, e a Duducha a
observar a satisfação da menina Domingas a colocar o milho
e o feijão de molho, com um grande sorriso.

DOMINGAS

(olhando para as mãos da Duducha)

Tia, vira a câmara.

(sorrindo)

No segundo momento, temos Duducha
a separar as carnes e...

A Duducha baixa as mãos. A Tereza e a Domingas, admiradas,
olham para a Duducha.

DUDUCHA

(sorrindo)

Eu estou a filmar, não posso
estar a separar as carnes.

DOMINGAS

(olhando para as mãos da Duducha)

No segundo momento, temos a
Duducha, bem penteada e com o
melhor casaco que ela tem, a
entrar cozinha adentro com o
resto das compras e começa a
descascar cebolas para o
refogado. E no terceiro momento,
a Tereza entra na cozinha, sorri
para a câmara e começa a separar
as carnes e as verduras, ainda
com a bata de médica.

Tereza, Duducha e a Domingas caem literalmente no sofá a
rir.

DOMINGAS

Tia, dá para ver como ficou a
gravação.

A Tereza e a Duducha desatam-se a rir de novo e, de tanto
rir, acabam por ficar sentadas no chão. A Tereza olha para
a mesinha das fotografias. A Tereza levanta-se e traz a
fotografia dos pais e a fotografia de Cabo Verde.

TEREZA

(pausa)

O meu querido pai, a minha
querida mãe e a estimada Joana,
que eram pessoas divertidas,
devem estar felizes neste
momento.

Domingas fica com os olhos embaciados. A Duducha abraça a
sobrinha.

DOMINGAS

Eu estou a chorar, mas não é de
tristeza nem dor, é de

felicidade. Eu tenho aqui, tudo
que preciso.

(levantando-se do sofá)
Vou enviar uma mensagem a uma
amiga e já venho.

DUDUCHA
Temos que lhe dar espaço, não é?

Tereza coloca a mão em cima da mão da Duducha.

TEREZA
E tempo, para sair da sua bolha.

78 INT. C. OURIQUE QUARTO DA DUDUCHA E DOMINGAS - DIA 78

Domingas agarra no telemóvel e procura pelo nome de Carla e
envia uma mensagem.

DOMINGAS
(mensagem no tele movel)
Estás bem? Ontem não te vi na
escola. Segunda tens aulas de
guitarra, não é? Agora vou ouvir
a tua gravação. Diz-me qualquer
coisa.

Domingas coloca os fones e minutos depois envia nova
mensagem.

DOMINGAS
(mensagem no tele movel)

Bom fim de semana."

79 INT. CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 79

Domingas entra na sala e olha para a Tereza e Duducha.

DOMINGAS
Só falta uma cadeira vistosa no
lugar onde supostamente estaria a
Mamã Maria, caso aqui estivesse.

DUDUCHA
Sentada junto à janela e a
sorrir, como sempre.

DOMINGAS
Agora compreende-se por que razão
aqui em casa vemos pouca

televisão. Fazemos tanta coisa
juntas, que só fica tempo para o
noticiário e pouco mais.

TEREZA
(sorrindo)
Mas nem sempre foi assim...

DUDUCHA
(olhando para Domingas)
Sabes, houve uma época que eu era
viciada em novelas.

TEREZA
(sorrindo novamente)
A verdade é que ela estava a
ficar velha, mas depois,
rejuvenesceu.

80 EXT. CAMPO DE OURIQUE. FRENTE AO SUPERMERCADO - DIA 80

No sábado na véspera do almoço, as três gerações de
mulheres, Duducha, Tereza e Domingas, com os respetivos
sacos de compras, caminham em direção ao supermercado na
rua onde moram.

81 INT. CAMPO DE OURIQUE. SUPERMERCADO - DIA 81

Duducha e Domingas colocam os artigos escolhidos no
carrinho de compras, conduzido por Tereza. Num dos
corredores, uma MULHER na casa dos quarenta aproxima-se da
Duducha.

MULHER
Desculpe, bom dia! A senhora
poderia me dizer onde posso
encontrar leite condensado? Estou
aqui às voltas, e nada.

DUDUCHA
Bom dia. Olhe, grande
coincidência, eu também preciso
de leite condensado. Costuma
estar no corredor ao lado, junto
do leite em pó e leite de pacote.

A Duducha olha para a mulher com curiosidade, e mulher
parece retribuir a curiosidade.

MULHER

Gracias, senhora. Por acaso, a senhora é caboverdiana?

DUDUCHA

(sorrindo)

Não é por acaso. Eu nasci em Cabo Verde e os meus pais também são caboverdianos.

MULHER

Sim? Eu também nasci em Cabo Verde, mas estou a viver na Argentina desde os meus 8 anos de idade.

Duas latas de leite condensado são retiradas da prateleira.

MULHER

Eu só vou precisar de uma lata. E a senhora?

Duducha olha bem para a mulher e demora a responder.

DUDUCHA

Desculpe, estava aqui a pensar em outra coisa. Sim, também só quero uma lata. É mais para repor, tenho outra na dispensa.

(pausa)

Então somos patrícias!

MULHER

(a sorrir)

Parece que sim, patrícia. Eu sou a Argelina, nascida em São Vicente.

DUDUCHA

E eu sou a Maria da Luz, também nasci na Ilha de São Vicente, com raízes em Santo Antão, como quase toda a gente de "nôs Soncente".

Enquanto a Domingas coloca uma embalagem de sal grosso no carrinho de compras, a Tereza observa a Duducha a despedir-se da Argelina, com um aperto de mão. A Duducha aproxima-se e coloca a lata de leite condensado no carrinho de compras. A Domingas faz sinal que vai para outro corredor.

TEREZA

(A olhar para a Duducha)

Que cara é essa? Pareces preocupada.

DUDUCHA

Ainda não tenho a certeza, mas tudo indica que o passado está a caminhar na minha direção. Essa Domingas vai ser pior do que a avó, Maria Antónia.

TEREZA

Maria Antónia?

DUDUCHA

Sim. Maria Antónia, em Cabo Verde. Maria da Luz, em Portugal. E o Mário na América. Somos três.
(a sorrir)

A conta que Deus fez e espalhou pelo mundo.

TEREZA

Que passado está a caminhar na tua direção?

A Tereza olha para a Duducha e repara que a Duducha está com cara de quem não quer falar muito.

DUDUCHA

O passado do tempo da minha grande amiga.

TEREZA

Do tempo da Bitá, não é verdade? Uma vez ela veio de férias e até dormiu lá em casa. Foi no dia que completei 16 anos. Ainda me lembro muito bem, fomos ver o filme *Philadélfia*, dirigido por Jonathan Demme e protagonizado por Tom Hanks e Denzel Washington, em 1994.

82 INT. C. OURIQUE. QUARTO DA DUDUCHA E DOMINGAS-NOITE

82

Duducha acorda no meio da noite e repara que a Domingas está a fazer o exercício de respiração.

DUDUCHA

(baixinho)

Isso! Inspira lentamente pelo nariz e conta até quatro. Um... dois... três... quatro... Segura a respiração por quatro segundos... expira lentamente pela boca... vamos repetir. Tu consegues.

83 INT. CAMPO DE OURIQUE. QUARTO DA TEREZA - NOITE 83

Tereza acorda e apercebe-se que algo está a passar no quarto da Duducha e da Domingas. Veste o roupão e sai do quarto.

84 INT. C. OURIQUE. QUARTO DA DUDUCHA E DOMINGAS - NOITE 84

A Tereza entra no quarto e vê a Domingas a controlar a respiração.

TEREZA

Continua, filha. Estás a fazer tudo muito bem.

DUDUCHA

Ela já está mais calma.

TEREZA

Então filha, o que é que aconteceu?

DOMINGAS

(Com a voz miudinha)

Eu não sei se consigo e nem sei se tenho o Dom. A Mamã Maria não está aqui para ajudar. A tia Lucinda é convidada. E correr tudo mal? O que é que comemos?

TEREZA

Comida simples. Qual a melhor coisa para oferecer a amigos sem dar trabalho?

DOMINGAS

Arroz com frango assado e batatas fritas.

DUDUCHA

Querida, nós nunca iríamos fazer uma cachupa sem um plano B.

Vamos mandar vir três frangos. Dá
muito bem para quatro pessoas.

TEREZA

Também pode ser três e meio.
Sempre sobra alguma coisa.

A Domingas sorri e olha para a Duducha e a Tereza.

DOMINGAS

Não sobra nadinha.

85 INT. VIATURA DA LUCINDA - DIA 85
A estatueta da Virgem Maria, pendurada no espelho
retrovisor, balança e acompanha o movimento da viatura.

SUBTÍTULO: "O ALMOÇO"

Lucinda vê um espaço para estacionar.

LUCINDA

(sorrindo) Afinal, sempre tenho
sorte nesta rua.

Lucinda faz a manobra, estaciona o carro, sai da viatura e
começa a caminhar.

86 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 86
De pé e com os olhos bem arregalados, Duducha, Domingas e
Tereza mantêm uma postura de genuína admiração frente à
mesa da sala de jantar.

TEREZA

Ainda não caí em mim. Parece que
consequimos. Parabéns, Domingas.

DOMINGAS

Parabéns para mim e para as
minhas queridas tias. Sem a
confiança de vocês e a vontade de
fazermos coisas juntas, não
teríamos sequer tentado.

DUDUCHA

Parabéns, Tereza, a tua teimosia
deu frutos. Imaginem, eu, nesta
idade, a fazer trabalhos manuais
para preparar uma cachupa. O que
uma pessoa não faz para manter a
família unida. Espero que um dia
escrevas sobre isso tudo, Tereza.

Mas uma coisa é certa: a Lucy não vai acreditar.

DOMINGAS

Não faz mal, temos o vídeo que a tia fez.

TEREZA

Eu também sinto que a Lucinda não vai acreditar. Desculpem-me, sinto-me vaidosa e com vontade de dizer que, quando as mulheres querem, o mundo acontece.

DOMINGAS

Essa foi boa, tia! Bem ao estilo de uma escritora. Adorei.

As três mulheres trocam olhares entre si.

DUDUCHA

Ajudem-me. Vamos cobrir tudo com uma toalha. Tem que ser uma surpresa.

TEREZA

Como um presente que tem de ser desembrulhado. Boa ideia, maninha.

87 EXT. RUA - DIA

87

Lucinda levanta a mão para tocar a campainha, hesita e abana a cabeça em sinal de negação.

LUCINDA

A garrafa? Não acredito! Bem me parecia que estava a esquecer-me de qualquer coisa.

88 INT. CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA

88

Duducha, Domingas e Tereza, sentadas no sofá da sala, assistem às imagens no visor da câmara de vídeo. O padrão da letra M é desenhado no ecrã do telemóvel, desbloqueando o aparelho. Domingas verifica as mensagens.

DOMINGAS (baixinho)
Ainda não respondeu.

DUDUCHA

Quem é que ainda não respondeu,
filha?

TEREZA
Deve ser algum namorado ou amigo
especial.

DOMINGAS
Qual namorado? Já disse que não
estou interessada em rapazes. Eu
estou bem como estou. Não preciso
de mais ninguém na minha vida.

Domingas olha para Duducha e para Tereza, sorri e começa a digitar uma nova mensagem para a Carla: "Era só para lembrar que amanhã temos... já sabes. Sei que achas que é só conversa, mas pode ser bom para nós... tenta não falhar."

Tereza e Duducha trocam olhares.

TEREZA
Avisem quando a Lucy chegar, vou
ao quarto.

Tereza levanta-se do sofá.

89 EXT. RUA - DIA 89

Um saco com uma garrafa é retirado do banco de trás da viatura. Lucinda atravessa a rua, caminha em direção ao prédio e toca a campainha.

90 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SOFÁ - DIA 90

DOMINGAS
Deve ser a tia Lucy.

DUDUCHA
Sim. Vai avisar a Tereza. Vamos
fazer como combinado.

Uma mão coloca a câmara na mesinha das molduras.

91 INT. PORTA DO PRÉDIO - DIA 91

Ouve-se o destrancar da porta de entrada do prédio. Lucinda entra e dirige-se para o elevador. No elevador, Lucinda coloca a mão na barriga e sorri.

Duducha faz sinal para ficarem em silêncio e encosta o ouvido à porta da entrada. Aguarda e abre a porta do apartamento antes de Lucinda tocar a campainha. Lucinda depara-se com as três mulheres à espera dela no corredor e sorri.

LUCINDA

Três queridas, com essas caras maravilhosas, a receber-me aqui na entrada do apartamento. Desta eu não estava à espera! Vocês devem estar a preparar alguma surpresa. Só pode ser!

Mediante uma vénia, Duducha, Tereza e Domingas convidam Lucinda a entrar. Lucinda sorri, entra e entrega o saco a Domingas.

LUCINDA

Boa tarde e muito obrigada pela vénia. Adorei essa forma de dar os bons-dias.

Lucinda percebe que Domingas olha discretamente para a sua barriga. Tereza segura a mão de Lucinda e a leva para a sala, sem dizer coisa alguma.

Duducha remove a toalha que estava a cobrir a mesa da sala. Lucinda arregala os olhos e sorri.

LUCINDA

Não acredito! Isso é cachupa, não é? E à moda do Zé.

Tereza olha para a Duducha.

TEREZA (baixinho)
Conheces algum Zé?

Duducha abana a cabeça, indicando que não. Lucinda inspeciona a mesa, sem dizer nada. Depois olha para as três mulheres.

LUCINDA

O Zé é amigo do meu Nuno. Ambos cresceram no Pragal. Ele é cabo-verdiano, mas veio muito novo para Portugal. Parece que

aprendeu com as tias a fazer
cachupa desta forma.

DUDUCHA
Desta forma, como?

LUCINDA
Ele prepara uma travessa de milho
e feijão, onde a carne
praticamente só dá gosto, tipo
cachupa simples, e faz acompanhar
com outras duas travessas, uma de
carne e outra de legumes e
verduras, tipo cachupa rica. Tudo
separado, exatamente como nesta
mesa. Adorei!

Tereza olha para Domingas e para Duducha, com um lindo
sorriso nos lábios.

TEREZA (sorrindo)
Ela acabou de dizer que adorou! Ouviram?

Lucinda olha para a Tereza e para Duducha e segura as mãos
de Domingas.

LUCINDA
Querida, se bem conheço os
costumes desta casa, aposto que
foste tu, Domingas, a ter a
maravilhosa ideia de encomendar a
cachupa.

Duducha e Tereza olham para Domingas, que retribui o olhar
com um sorriso.

TEREZA
Sim? A Domingas sozinha?

Lucinda sorri e aponta para Tereza e Duducha.

LUCINDA (sorrindo)
E até parece que eu estava a adivinhar. Trouxe o vinho
tinto que vocês, as duas, adoram.

DUDUCHA
Engraçadinha! Só nós as duas? E
tu, não?

LUCINDA

A Domingas ainda não tem idade
para beber, e eu, neste momento,
não posso. Ou melhor, não devo.

Domingas sorri e volta a olhar discretamente para a barriga
de Lucinda.

TEREZA

Sim, podem beber aguinha, que,
aliás, nunca fez mal a ninguém.

LUCINDA

Eu tenho uma novidade, mas fica
para depois. Agora, o que eu
quero é experimentar esta
cachupa.

Duducha puxa uma cadeira e senta-se.

DUDUCHA

Tens razão. Eu também já estou
com fome. Se faltar alguma coisa,
a Domingas trata disso, não é
verdade, filha?

Domingas concorda com um aceno de cabeça.

94 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 94

Uma concha retira cachupa da travessa, onde a carne só deu
gosto, e coloca-a num dos pratos. Pedacos de carne de vaca,
carne de porco, legumes e verduras juntam-se ao prato.
Vinho tinto é colocado nas duas taças. Uma mão agarra uma
colher e começa a bater num prato. Domingas levanta a
colher, mostrando que quer dizer algo.

DOMINGAS

Caso queiram saber... segundo a
tradição, a cachupa deve ser
degustada com uma colher, ou
seja, com "un kedjer".

LUCINDA

Eu não sabia.

DUDUCHA

E mais, a cachupa deve ser
acompanhada de um bom vinho,
português de preferência. Também
pode ser acompanhada com água,
que nunca fez mal a ninguém.

Lucinda sorri e começa a saborear a cachupa. Na terceira colherada, repara que está a ser observada.

LUCINDA

Meninas, não precisam da minha aprovação. Pelo cheiro e pela apresentação, já dava para ver que só podia estar boa. Parabéns ao cozinheiro.

Lucinda sorri, coloca a terceira colherada na boca e degusta de olhos fechados.

LUCINDA (continuação)

Desta eu não estava à espera. Vocês vão ter de me dar o contacto do cozinheiro ou cozinheira que fez esta cachupa.

Tereza ri e olha para a Duducha, que também sorri.

DUDUCHA

Não há problema, depois damos.

LUCINDA

Sabem, eu gostaria de oferecer cachupa no meu restaurante, mas preciso ver e sentir pessoalmente como se ganha mão à coisa. Estão a entender?

TEREZA

Sim, aprender o jeito certo de fazer, ganhar mão à coisa, é muito importante.

LUCINDA

Confesso que a maneira como a Domingas olhou para a minha barriga quando eu disse que não podia, ou melhor, não devia beber vinho, deixou-me curiosa.

DUDUCHA

O que é que tem a tua barriga, estás a tomar alguma medicação?

LUCINDA

Não. Mas quero ouvir a Domingas antes de eu começar a falar. Pode ser, querida?

DUDUCHA

É melhor não puxarem por ela. Nós sabemos o que a casa gasta.

DOMINGAS

A tia Lucy vai desculpar-me, mas tem de ser a tia a dar essa novidade. Nós ficamos felizes por sermos os primeiros a saber. Desculpe, tia!

LUCINDA

Impressionante! Esta menina é mesmo de fazer cair o queixo. Bom, aqui vai! Eu estou grávida de cinco meses.

TEREZA

Grávida? E não disseste nada esse tempo todo? Não acredito!

Duducha olha para a Domingas e depois para a Lucinda.

LUCINDA

Olá, meninas! Nós só temos falado pelo WhatsApp. Não nos vimos pessoalmente há quase dois meses. E, além disso, gravidez não deve ser comunicada antes dos três meses. E eu queria que fosse assim, presencialmente, aqui com vocês.

Duducha levanta-se e aproxima-se de Lucinda.

DUDUCHA (olhando para a barriga de Lucinda)
Mas não se vê barriga alguma. Cinco meses... era suposto ver qualquer coisa, não é, Tereza?

TEREZA

Sim, geralmente a barriga começa a aparecer entre o quarto e o quinto mês de gestação, mas varia de mulher para mulher. Como a Lucy nunca pariu, a barriga pode demorar a aparecer.

DUDUCHA

"Pariu"? Prefiro a expressão "dar à luz", menos direta.

DOMINGAS (sorrindo)

Sim, a barriga de grávida parece uma lâmpada. Deve ser por isso que se usa a expressão "dar à luz".

DUDUCHA

(olhando para a
Domingas)
Menos, querida. Menos, se faz
favor.

Lucinda coloca a mão na sua barriga e, em seguida, afasta o tecido da roupa, mostrando a barriga.

LUCINDA

(sorrindo)
Sem roupa, já dá para perceber
qualquer coisa parecida com uma
barriga de grávida.

DOMINGAS

Queríamos fazer uma surpresa à
tia, e afinal é ela que acaba de
nos trazer uma grande novidade.
Mais uma menina para esta
família. A irmandade está mesmo a
crescer.

LUCINDA

(olhando para a
Domingas)
Sei que o Nuno queria uma menina,
mas vai ter de se contentar com
um pilas. Ele ainda não sabe, vou
dar-lhe a notícia hoje.
Irmandade? Gostei, Domingas.

DOMINGAS

Os médicos, as ecografias e todos
os outros exames que me
desculpem. Vai ser uma menina, e
não há voltas a dar.

LUCINDA

Sim? Não sei o que dizer,
Domingas!

DUDUCHA

Menos, Domingas. Nós sabemos que
tu, às vezes, até acertas ou

intuis algumas coisas, mas agora...
menos.

Tereza olha para a Duducha e faz sinal para ela ter calma.

TEREZA

Domingas, como é que sabes que
vai ser uma menina e não um
menino?

DOMINGAS

É melhor não dizer, tia. Vocês
iriam ficar assustadas, e eu não
quero isso.

DUDUCHA

Assustadas como?

DOMINGAS

(séria)

A Mamã Maria costumava dizer que
eu era pior do que as contadoras
de histórias de Santo Antão. Pelo
menos, de algumas, dizia ela.

DUDUCHA

(meio admirada)

O que é que têm as contadoras de
histórias a ver com isto tudo?

DOMINGAS

(muito séria)

Algumas também são bruxas. Contam
histórias que ninguém inventou, e
tudo o que dizem passa a ser
verdade, na hora. Basta
pronunciar a palavra "árvore"
para, assim do nada, nascer uma
árvore lá no meio do mato.

DUDUCHA

Puf! E nasce uma árvore lá no
meio do mato. Mas tu estás doida,
ou quê? Brincadeira tem hora,
sabias?

TEREZA

Desta eu não estava à espera.

Duducha e Lucinda olham para a Tereza, e as três mulheres olham para a Domingas, que desata a rir e senta-se no sofá da sala com a mão na barriga, de tanto rir.

DOMINGAS

Alô! Estou a brincar. Se os médicos dizem que vai ser um menino, quem sou eu para dizer o contrário? Desculpem-me, não resisti.

DUDUCHA

Não resististe?

DOMINGAS

A Tataia, a contadora de histórias da Rua da Luz, dizia que o tempero da vontade de ouvir histórias contava mais do que a própria história. E eu sei que vocês, assim como eu, adoram ouvir histórias. E eu... não resisti.

TEREZA

Esta menina não para de me surpreender.

DUDUCHA

Pelos vistos, vai ser pior do que minha irmã Maria.

As quatro mulheres desatam a rir. Duducha olha para a Domingas.

DUDUCHA

(tentando mostrar-se
séria)

Estamos a rir, mas fica sabendo que não teve graça nenhuma.

LUCINDA

Agora só falta um cafezinho.

DOMINGAS

Desculpem, já estava a esquecer-me da cereja no topo do bolo, como diz a tia Tereza.

TEREZA

Cereja no topo do bolo?

DUDUCHA

Vê lá o que vais aprontar! Já
chega por hoje.

Domingas levanta-se da mesa e dirige-se para a cozinha.

95 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA 95

Domingas abre o frigorífico, retira queijo fresco e um
frasco de doce de papaia, escondidos atrás de um caixa de
plástico. Uma mão prepara quatro sobremesas com fatias de
queijo e doce de papaia e coloca-as num tabuleiro.

96 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 96

O tabuleiro é colocado em cima da mesa, e as sobremesas são
retiradas uma a uma.

DOMINGAS

Isto não é doce de papaia de Cabo
Verde nem queijo de cabra, mas
também serve o propósito.

TEREZA

Verdade! A famosa sobremesa de
queijo de cabra meio curado e
doce de papaia. Muito bom.

LUCINDA

(sorrindo)

Esta rapariga tem jeito para a
cozinha, mesmo. Estou
impressionada. Afinal, vão-me
contar a história desta cachupa?

TEREZA

Olha, se queres mesmo saber a
história desta cachupa, podes
perguntar à Domingas. Ela conta-
te tudo.

LUCINDA

Eu já sabia que ela está
envolvida nisso.

DOMINGAS

Tia, sim, fomos nós mesmas, eu e
as tias.

LUCINDA

Compreendo. Então estás a querer dizer que foram as três que tiveram a ideia de fazer a encomenda, é isso?

TEREZA

Não. Ela está a querer dizer que foi ela mesma quem fez a cachupa. Como é óbvio, teve a nossa ajuda.

DOMINGAS

Sim, é isso mesmo. Sozinha e sem a presença da minha avó, Mamã Maria, eu não iria conseguir. A confiança é muito importante.

Lucinda tenta disfarçar a vontade de rir.

LUCINDA

Estou a ver! Há pouco, foi a Domingas que não resistiu e fez o que fez. Agora... pelos vistos é toda a gente, não? Deixem de brincadeiras!

Tereza volta a segurar as mãos de Lucinda e leva-a para a cozinha. Duducha e Domingas nem se dão ao trabalho de se levantar da mesa.

DUDUCHA

Podemos até mostrar a cozinha por arranjar, que não vai adiantar nada. Ela só vai acreditar depois de ver o vídeo, podes crer!

97 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA

97

Lucinda vê a desarrumação da cozinha e inspeciona os restos dos ingredientes e utensílios utilizados. E ainda olha para dentro das panelas.

LUCINDA

Não sei o que dizer.

TEREZA

Foi uma boa aventura. Eu até fiz cartões com os nomes de tudo.

98 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA

98

Tereza e Lucinda entram na sala. Domingas tenta ligar a câmara de vídeo à TV.

DOMINGAS

Esta câmara é bem antiga. Nem conheço estes cabos, nenhum deles é HDMI ou USB.

DUDUCHA

É uma Sony, uma câmara Handycam, de formato MiniDV. Foi o Sr. Engenheiro que me ensinou tudo. No início, ele estava entusiasmado com as gravações, mas depois, eu fui promovida a repórter oficial desta casa. Sempre tive jeito para a fotografia. Numa outra vida, tive um namorado que era fotógrafo. Vou rebobinar a cassete.

DOMINGAS

Rebobinar?

TEREZA

Sim, puxar a fita para trás, para começar do princípio.

LUCINDA

A Tereza mostrou-me a cozinha, e tudo bate certinho. Mas, não sei porquê, ainda tenho uma pulga, muito pequena, atrás da orelha.

DUDUCHA

Não te preocupes, já vamos tratar disso. Acho que rebobinei demais.

TEREZA

Não faz mal. Carrega no play.

A TV começa a exibir uma panorâmica de imagens de convidados que batem palmas, até se fixar na imagem da Tereza e do Carlos a cortar o bolo de noiva. Ao som da festa de casamento, Tereza, Duducha, Domingas e Lucinda olham e apreciam as imagens. Duducha olha para Tereza, que retribui o olhar com um sorriso. Uma mão carrega em Stop e, em seguida, no botão de avançar a fita.

TEREZA

Podias ter deixado correr o vídeo, essas imagens já não me

afetam. Até pensei que já não existissem.

DUDUCHA

Podemos programar uma sessão familiar de "recordar é viver" para outro dia. Agora, temos coisas mais importantes para ver.

DOMINGAS

Eu até que estava a gostar de ver. A tia estava bonita.

DUDUCHA

Pois estava. Fica sabendo que aqui, somos todas bonitas. Até tu, quando não fazes afirmações parvas. Beijinhos e fica quieta.

Uma mão carrega em Play. A TV começa a mostrar imagens da Tereza a observar Domingas a retirar o milho e o feijão que estavam de molho. Imagens de Domingas a separar as carnes e de Tereza a separar as verduras. Tereza olha para a câmara e, com sinais, pergunta se ela já está a filmar. A câmara abana para cima e para baixo, indicando que sim.

TEREZA

Agora, a Domingas vai comentar o que vai fazer, segundo os apontamentos que ela mesma foi ditando. Vamos ver como isso vai correr.

Tereza olha para Domingas.

DOMINGAS

Compramos quase tudo no supermercado local ontem. Como podem ver, as carnes já estão temperadas, e as panelas ao lume.

Ao som das explicações da confeção da cachupa, Tereza, Duducha e Domingas prestam atenção, tanto nas imagens da TV quanto nas expressões de Lucinda.

LUCINDA

E eu perdi esta aventura. Fiquem sabendo que eu nunca vos vou perdoá-las! Isto não se faz.

TEREZA

Ninguém sabia se isso ia dar certo. Agora podíamos estar a comer franguinho, que também não é mau. Tivemos sorte! E também queríamos fazer-te uma surpresa.

LUCINDA

Vocês todas estão de parabéns. E tu, Domingas, surpreendeste-me mesmo. Estou a ver que gostas mesmo de cozinhar.

DOMINGAS

Sempre adorei cozinhar. O meu sonho é ter um diploma na área da cozinha, talvez hotelaria. Assim como a tia.

LUCINDA

Sabes, querida, eu tenho um diploma, mas é na área da contabilidade. A cozinha profissional veio depois, com gosto e muita prática. Bem que podias começar a ajudar lá no restaurante, de vez em quando. Tipo nas férias, feriados, etc. Sempre ias ganhando jeito e prática.

DOMINGAS

Seria muito bom, tia.

DUDUCHA

Para mim, pode ser, desde que não atrapalhe a escola. O que é que achas, Tereza?

TEREZA

Ter projetos de vida e estar ocupada em coisas úteis só podem fazer bem à Domingas.

DUDUCHA

Tens razão.

O telefone fixo começa a tocar.

TEREZA

Ainda há gente a telefonar para os telefones de casa?

DUDUCHA

Deve ser a tua tia, aquela que vive em Tomar.

DOMINGAS

Também pode ser a Mamã Maria. Ela prefere utilizar os telefones fixos. Só têm números, diz ela.

Duducha levanta-se da mesa. Uma mão retira o telefone fixo da base e atende.

DUDUCHA

Sim? Ok! Ê bo, Maria? Sim, nôt dut ta dret.

Duducha baixa o telefone e caminha para a mesa.

DUDUCHA

É a minha irmã, Maria. Ela diz que está bem e quer saber como estamos.

DOMINGAS

Diz-lhe que vou chamar pelo WhatsApp. Assim não paga nada, só tem de atender.

DUDUCHA

Maria, uvi. Domingas tita bem ligob pa móvel, ok? (pausa)
Manera? Bo móvel ta sem carga e bo ka sabê de carregador?

Domingas estende a mão na direção de Duducha.

DOMINGAS

Deixa-me falar com ela.

DUDUCHA

Domingas crê falá ma bô.

Duducha entrega o telefone à Domingas.

DOMINGAS

Mamã, ê mim! Un ta contente de uvib. (pausa) Sim, Tereza e Lucy, otê amiga dnôs, ta li. (pausa)
Desculpe, mamã. Sim, tens razão. Elas não falam crioulo. Sim, falamos em português. Ontem não conseguiste dormir bem, passaste

a noite a pensar em mim? Ok, mas eu já estou bem, mamã. Até fiz uma cachupa. (pausa) Sim, foi com a ajuda delas. Mas toda a gente adorou. (pausa) Sim, o meu aniversário é daqui a três meses. Sim, seria bom que o Dom passasse para mim. (pausa) Sim, a escola vai bem. Ok, dou cumprimentos a todos. Está bem, vou passar à tia.

Domingas passa o telefone à Duducha.

DUDUCHA

Podes falar, mana. (pausa) Sim! Eu sei que os estudos são muito importantes. E ela vai bem na escola, graças a Deus. E se Deus quiser, um dia vai ter o seu diploma. (pausa) Sim? Não me digas! Ela vai adorar saber disso. Sim, fica bem, Maria.

Duducha põe o telefone no lugar e olha para Domingas.

DUDUCHA

A Maria não passou bem a noite, mas felizmente já está mais calma.

LUCINDA

Mas o que é que aconteceu à tua irmã?

TEREZA

Ela e a neta têm uma ligação muito especial. E ontem, a Domingas estava muito ansiosa e... não interessa, já passou.

DUDUCHA

Agora ouçam isto. Um conhecido que trabalha em Angola e está de férias em Cabo Verde conhece e é amigo do pai da Domingas. E disse que o Francisco agora trabalha na Sonangol, em Luanda.

LUCINDA

Sonangol? É a mesma empresa onde o Nuno trabalha há quase dois

anos. A empresa é grande, mas talvez eles já se tenham cruzado por lá, não me admira nada.

TEREZA

Mas o mundo é mesmo pequeno.

LUCINDA

Segundo entendi, a Domingas faz dezasseis anos daqui a três meses, certo? Com dezasseis, ela já pode começar a trabalhar legalmente. E sempre se arranjam umas horas, um part-time, para não atrapalhar os estudos.

TEREZA

Estás a querer dizer que ela agora começava a ganhar experiência aos fins de semana e, depois de fazer anos, passava a fazer um part-time.

DUDUCHA

Pensando bem, seria uma boa oportunidade para a Domingas começar a ter responsabilidade e também poupar para os estudos.

DOMINGAS

E enviar uma pequena morabeza à avó, Mamã Maria, de vez em quando.

Tereza olha para Lucinda e explica.

TEREZA

Morabeza quer dizer um pequeno agrado, ou coisa parecida.

LUCINDA

Minhas queridas, eu estava mesmo a precisar de uma tarde assim.

TEREZA (sorrindo)

Assim como?

LUCINDA

Uma tarde com gente querida e bonita, boa conversa, boa comida. E sem telefonemas e mensagens que não param de chegar, etc.

Domingas olha para Lucinda.

DOMINGAS

Por falar em mensagens, vou ao
quarto ver uma coisa e já volto.

99 INT. QUARTO - DIA

99

Domingas entra no quarto, desbloqueia o telemóvel e vê a mensagem da Carla, escrita em maiúsculas: "DESCULPA AMIGA, MAS A VIDA É MESMO UMA MERDA. EU QUERIA DESAPARECER."

100 INT. ESC. SECUNDÁRIA P. NUNES. SALA DE AULA - DIA 100

SUBTÍTULO: "SAÚDE MENTAL"

A PROFESSORA (55) posiciona-se em frente ao quadro e escreve em letras maiúsculas:

"A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL NOS ADOLESCENTES"

PROFESSORA

Como sabem, ou deviam saber, não vai haver a próxima aula. Daqui a aproximadamente quinze minutos, vamos ter uma sessão de sensibilização sobre a importância da saúde mental na adolescência. A sessão terá lugar no auditório da escola e é obrigatória a comparência de todos. O diretor de cada turma será responsável pela anotação das presenças. Agradecia que não se atrasassem. Boa sessão para todos. Podem sair.

Os alunos e alunas levantam-se e começam a sair da sala. Domingas levanta-se e olha para o vazio do lugar da Carla e também para o canto da parede, onde ela costuma deixar a guitarra.

101 INT. ESC. SECUNDÁRIA PEDRO NUNES. AUDITÓRIO - DIA 101

Alunas e alunos de várias turmas são encaminhados para as respetivas zonas, já reservadas. Domingas senta-se de modo a ficar com um lugar vazio ao seu lado direito, junto ao corredor. A professora de português conta os alunos da sua turma.

PROFESSORA

Estou a ver que são os mesmos.
Então, só falta a Carla e o
Francisco. Não se esqueçam de que
os telemóveis devem estar
desligados ou em modo avião, caso
queiram utilizá-los para tirar
apontamentos.

A DIRETORA DA ESCOLA (50), a PSICÓLOGA RESIDENTE DA ESCOLA
(35) e um convidado, DOUTOR CRUZ (60) sentam-se na mesa
preparada para o efeito, em frente à faixa branca com
letras azuis:

"SEMANA DA SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS"

DIRETORA

Bom dia a todos. Antes de mais, a
Escola Secundária Pedro Nunes
gostaria de agradecer ao nosso
convidado, Doutor Cruz, por ter
aceitado o convite para partilhar
conosco a sua vasta experiência
no campo da saúde mental na
adolescência.

A Semana da Saúde Mental nas
Escolas, promovida pelo
Ministério da Educação em
parceria com o Ministério da
Saúde, tem como objetivo prevenir
problemas como a ansiedade, a
automutilação, a depressão e
outras doenças de âmbito mental.
Cada vez mais, temos a certeza da
importância de lutar contra o
estigma associado aos problemas
de saúde mental.

Neste sentido, é de extrema
importância promover o bem-estar
emocional nas nossas escolas,
assim como a responsabilidade de
todos em criar um ambiente
acolhedor e de apoio que envolva
toda a comunidade escolar.

Domingas olha para a porta no momento em que uma aluna
entra no auditório e é encaminhada para um dos lugares
ainda vazios. Domingas consulta as mensagens no telemóvel e
acaba por enviar uma mensagem à Carla: "Já começou, vens?"

PSICÓLOGA DA ESCOLA

A ansiedade é algo que todos sentimos, principalmente quando estamos prestes a fazer algo importante. Por ter a capacidade de nos manter alertas, podemos dizer que, em pequenas doses, a ansiedade pode ser boa. Mas quando a ansiedade se torna intensa demais, pode afetar as nossas vidas, os estudos e até as nossas relações com os amigos e familiares.

Domingas volta a olhar para a porta de entrada do auditório no momento em que uma aluna abre a porta e sai, mas ninguém entra. Domingas acaba por enviar uma nova mensagem à Carla: "Estás bem?"

Domingas coloca os cotovelos no banco da frente, as mãos na face, de modo a esconder a vista, e fecha os olhos.

102 EXT. ESCOLA. PERTO DAS BANCADAS - DIA 102

Domingas e Carla estão sentadas num recanto perto das bancadas do ginásio exterior. A escola parece estar vazia. Carla, muito tensa, segura a guitarra na posição clássica.

DOMINGAS

Mas por que é que dizes que, por vezes, não querias estar aqui? Aqui na escola?

CARLA

Sabes, por vezes, eu queria era estar fora desta vida, deste planeta. Começo a acreditar que fui, e serei sempre, um parto de risco. Um parto que só devia nascer já adulto, aos trinta, ou mesmo quarenta anos. Assim ninguém proibia nada. Sabes, eles gostam de proibir e de controlar tudo.

103 INT. ESC. SECUNDÁRIA PEDRO NUNES. AUDITÓRIO - DIA 103

A Professora repara na postura de Domingas, com as duas mãos a tapar a face, aproxima-se e senta-se ao lado dela.

PROFESSORA (BAIXINHO)

Então, passa-se alguma coisa,
Domingas?

Domingas retira as mãos da face e diz que está tudo bem,
levantando o polegar.

DOUTOR CRUZ

Respondendo às vossas questões,
de um modo geral, podemos dizer
que a ansiedade, caracterizada
principalmente pela preocupação
excessiva, falta de concentração,
dificuldade em dormir, sensação
de pânico ou medo constante e
sentimento de tristeza profunda,
entre outros, pode ser um sinal
de depressão. Também podemos
afirmar que a automutilação é uma
forma de expressar uma dor
emocional que parece
insuportável. Estamos a falar de
infligir dor física para camuflar
uma dor emocional. Sim, pressões
sociais, problemas familiares,
cyberbullying e dificuldades
emocionais não tratadas podem
levar à depressão e à
automutilação.

Domingas volta a pesquisar as mensagens da Carla e revê a
última mensagem:

"DESCULPA AMIGA, MAS A VIDA É MESMO UMA MERDA. EU QUERIA
DESAPARECER."

DOUTOR CRUZ

(continuação)

Ainda sobre a automutilação,
podemos apontar como principais
indicadores as marcas de cortes
ou queimaduras no corpo, o uso de
roupas de manga comprida para
esconder os ferimentos, mesmo em
dias quentes, a baixa autoestima
e o isolamento. Além disso, falar
sobre sentimentos de culpa,
vergonha ou vazio também pode ser
um indicador.

PSICÓLOGA DA ESCOLA

E, para terminar, é importante
referir que não devemos ter medo

de falar com alguém em quem
confiamos sobre os nossos
sentimentos. A prática de
exercício físico e o não
isolamento ajudam a reduzir o
stress e fazem-nos sentir bem.
Não esquecer que as técnicas de
respiração profunda e meditação
ajudam a relaxar e diminuir a
ansiedade.

104 INT. ESC. SECUNDÁRIA PEDRO NUNES. REFEITÓRIO - DIA 104

Domingas aguarda a sua vez na fila do refeitório.

Duas cozinheiras, uma cozinheira lusa, MILA (45) e uma
cozinheira africana, DONA FÁTIMA (58), atendem os alunos,
entregando os pratos escolhidos. Domingas olha ao redor e
acaba por fixar o olhar na última fila do refeitório.

DONA FÁTIMA

Boa tarde, menina. Vai querer
carne, peixe ou vegetariano?

DOMINGAS

Boa tarde. Desta vez vai ser
peixe. Obrigada.

Domingas segura o tabuleiro e repara que a senhora de
origem africana quer dizer-lhe qualquer coisa.

DONA FÁTIMA

A menina e a menina Carla
costumam almoçar juntas, ali na
última fila do refeitório, não é
verdade?

DOMINGAS

Sim, costumamos almoçar ali, na
mesma fila onde as senhoras
também almoçam.

DONA FÁTIMA

Eu sou a Fátima, mais conhecida
como Dona Fátima. Não sei se
sabe, mas a menina Carla tem
estado doente.

DOMINGAS

Doente? Deve ser por isso que ela não tem respondido às mensagens. Desculpe, eu sou a Domingas.

DONA FÁTIMA
O meu turno termina daqui a quinze minutos. Se a menina puder, podemos falar um pouco.

Domingas acena com a cabeça, concordando. Domingas atravessa o refeitório e vai sentar-se no lugar do costume.

105 INT. ESCOLA SECUNDÁRIA. REFEITÓRIO. MESA - DIA 105

Uma colher é introduzida na tigela de sopa. Lentamente e sem uma ordem específica, Domingas começa a comer. Dona Fátima aproxima-se, senta-se em frente a Domingas, sem dizer nada, e sorri.

DOMINGAS
Desculpe. Não reparei que já estava aí.

DONA FÁTIMA
Tem piada. Eu também costumo fazer o mesmo quando fico preocupada.

DOMINGAS
O mesmo como?

DONA FÁTIMA
Comer de forma desordenada. Um pedaço de pão seguido de uma garfada de peixe ou uma colherada de sopa, etc.

Domingas sorri.

DOMINGAS
Tem razão. Normalmente, como direitinho: sopa, prato e só depois a sobremesa. (pausa) Disse que a Carla tem estado doente. É grave?

DONA FÁTIMA
Aconteceu um problema com uma fuga de gás, e ela acabou por ficar intoxicada. Parece que estava a dormir.

DOMINGAS

Uma fuga de gás? Como?

DONA FÁTIMA

Desculpe perguntar. Vocês são mesmo amigas, amigas, ou simplesmente almoçam juntas?

DOMINGAS

Acho que somos amigas. Somos da mesma turma, almoçamos juntas. Eu nunca fui a casa dela, nem ela à minha, mas já fomos ao cinema algumas vezes e lanchámos juntas.

DONA FÁTIMA

Sim, estou a ver. Olhe, foi uma intoxicação por fuga de gás, e a Carla ainda está a recuperar. Mas não tarda, ela estará de volta às aulas. Era isso. Vou-me sentar junto às minhas colegas de trabalho. Até amanhã, Domingas.

DOMINGAS

Até amanhã, Dona Fátima.
Obrigada.

Dona Fátima levanta-se e vai sentar-se junto às colegas de trabalho. Domingas repara que, de vez em quando, Dona Fátima olha para ela e praticamente não fala com as colegas.

Domingas agarra o telemóvel e envia uma mensagem à Carla: "Espero que fiques bem rapidamente". Um caderno é retirado da mala escolar. Domingas começa a escrever e de forma discreta vai olhando para a mesa ao lado. Apercebe-se de que Dona Fátima se despede das amigas. Domingas aguarda um pouco, levanta-se e dá alguns passos em direção à mesa das cozinheiras.

DOMINGAS

Desculpem! Esqueci-me de perguntar uma coisa à Dona Fátima. Mas não faz mal, pergunto amanhã.

COZINHEIRA LUSA

Ela foi mudar de roupa. Depois vai apanhar o autocarro na paragem aqui perto da escola. Se

for importante, talvez ainda
consiga falar com ela.

106 EXT. FRENTE À ENTRADA DA ESCOLA SECUNDÁRIA - DIA 106

Alunos, professores e alguns funcionários saem da escola.

SUBTÍTULO: "NÃO ESCONDA NADA"

Domingas observa e vê Dona Fátima sem a bata. Domingas aproxima-se e olha para ela.

DOMINGAS

Sabe, Dona Fátima, a Carla não tem muitos amigos aqui na escola. E eu também não. Mas acredito ser a coisa mais próxima possível de uma amiga que a Carla possa ter. Pelo menos aqui na escola.

DONA FÁTIMA

Sim, compreendo. Mas não estou a entender por que está a dizer-me isso tudo.

DOMINGAS

Sei que a mãe da Carla e o companheiro fumam charros. Sei que a mãe nunca chegou a ouvir uma música completa tocada pela filha. Ela só sabe que a filha vê uns vídeos de guitarra no YouTube, mas não sabe que a filha participou num concurso promovido pela Junta de Freguesia. E que, por isso, a Carla frequenta um curso de guitarra pago pela Junta. E também sei que a Dona Fátima se preocupa com a Carla.

DONA FÁTIMA

Ok, muito bem. Já vi tudo. Mas como é que sabe que eu me preocupo com ela?

DOMINGAS

A Dona Fátima foi ama dela até aos três anos de idade.

DONA FÁTIMA

Diacho! Menina li ka ta brinka.
Mas ela já não tem memórias do
tempo em que fui ama dela.

DOMINGAS

Sim, ela já não tem memórias, mas
sabe. Eu senti isso assim que
falou dela. E agora sinto que a
Dona Fátima também esteve
presente nesse evento da Junta.

DONA FÁTIMA

Sim, tenho uma neta que dança no
grupo do bairro; parece que foram
convidados para animar. Tens
razão, a Cidália, a mãe da Carla,
não foi. Ela não é má pessoa, nem
o companheiro... infelizmente, ela
trabalha muito e sobra pouco
tempo para a filha.

DOMINGAS

Aquele "Diacho! Menina, li ka ta
brinca" é crioulo de fora. A
senhora deve ser de Tarrafal.

DONA FÁTIMA

Também percebes o crioulo? Pensei
que fosses angolana. E como é que
sabes que eu sou precisamente de
Tarrafal?

DOMINGAS

Sou de São Vicente. Mas como esse
crioulo de Santiago me pareceu de
interior, arrisquei em Tarrafal.
Eu não conheço Tarrafal. Sei que
é um lugar bonito.

Dona Fátima sorri, segura a mão de Domingas e aponta para o
jardim.

DONA FÁTIMA

Sabes, é melhor falarmos num
sítio mais calmo.

Domingas e Dona Fátima caminham em direção ao jardim.

Dona Fátima aponta para um banco vazio. Domingas é a primeira a sentar-se.

DONA FÁTIMA

Devem estar à tua espera, por isso a conversa não vai demorar muito. Aliás, eu também tenho de ir descansar. Sabes, acordo muito cedo todos os dias.

DOMINGAS

Já enviei uma mensagem à minha avó. Se der tempo, passo em casa. Caso contrário, vou direta à terapia. Mas ainda tenho muito tempo.

DONA FÁTIMA

A menina Carla tem os seus problemas. Às vezes está bem, mas outras fica muito deprimida e não fala com ninguém. Ela também vai às consultas, mas não sei se a família leva a sério... acho que a menina sente falta do pai.

DOMINGAS

Sim, deve sentir. Hoje tivemos uma sessão de sensibilização sobre a saúde mental na adolescência. O que eu mais queria era que ela estivesse presente na sessão. Até guardei-lhe um lugar.

Domingas faz uma pausa e olha para Dona Fátima antes de continuar a falar.

DOMINGAS (CONTINUAÇÃO)

Sabe, já vi as cicatrizes dos cortes que ela fez nos braços. Ela, assim como eu, sofre de ansiedade. Desculpe, Dona Fátima, mas sinto que não está a dizer-me tudo. A história do problema com a fuga de gás, por exemplo.

DONA FÁTIMA

Bom, o que se diz é que a Carla chegou a casa e foi fazer ovos

mexidos para lanchar, mas não desligou o gás devidamente. Parece que o fogão é velho e que havia problemas com um dos botões, segundo os bombeiros. E, segundo a mãe, a filha foi descansar depois de lanchar. Mas como toma medicação, acabou por adormecer profundamente.

DOMINGAS

Profundamente?

DONA FÁTIMA

A salvação parece ter sido o companheiro da mãe, que veio a casa à procura de trocos para o tabaco e deparou-se com aquele cenário. Desligou de imediato a torneira de segurança do gás, abriu as portas e as janelas e ligou para o 112. Depois, arrastou a cama da miúda para perto da porta da varanda, de forma que a menina pudesse respirar ar puro.

DOMINGAS

E a Dona Fátima tem medo de acreditar que não tenha sido só isso, não é verdade?

DONA FÁTIMA

Sim, tenho medo. A Carla sabia que, por vezes, quando se desligava o botão, o lume apagava, mas continuava a sair gás. Por isso, era necessário garantir que estivesse desligado e, na dúvida, fechar a torneira de segurança.

DOMINGAS

Mas o que é que a Dona Fátima está a pensar?

DONA FÁTIMA

Eu não quero pensar em nada. Caso contrário, a situação dela seria...

DOMINGAS

Seria pior do que poderíamos
imaginar. A Carla tem problemas,
mas gosta da vida, Dona Fátima.

Dona Fátima olha bem nos olhos de Domingas.

DONA FÁTIMA

A Domingas sabe o que é uma
conversa di odju na odju?

DOMINGAS

Sim, Dona Fátima, sei o que é uma
conversa de verdades, de olhos
nos olhos.

DONA FÁTIMA

Vejo que a Domingas usa mangas
compridas, assim como a Carla.
Domingas é uma menina
inteligente. (pausa) Fale com a
sua doutora e não esconda nada.

108 INT. METRO - DIA

108

Domingas está sentada junto à janela do metro, a olhar para os padrões do túnel que atravessam o vidro e se misturam com o reflexo da luz da carruagem, enquanto o metro se movimenta. Domingas desbloqueia o telemóvel, digita uma mensagem e continua a olhar através da janela.

109 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. COZINHA - DIA

109

Duducha agarra o telemóvel e lê a mensagem da Domingas:
"Terminei mais cedo. Vou andando e fico a aguardar a tia na pastelaria."

110 EXT. ESTAÇÃO DE METRO - DIA

110

Entre as pessoas que saem e outras que entram, Domingas sai da estação de metro e olha para o carrinho das castanhas assadas. Uma nota de cinco euros é retirada de um porta-moedas. Domingas aproxima-se do carrinho das castanhas.

SENHOR DAS CASTANHAS

Daqui a dez minutos, já temos
castanhas assadas. Só dez
minutinhos.

Domingas volta a colocar a nota de cinco euros no porta-
moedas e continua a caminhar.

111 INT. PASTELARIA - DIA

111

Domingas entra na pastelaria. Uma mão coloca uma garrafa de
água e um pastel de nata na mesa.

EMPREGADO (V.O.)
Vai precisar de copo?

DOMINGAS
Obrigada, não preciso. Olhe, faça
o favor. Pago já.

Domingas entrega a nota de cinco euros ao empregado. Abre a
garrafa, bebe um gole de água e começa a comer o pastel de
nata. Pouco depois, desiste de comer e bebe mais um gole de
água.

PSICÓLOGA CRISTINA
Boa tarde, Domingas. Pelos
vistos, vieste cedo.

DOMINGAS
Boa tarde, doutora. Desculpe,
Cristina. Sim, vim mais cedo. Era
para ter ido a casa antes, mas
preferi vir direta para a
consulta. A minha avó já sabe que
estou a aguardar aqui na
pastelaria, ela vem depois.

Cristina repara que Domingas mostra sinais de preocupação.

PSICÓLOGA CRISTINA
Veio mesmo a calhar. A consulta
que estava marcada para daqui a
dez minutos foi desmarcada. Não
achas melhor eu atender-te já?
Pode ser que, quando a tua avó
chegar, tu já estejas despachada,
ou quase. O que é que dizes?

DOMINGAS

Se a doutora não se importar, eu até agradeço. Vou enviar uma nova mensagem à minha avó para vir mais cedo.

Domingas aproxima-se do balcão da pastelaria e recebe o talão da despesa e o troco. Uma mão desbloqueia o telemóvel e envia uma mensagem:

“Encontrei a doutora na pastelaria. Alguém desmarcou, vou ser atendida agora.”

112 INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA 112

A psicóloga Cristina está sentada na poltrona, e Domingas, no sofá. Domingas parece menos tensa.

CRISTINA

Queres beber um pouco de água, Domingas?

DOMINGAS

Não, doutora, não é preciso. Sabe, vim mais cedo porque aconteceu algo que me deixou muito preocupada. Não sei explicar, mas senti que estar aqui perto poderia ajudar.

CRISTINA

Compreendo. Agora fala do que te deixou preocupada.

DOMINGAS

Parece que a minha amiga, Carla foi utilizar o fogão e não desligou o gás como deve ser. Depois foi descansar e adormeceu. Sabe, ela toma medicação. Por pouco, não morreu intoxicada. Teve sorte.

113 INT. AUTOCARRO - DIA 113

Duducha entra no autocarro, valida a viagem, senta-se e guarda o passe social na mala.

114 EXT. ENTRADA DA ESTAÇÃO DE METRO NO RATO - DIA 114
Duducha apressa-se a entrar no metro pela estação do Rato.

115 INT. PICOAS. PASTELARIA - DIA 115
Duducha entra na pastelaria, olha ao redor e senta-se numa mesa perto da porta.

116 INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA 116

CRISTINA

Então, estás a dizer que a tal Dona Fátima, a cozinheira que chegou a ser ama da tua amiga, também está preocupada. Não sabe o que pensar em relação à fuga de gás. Se foi, ou não, um acidente?

DOMINGAS

De início, ela só disse que a Carla estava, ou tinha estado, doente. Só depois de ter a certeza de que eu e a Carla éramos amigas é que começou a falar. Tanto da fuga de gás como do botão do fogão. E que a Carla sabia do problema do botão e, mesmo assim, não confirmou se havia fuga, nem fechou a torneira de segurança do gás.

CRISTINA

Sim, estou a ver. E tu, Domingas, o que é que pensas do assunto?

DOMINGAS

Eu não sei o que pensar. Mas não quero acreditar que a doença da Carla a tenha levado ao ponto de querer pôr fim... (pausa) à própria vida. Sabe, ela chegou a confessar-me que queria era estar fora desta vida. E também me enviou uma mensagem a dizer que a vida era uma porcaria e que

queria desaparecer. Não sei explicar, mas sinto que não é nada disso. Sinto que ela também quer a vida.

CRISTINA

Sabes, Domingas, pensar, ou mesmo falar, em pôr fim à própria vida não é o mesmo que fazê-lo. Existe uma grande diferença entre intenção e ação. Aqui, o que foi dito por palavras ou por mensagem pode simplesmente ser visto como uma forma de expressar sofrimento, sem intenção de concretizar o ato. Pode ser visto como uma busca de compreensão, ou mesmo um pedido de ajuda. Compreendes?

DOMINGAS

Sim, doutora, eu compreendo. Não sei o que aconteceu na cozinha, só sei que sinto um aperto no peito. Algo que não compreendo e nem sei se é essa a palavra certa... agonia.

CRISTINA

A agonia é um sentimento complexo, uma mistura de ansiedade, medo, angústia e desconforto. Se é disso que estás a falar, então a palavra está certa, Domingas. Fala um pouco sobre esse aperto no peito.

DOMINGAS

Sei que a Carla quer muito a vida, mas ao mesmo tempo, tenho medo.

CRISTINA

Na verdade, não sabemos o que aconteceu. Pode ter sido um descuido, um mau funcionamento do botão, ou seja, um acidente. Caso contrário, já não estaríamos a falar de comportamento autolesivo, mas sim de uma transição para uma ação de desespero completo.

DOMINGAS

Desespero completo?

CRISTINA

A Carla faz terapia, estuda e está a aprender guitarra. Vamos acreditar que tenha sido um acidente. Vamos dar tempo ao tempo. Pode ser?

DOMINGAS

Sim, vamos dar tempo ao tempo. Sabe, quando eu disse à Dona Fátima que também fazia terapia, ela disse-me uma coisa que está a preocupar-me.

CRISTINA

Domingas, eu estou aqui para te ouvir e ajudar, podes falar sobre o que bem entenderes.

DOMINGAS

A Dona Fátima disse-me exatamente assim: "A Domingas é uma menina inteligente. Fale com a doutora e não esconda nada." Sabe, Cristina, essa frase não me sai da cabeça.

CRISTINA

Sim, a Domingas é uma menina inteligente.

DOMINGAS

"A Domingas usa mangas compridas, assim como a Carla" foi o que ela disse antes da frase que não me sai da cabeça.

CRISTINA

E o que é que a Domingas, como menina inteligente, tem a dizer sobre isso tudo?

Domingas olha para Cristina e, em seguida, para as suas próprias mãos.

DOMINGAS

Eu cheguei a dizer às tias que, depois de ter chegado de Cabo Verde, por vezes, eu trincava os

lábios. E quando a minha mãe ficou doente, passei a vincar os pulsos com as unhas. Mas eu nunca lhes disse... que no funeral da minha mãe cheguei a cortar-me nos braços.

Domingas olha para Cristina.

DOMINGAS (CONTINUAÇÃO)

Disfarçadamente, comecei a vincar a pele do braço com uma palheta branca até fazer sangue. Não me lembro de ter sentido dor, só sei que o vermelho do sangue me acalmou. Depois deixei a palheta branca, cheia de sangue, cair no chão.

Domingas volta a olhar para Cristina, que se mantém serena e confiante.

CRISTINA

Estamos no bom caminho. Podes continuar a falar o que bem entenderes.

DOMINGAS

Pois, quando mudámos para a casa da Tia Tereza, ainda cheguei a fazer sangue nos braços com a ponta de uma caneta, mas foi logo no início.

Domingas olha para o relógio na parede.

CRISTINA

Não te preocupes com as horas, ainda temos tempo.

DOMINGAS

Bom, por vezes, ainda trinco os lábios ou pressiono as unhas do polegar contra um dos pulsos. Nada de especial, as marcas acabam por desaparecer rapidamente. Mas ainda tenho as marcas das cicatrizes da palheta e da caneta.

Domingas sobe a manga do braço esquerdo e mostra à psicóloga. De seguida, retira a garrafa de água da mala e olha para Cristina.

DOMINGAS

Posso, doutora? Desculpe, Cristina.

CRISTINA

Faça favor, Domingas.

Domingas bebe um gole de água, seguido de outro, olha para Cristina e volta a consultar o relógio na parede.

DOMINGAS

É verdade, hoje a escola promoveu uma sessão de sensibilização sobre a importância da saúde mental na adolescência. Foi pena a Carla não ter ido.

CRISTINA

Hoje vamos introduzir uma prática que pode ajudar: um marcador vermelho. Se sentires que estás a ficar ansiosa, aplicas a técnica da respiração profunda. E, se sentires algum impulso para te cortares e fazer sangue, em vez de utilizares algo cortante, usas esse marcador vermelho.

DOMINGAS

Um marcador vermelho?

Domingas abre a mala, retira um marcador azul, procura e retira outro vermelho.

CRISTINA

Sim, esse serve perfeitamente.

DOMINGAS

Estou a entender... um marcador vermelho.

CRISTINA

Isso mesmo. Mais uma coisa, Domingas. Eu cheguei a comentar que as pessoas acabam por encontrar diferentes maneiras de lidar com os seus sentimentos, entre elas, escrever um diário.

Gostaria que pensasses no assunto. Hoje ficamos por aqui. Cumprimentos à tua tia. Até para a semana, Domingas.

DOMINGAS

Eu já comprei um, até tem cadeado, mas ainda não comecei a escrever. Até para a semana, Cristina.

117 INT. PICOAS. PASTELARIA - DIA

117

Domingas entra na pastelaria. Duducha vê Domingas, levanta-se e dirige-se para o balcão.

DUDUCHA

Era a conta, se faz favor.

DOMINGAS

Hoje não levamos pastéis de nata?
A tia adora.

DUDUCHA

Tens razão.

118 INT. METRO NO RATO - DIA

118

Duducha e Domingas estão sentadas frente a frente, junto à janela. Duducha segura a sua mala de senhora e o pequeno embrulho com os pastéis de nata. Domingas segura a sua mochila escolar e brinca com um marcador vermelho. Entre as duas, os padrões do túnel atravessam o vidro da janela e misturam-se com o reflexo da luz da carruagem.

119 INT. CARRO. RUA - DIA

119

Tereza caminha, entra no carro, retira o telemóvel da sua bolsa e liga para Duducha.

TEREZA

Então, maninha, tens alguma coisa preparada para o jantar? (pausa)
Sim, eu sei que temos muita comida no frigorífico, mas estou com vontade de comer um

franguinho assado. (pausa) Arroz ou esparguete? Não sei, escolhe tu. Olha, não te esqueças é de fazer batatas fritas. (pausa) Sim, na fritadeira de ar quente. Ok. Passo na churrasqueira.

Tereza puxa o cinto de segurança, liga o carro e arranca.

120 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - DIA 120

Uma tigela com batatas fritas atravessa a sala e é colocada na mesa.

SUBTÍTULO: "ANJO DA GUARDA"

Duducha, ainda de pé, olha para Tereza e Domingas, que já se encontram sentadas à mesa.

DUDUCHA

Bom, deixa ver se falta alguma coisa... acho que não.

TEREZA

Mana, não falta nada.

Domingas ajeita a cadeira para a tia se sentar. Duducha beija a testa da sobrinha e senta-se.

DUDUCHA

Agora já podemos começar a comer em família. O lado com o palito espetado tem frango com picante, o outro é para a Domingas, só tem molho.

Domingas acena afirmativamente com a cabeça e segura no jarro de água.

DOMINGAS

Alguém vai beber água?

Duducha olha para Tereza. Tereza faz sinal para Domingas servir-lhe água.

TEREZA

O fim de semana foi ontem, com cachupa, vinho e doces. Hoje fico só na água.

DUDUCHA

(olhando para Domingas)
Eu vou beber água e aqueles dois
dedinhos de tinto que sobraram. A
garrafa está em cima da mesa da
cozinha. Domingas, faz esse favor
à tia.

Tereza olha para Domingas, que caminha e sai da sala.

TEREZA
Ela hoje parece cansada. Sabes de
alguma coisa?

DUDUCHA
Veio o caminho todo sem dizer
nada. O que é que fazemos?

TEREZA
Por agora, nada. Aguardamos um
pouco. Ela confia em nós, se
tiver que falar, fala.

DUDUCHA
Ok.

Domingas entra com a garrafa de vinho tinto e aproxima-se
de Duducha.

DOMINGAS
Posso servir, tia?

DUDUCHA
Pode ser, querida.

O vinho é despejado no copo. Tereza olha para Duducha e
depois para Domingas.

TEREZA
Domingas, pelos vistos, hoje
tiveste um dia cheio. Aulas, a
tal sessão de sensibilização
sobre a saúde mental na
adolescência e a terapia. Deves
estar cansada, não?

Duducha olha para Domingas.

DOMINGAS
Um pouco, tia, só um pouco.

Duducha olha para Tereza.

TEREZA

Quase não tocaste na comida e
tens estado muito calada,
querida. Não é hábito!

DOMINGAS

Estou preocupada com a Carla.
Aquela minha amiga que também faz
terapia. Ela sofreu um acidente
de intoxicação com gás e, por
isso, não tem ido à escola.

DUDUCHA

Aquela que tem aulas de guitarra
no espaço da junta, não é?

Domingas acena afirmativamente.

DOMINGAS

Hoje ela faltou à sessão de
sensibilização. Eu bem que
gostaria que ela tivesse ido.
(pausa) Algumas pessoas no bairro
não dizem, mas, lá no fundo,
acreditam que ela...
tentou... Para eles, ela sabia do
problema do maldito botão do
fogão e não fez nada. Mas eu não
acredito. Ela jamais faria isso.

TEREZA

Sim, seria bom que ela tivesse
ido à tal ação de sensibilização.
(pausa) Sabes, talvez ela tenha
falado de coisas que levaram essa
gente a acreditar no que
acreditam, no que querem
acreditar.

DOMINGAS

Sim, ela disse mais do que uma
vez que a vida não prestava. Mas,
no meu entender, ninguém prepara
e come uma sandes de ovos mexidos
e depois faz o que eles pensam
que ela fez.

TEREZA

Compreendo o teu ponto de vista,
Domingas.

DOMINGAS

Ela está a pedir ajuda.
Infelizmente, (pausa) sinto que
ela vai ser obrigada a gritar
ainda mais alto.

DUDUCHA

Mais alto, como?

DOMINGAS

Não sei, tia. E também não sei
por que razão me veio à ideia a
história da Senhora Pinha.

DUDUCHA

Senhora Pinha? Mas isto não é do
teu tempo, Domingas. É uma
história do meu tempo de menina.
Esta Domingas vai buscar cada
coisa, credo!

TEREZA

Fiquei curiosa. Quero saber tudo.

DUDUCHA

Eu ainda era adolescente, não
tinha mais do que uns quinze
anos. Essa senhora, a tal Pinha,
melhor dizendo, essa jovem,
bonita, na casa dos vinte e
poucos anos, estava sempre a
dizer que se ia atirar ao mar.
Depois, regressava e argumentava
que a água estava muito fria,
etc. Um belo dia, foi para o mar
e não regressou. Como o corpo
nunca deu à costa, como seria de
esperar, foi dada como
desaparecida, mas sentida como
morta. Passados uns aninhos,
cerca de três ou quatro, ela deu
à costa com um italiano, dono de
um barco. Nunca se soube o que na
realidade aconteceu. Uns diziam
que, na altura, o italiano a
teria salvo de se afogar, tipo
Anjo da Guarda dela. Outros
diziam que o italiano
simplesmente se tinha apaixonado
por ela. O que se sabe é que
trataram dos documentos e casaram
e, dois ou três meses depois,

seguiram viagem no mesmo barco e
nunca mais se ouviu falar deles.

Tereza sorri.

TEREZA

Acabo de escutar uma linda
história. Só tenho uma pergunta,
e é para ti, Domingas. Mas por
que te lembraste desta linda
história de amor?

DOMINGAS

Por causa do Anjo da Guarda. Eu
tenho o meu Anjo da Guarda.

Tereza olha para Duducha, que também retribui o olhar.

TEREZA

Eu não sabia que tinhas um Anjo
da Guarda. Sabias, maninha?

Duducha acena negativamente.

Domingas olha para as tias com muita seriedade.

DOMINGAS

Vocês são os meus anjos. Logo,
são o meu Anjo da Guarda.

Duducha e Tereza olham-se mutuamente e depois fixam os
olhos em Domingas. Domingas desbloqueia o telemóvel e
consulta a caixa de mensagens.

DUDUCHA

Alguma novidade, filhinha?

Domingas acena negativamente e sai da sala.

121 EXT. ESCOLA SECUNDÁRIA. SALA DE AULA - DIA 121

Um lápis, uma esferográfica e uma borracha são colocados
num estojo. Domingas levanta-se, arruma o estojo, o livro e
o caderno na mochila escolar e sai da sala de aula.

122 EXT. ESCOLA SECUNDÁRIA. PERTO DAS BANCADAS - DIA 122

Domingas caminha e observa, de longe, o recanto perto das
bancadas do ginásio exterior, onde costuma ficar com Carla.

Uma página de um livro é virada. Domingas está sentada na cama a fazer os trabalhos de casa e a ouvir música. Domingas afasta os auscultadores e apercebe-se que estão a bater à porta.

DOMINGAS

Sim, tias. Podem entrar.

Duducha e Tereza entram. Duducha coloca o tabuleiro em cima da cama.

DUDUCHA

Estás aqui fechada há muito tempo e está na hora de um pequeno lanche.

DOMINGAS

Não era preciso, tia. Eu podia muito bem fazer isso.

TEREZA

Sabemos disso, querida.

Domingas esboça um sorriso tímido.

DOMINGAS

E aquela conversa de que não devemos mimar muito os jovens?

Duducha olha para Tereza.

TEREZA

Fazer um miminho, um agrado, não é o mesmo que mimar.

DUDUCHA

Quantas vezes não preparaste um lanchinho para as tias sem dizer nada antes? Foi bonito, não foi?

DOMINGAS

Mas é diferente. Eu adoro cozinhar e agradar as pessoas com comida.

Tereza e Duducha desatam a rir.

TEREZA

Da minha parte, só posso dizer
que é algo que eu ainda vou ter
de aprender. Mas prometo tentar.

Duducha olha para Tereza.

DUDUCHA

Nada disso! Ela não precisa de
aprender, já faz muita coisa boa.
É médica, e todos sabemos que os
médicos trabalham muito. Não é
verdade, querida?

Domingas sorri.

TEREZA

Nós, eu e a tua tia, não estamos
preocupados contigo, pelo
contrário. Sabemos que estás
assim, mais reservada, por causa
da tua amiga. Isso mostra que
tens valores e que te preocupas
com os outros.

DOMINGAS

Parece que a Carla e a mãe
estiveram na escola.

DUDUCHA

Isso é bom. Não tarda, ela
regressa às aulas. É verdade, a
tia Lucy diz que podes começar a
ajudar no restaurante quando bem
entenderes. Ela sugere começar
aos sábados ou domingos. Pensa
nisso.

TEREZA

Nós estamos na sala. Quando
quiseres, podes vir fazer-nos
companhia. Adoramos estar
contigo, querida.

DUDUCHA

(rindo)

Depois arruma o tabuleiro. Aqui
não há lugar para meninas
mimadas. Fica bem, beijinhos.

Duducha fecha a porta do quarto.

Uma mão retira uma bolacha de água e sal do prato. Duducha olha para Tereza e mete a bolacha na boca. Tereza serve-se de mais chá e sorri.

DUDUCHA

Então tu achas que daqui a dez,
quinze minutos vamos ter a
Domingas aqui na sala a fazer-nos
companhia, é isso?

TEREZA

Sim, é mesmo isso. E prepara-te.
(pausa) A conversa vai subir de
nível.

Duducha respira fundo e termina de beber o seu Porto.
Domingas entra na sala, senta-se à mesa com as tias, sorri
e rouba a última bolacha de água e sal.

TEREZA

Domingas, lembras-te de eu ter
dito que, depois do meu divórcio,
fiquei muito insegura como mulher
e sem vontade de fazer nada?

DOMINGAS

Sim, tia.

TEREZA

E depois veio uma fase em que
comecei a fazer muitas noitadas e
porcarias. Só não prejudiquei a
minha carreira de médica porque
tinha sido aconselhada a dar um
tempo.

DOMINGAS

Sim, a fase de vingança da vida e
dos chocolates da tia Duducha.

Duducha olha admirada para a sobrinha.

TEREZA

Isso mesmo. Nessa altura, fiz
coisas que, em outras
circunstâncias, não faria. No

início, a Duducha até apoiou o facto de eu estar a conhecer pessoas novas; eu estava a ganhar vida outra vez.

Duducha acena com a cabeça afirmativamente.

DOMINGAS

Compreendo, tia.

TEREZA

Infelizmente, fui ganhando vida demais, vida que não cabia em mim mesma. Tanto a Duducha quanto a Lucy foram-se apercebendo e tentaram falar comigo. Sabes, sinto que seria uma boa altura para fazer terapia, mas, infelizmente, o álcool e o sexo falaram mais alto. Pelo menos mais alto do que a dor do meu divórcio. E nem me apercebi que passava dias e dias sem cruzar-me e conversar com a Duducha.

DUDUCHA

A menina Tereza sempre sentiu tudo com muita intensidade.

TEREZA

A minha querida mãe sabia da maneira como eu sempre senti as coisas. Não foi à toa que ela pediu a esta querida para cuidar de mim.

Duducha olha para Tereza.

FLASHBACK

125 INT. CASA DE CORROIOS. SALA - NOITE

125

TEREZA (38), já tocada pelo álcool, entra na sala acompanhada de dois homens, na casa dos quarenta, HOMEM 1 (40) e HOMEM 2 (40), também já embriagados.

TEREZA

Já passa da meia-noite. Não vamos acordar ninguém, ok? Vamos tentar não fazer barulho.

HOMENS 1

Sim, já são duas e quinze, mas a noite ainda é uma criança.

Tereza abre uma garrafa de whisky e continuam a beber.

HOMEM 2

Vamos brindar à noite. Eu adoro a noite e tenho a consciência de que amanhã podemos já não estar aqui para brindar porra alguma. (pausa) Princesa, quero ir à casa de banho. (apontando) Saio por aquela porta, e depois?

TEREZA

(baixinho)

No corredor, viras à direita e é na segunda porta.

Tereza começa a dançar agarrada ao primeiro homem e acaba por despir a blusa, ficando só com o sutiã, os jeans e as meias. O HOMEM 2 entra na sala.

HOMEM 2

Não sei se repararam, mas uma preta acabou de sair do apartamento.

TEREZA

Não entendi?

126

INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA

126

Domingas olha para Tereza. Duducha segura as duas mãos de Tereza.

DOMINGAS

Não estou a entender nada. Mas o que é que aconteceu?

TEREZA

Apaguei-me. Não me lembro de mais nada. Acordei na minha cama cheia de dores e com a Lucinda a chamar por mim.

DOMINGAS

E a tia?

DUDUCHA

Eu, que tinha prometido tomar conta da minha menina, nessa noite não aguentei e fui-me embora. O desgosto que tive de enfrentar quando senti que a única forma de ajudar era sair de Campo de Ourique e regressar para a minha casa em Corroios e esperar que algum "milagre acontecesse". Que a menina, a minha menina, sentisse a minha falta, sentisse a falta da Lucy e tomasse consciência de que estava a destruir vidas, a dela e a minha.

TEREZA

Domingas, não era a primeira vez que acontecia algo assim complicado. Uma vez até envolveu a polícia. A Duducha agrediu um homem que estava a tentar agarrar-me à força. Eu nem sabia que a Duducha estava em casa.

DOMINGAS

Sim?

DUDUCHA

Por causa das situações que estavam a acontecer, decidi passar a noite em Corroios. Não consegui dormir nada naquela noite. No dia seguinte, almocei, apanhei os transportes e vim ver como estava a casa. Arrumei o pouco que havia para arrumar, tirei a comida estragada do frigorífico, etc. Depois, fui para o quarto, acabei por adormecer e nem percebi que a Tereza tinha chegado com aquele sujeito. Acordei com a voz da Tereza: "Larga-me, senão eu grito". Passei pela cozinha e agarrei no que estava mais à mão.

FLASHBACK

127 INT. CASA DE CAMPO DE OURIQUE. SALA - NOITE 127

O HOMEM (40) segura um dos braços de Tereza e tenta tirá-lhe a roupa. Duducha entra na sala.

TEREZA

Afinal, estás aí?

O homem vira-se e é atingido com a frigideira.

128 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 128

Duducha olha para Domingas, olha para Tereza, levanta-se da mesa, pega no prato e faz o gesto da pancada.

DUDUCHA

Foi mesmo no meio da testa, ele ainda tentou equilibrar-se, mas não conseguiu. Nem sei onde arranjei tanta coragem. Só sei que ele acabou ali sentado no chão, a chorar. A Tereza ainda lhe fez o teste dos dedos...

TEREZA

Sim, o teste de resposta visual à estimulação. Foi para avaliar a resposta ocular, verbal e motora do sujeito, do bacano, segundo a Duducha.

DUDUCHA

A Tereza ainda tratou-lhe do galo, um verdadeiro ovo bem no meio da testa. Ele olhava para mim e depois olhava para a frigideira. Não sei porquê, mas eu não larguei a frigideira, nem mesmo quando a polícia chegou.

TEREZA

Alguém já tinha chamado a polícia, mas não deu em nada. O sujeito confirmou que tinha sido uma queda.

DUDUCHA

Um dos policiais ainda perguntou por que é que eu estava com uma frigideira na mão. Limitei-me a ficar calada. Depois perguntou se alguém queria apresentar queixa de alguma coisa, mas ninguém reagiu. Aconselharam o homem a ir ao hospital. Ele conseguiu pôr-se de pé e saiu. Acho que ele era casado e não queria mexer mais no assunto.

DOMINGAS

Compreendo. Mas como é que ficou quando a tia bebeu muito e desmaiou?

Tereza olha para Duducha.

TEREZA

Depois do meu divórcio, houve uma altura em que a Lucy ficou a dormir aqui em casa.

DUDUCHA

Foi quando ela comprou casa, mas foi obrigada a fazer obras, etc.

TEREZA

A Lucy acabou por ficar conosco cerca de um mês. Assim, ficas a saber que ela ainda guarda as chaves de emergência da nossa casa. (pausa) Ela ligou para mim e para a Duducha, e ninguém respondeu. Insistiu e acabou por passar aqui no dia seguinte.

DUDUCHA

A Tereza não se lembra de nada, só sabe que dormiu por mais de vinte e quatro horas.

TEREZA

Havia indícios de prática sexual, mas não vou entrar em pormenores por agora. O problema de uma gravidez não existia, mas tive de fazer testes para despistar possíveis doenças sexualmente transmissíveis e tomar

analgésicos para as dores durante dias.

DUDUCHA

Sabes, Domingas, a minha menina passou mal, exatamente no momento em que eu estava a sofrer de desgosto e à beira de uma depressão. Fechei-me em casa por cerca de três ou quatro dias sem pôr os pés na rua, vivia à base de sopas. Depois, comecei a vaguear pelas ruas sem rumo e quase não parava em casa. Pensei em ligar, ou mesmo visitar, alguma amiga, mas percebi que não tinha levado o telemóvel comigo. E a grande maioria das minhas amigas e conhecidas estava fora. Itália, Holanda, França e Espanha. Algumas tinham regressado a Cabo Verde.

Domingas e Tereza olham para Duducha.

FLASHBACK

129 INT. CASA DE CORROIOS. CORREDOR DA ENTRADA - DIA 129

Duducha acorda. Percebe que estão a bater à porta e a tocar a campainha.

LUCINDA

Duducha, sou eu e a Tereza. Olha, estamos muito preocupadas contigo, querida. Se estás aí, responde, por favor. Há duas semanas que procuramos por ti, não sabemos mais onde procurar. Não vamos sair daqui. Vamos esperar por ti, estejas aí?

Duducha levanta-se do sofá e encosta-se junto à porta, sem dizer nada.

TEREZA

Mana, eu sinto que estás aí a sofrer, como eu também estou a sofrer. Tive alta há uma semana.

Sabes, eu bebi demais e
aproveitaram para pôr porcarias
na minha bebida. Sei que não foi
por falta de aviso. Fiquei
inconsciente e abusaram de mim.
Exagerei e tu aguentaste muito
mais do que as tuas forças
poderiam suportar. Eu sinto que
estás aí. Não vou dizer mais nada
(pausa), mas também não saio
daqui sem ti.

Lentamente, a mão de Duducha procura o trinco da fechadura.

130 INT. CASA CAMPO DE OURIQUE. MESA DA SALA - DIA 130

Domingas limpa os olhos e olha para as tias.

DOMINGAS

A Tataia costumava dizer que,
para muita gente, só havia cura
se houvesse dor. E agora
compreendo a força da irmandade.
(pausa) A irmandade aumenta a
alegria e faz diminuir a dor.

Duducha olha para Tereza.

DUDUCHA

Estás a ver, Tereza? Depois dizes
que eu estou a exagerar. Ela vai
ser pior do que a minha irmã.

Domingas sorri e olha para as tias.

DOMINGAS

Sim, tia. Eu sei que tenho
pensamentos de gente nova e
sentimentos de gente velha. A
mamã Maria também dizia o mesmo:
"Domingas ta senti cosa cimá
gente grande, cima gente bedje."

131 EXT. ESCOLA SECUNDÁRIA. PERTO DAS BANCADAS - DIA 131

Domingas caminha e observa as bancadas do ginásio exterior.

SUBTÍTULO: "AUTOMUTILAÇÃO"

Vê a Carla e sorri.

DOMINGAS

Soube que estavas na escola e vim procurar-te aqui perto das bancadas.

CARLA

Queria estar sozinha. Tivemos uma reunião com o diretor de turma. A minha mãe foi-se embora, mas já não deu para ir à aula. E nem sei se queria ir.

DOMINGAS

Nunca vi a tua mãe. Está tudo bem contigo?

CARLA

Mais ou menos. Sabes, a minha mãe teve um pequeno susto comigo, mas já mandou arranjar a porcaria do botão do fogão. Nem vale a pena falar disso. Esquece. (pausa) Sabes, não sei se quero continuar na escola.

DOMINGAS

Mas tu não gostas de estudar?

CARLA

Eu não gosto é da escola. Parece que toda a gente está aqui por obrigação, não escapa ninguém, nem as auxiliares. Passamos tempo demais na escola e não aprendemos nada, ou quase nada.

DOMINGAS

Sempre se aprende alguma coisa. Eu adoro a escola.

Carla aponta para um dos pavilhões.

CARLA

Adoras? Ainda bem. Olha.

DOMINGAS

O que é que tem o pavilhão?

CARLA

É só barulho e gente a falar, só por falar. Falam das minhas roupas pretas e nem sabem que sou eu mesma que as faço, outras eu modifico. Sabes, eu tento fazer alguma coisa.

Domingas olha para Carla.

DOMINGAS

Eu não sabia que sabias costurar. Eu não me importava em ter uma máquina de costura.

CARLA

Qual máquina de costura? Eu só uso tesoura, agulha e linha, exatamente como a minha avó, a mãe do meu pai, fazia (pausa) antes de perder o gosto.

DOMINGAS

Mas ela perdeu o gosto?

CARLA

Sim. Esquece, isso não interessa.

DOMINGAS

Sabes, Carla, eles nunca te ouviram tocar, nem a cantar.

CARLA

Sim, para eles, a guitarra é só para dar nas vistas. Caso contrário, eu já teria um canal no YouTube e passava a vida a caçar likes. Eles adoram espetáculo. E barulho.

Domingas olha para a Carla e tenta forçar um sorriso.

DOMINGAS

Vens almoçar?

CARLA

Não sei, acho que não. Sabes, ando sem apetite.

Domingas aguarda na fila do refeitório. Retira um tabuleiro e avança. Uma sopa, um pão e uma colher são colocados no tabuleiro. Domingas atravessa o refeitório e senta-se perto das mesas das cozinheiras.

MILA

Boa tarde, menina.

DOMINGAS

Boa tarde.

MILA

Já sei que a menina e a Fátima são patrícias.

DOMINGAS

Sim, somos de Cabo Verde.

MILA

São da Praia, não é verdade?

DOMINGAS

Eu sou do Mindelo e ela é do Tarrafal.

MILA

Não sei porquê, mas sempre acreditei que a Fátima fosse da Praia. Olhe, ela está a arrumar umas coisas na despensa e já vem almoçar. Aproxime-se mais um pouco.

Domingas desloca o tabuleiro, ficando mais próxima da mesa da cozinheira.

DOMINGAS

Eu falo consigo quase todos os dias e não sei o seu nome. Eu sou a Domingas.

MILA

E eu sou a Mila. Natural de Castelo Branco.

DOMINGAS

Eu já estive em Castelo Branco. Chegámos a visitar uma casa onde

as vigas de madeira do telhado
não tinham um único prego de
ferro. Era tudo estacas e pregos
de madeira.

MILA

A casa do meu avô era assim.
Sabe, eu também já estive em Cabo
Verde. Mas só conheci a ilha do
Sal e São Nicolau.

DOMINGAS

Sim?

MILA

Fiz voluntariado em São Nicolau.
Naquela altura, viajava-se
primeiro para o Sal e depois para
as outras ilhas.

DOMINGAS

Voluntariado? Interessante.

MILA

Sim, antes de ser cozinheira,
entre outras coisas, fui
escuteira. Olha, a Fátima vem aí.

Dona Fátima aproxima-se com o seu tabuleiro.

DONA FÁTIMA

Boa tarde, Domingas. Hoje estás
aqui com a velha guarda?

DOMINGAS

Eu prefiro estar com pessoas mais
crescidas.

DONA FÁTIMA

Sabes da menina Carla? Ainda não
a vi aqui no refeitório.

DOMINGAS

Acabei de estar com ela, mas não
quis vir almoçar.

Um estrondo de um prato atirado ao chão faz-se ouvir no
meio do refeitório. Gritos de susto sucedem-se. A Carla, de
mangas arregaçadas, olha para o chão cheio de cacos do
prato partido.

ALGUÉM

Que susto! O que é que foi isso?
A maluca caminhou até ao meio da
sala e atirou o prato ao chão de
propósito. Eu vi. Deve estar
doida!

OUTRA PESSOA

Olhem o braço cheio de marcas. É
mesmo maluca. Teve um surto, só
pode.

A Carla olha para o chão, abaixa-se e, com a mão direita,
agarra um dos cacos do prato partido. Levanta-se, encosta o
pedaço de loiça na pele e faz um corte no antebraço
esquerdo.

DONA FÁTIMA

A menina não está bem. Cortou-se.

Mila salta por cima da mesa e desata a correr. Dona Fátima
acompanha Mila. Mila segura a Carla e começa a fazer
pressão sobre o corte.

MILA

Uma toalha limpa, se faz favor,
rápido. Retirem-lhe isso da mão.

Dona Fátima retira o pedaço de loiça da mão da Carla. Uma
toalha branca é entregue à Dona Fátima. Mila olha para Dona
Fátima.

DONA FÁTIMA

Agora.

Mila retira a mão ensanguentada, coloca a toalha e continua
a fazer pressão.

MILA

Uma cadeira.

Dona Fátima pega numa cadeira, e Carla é colocada na
cadeira.

MILA

Fátima, o corte não é profundo,
mas vamos manter o braço
levantado. Pois, tem de ficar
acima do coração. É melhor
sentares-te numa cadeira ao lado
dela.

DIRETORA

Já chamei a ambulância.

DOMINGAS

(baixinho) Vais ficar bem, Carla.
Eu sei que vais ficar bem.

A diretora tira o telemóvel da mão de um rapaz que estava a gravar.

DIRETORA

Quero todos os alunos fora do
refeitório. Deem espaço. Não
quero aqui ninguém.

Domingas olha para Carla já sentada na cadeira, ao lado da Dona Fátima. Mila continua a pressionar a toalha contra o antebraço ferido da Carla e mantém a menina encostada nela.

Num misto de seriedade e sorriso forçado, Carla fixa o olhar no vazio. Domingas atravessa a porta do refeitório e encosta-se à parede do corredor. Domingas tenta ver Carla, mas a porta do refeitório está repleta de curiosos que não arredam o pé. Domingas fecha os olhos, e o barulho dos curiosos vai sendo substituído pelo bater acelerado do seu próprio coração.

DOMINGAS (BAIXINHO)

Eu não quero isto. Eu não
quero. Não. Não.

DIRETORA

Chegou a ambulância. Meninos e
meninas, atenção! Vamos
desimpedir o caminho; vêm aí os
paramédicos.

Domingas abre os olhos e vê os técnicos de emergência médica com uma maca a entrarem no refeitório. Domingas afasta-se do local.

133 EXT. ESCOLA SECUNDÁRIA. CASA DE BANHO -

133

Imagens de sangue a escorrer entre os dedos da Mila invadem a mente de Domingas. Domingas entra na casa de banho, encosta-se à parede em frente ao espelho dos lavatórios e começa a fazer o exercício de respiração profunda.

Domingas inspira profundamente pelo nariz, segura a respiração por alguns segundos e expira pela boca. Domingas repete o exercício, mas as imagens de sangue continuam a invadir a sua mente.

Domingas olha para o espelho enquanto arregaça as mangas do casaco e retira um marcador vermelho do bolso direito. Domingas fecha os olhos e começa a riscar o braço e o antebraço esquerdo e, depois, o direito com o marcador.

DOMINGAS

Eu não quero isto para mim. A
Carla tem de ficar bem. Não quero
perder gente.

Ainda de olhos fechados, Domingas recomeça o exercício de respiração profunda.

Domingas abre os olhos e depara-se com a imagem dos antebraços e mãos totalmente riscados de vermelho. O marcador cai no chão. Domingas senta-se, apanha e guarda o marcador. Retira o telemóvel do bolso e liga para a tia-avó.

DOMINGAS

Tia, eu estou bem. (pausa) A
Carla cortou-se e foi levada para
o hospital. (pausa) Não sei, mas
acho que o corte não foi
profundo. Ela vai ficar bem. Vou
ligar à Doutora Cristina, se der,
vou mais cedo. (pausa) Vocês
tratam disso? Ok, fico a aguardar
na porta principal.

134 EXT. ENTRADA DA ESCOLA SECUNDÁRIA -

134

Alguns alunos e alunas falam ao telemóvel sobre o assunto.

UM ALUNO

Eu estava a chegar à escola. Só a
vi a entrar na ambulância. Sim,
ia de maca, mas estava acordada,
até parecia que estava a rir-se.

UMA ALUNA

Parece que a maluquinha partiu
vários pratos e depois cortou-se
toda. (pausa) Se cortou mais
alguém? Isso não sei, mas acho
que foi só ela. Não vi mais
ninguém a entrar na ambulância.
Sim, só nos deixaram entrar na

escola depois da ambulância
partir.

Domingas repara que alguém está a olhar para as suas mãos,
afasta-se e vai esperar pelas tias no início da rua.
Domingas levanta a mão para fazer sinal às tias.

135 EXT. RUA. INTERIOR DO CARRO DA TEREZA - DIA 135

Domingas entra no carro pela porta de trás. Duducha olha
para as mãos de Domingas.

DUDUCHA

Tudo bem?

DOMINGAS

Isto é tinta, tia.

TEREZA

Já falei com a Doutora, e
possivelmente vamos apanhar
trânsito. Domingas, já vimos que
estás calma. E ainda bem, por
isso vais falar com a Doutora
primeiro, e depois falamos em
casa, com mais calma. Pode ser?

Duducha olha para Tereza.

DOMINGAS

Pode ser, tia.

TEREZA

Como vou ter de estacionar o
carro, quando chegarmos, vocês
descem. Depois vou lá ter ao
consultório.

Domingas encosta-se no banco de trás e fecha os olhos. O
carro passa pelo Jardim da Estrela, Praça do Marquês de
Pombal, Avenida Fontes Pereira de Melo até chegar a Picoas.
Duducha e Domingas descem do carro.

136 INT. CONSULTÓRIO DA PSICÓLOGA CRISTINA - DIA 136

A psicóloga Cristina e Domingas estão sentadas nos lugares
de sempre, poltrona e sofá, respetivamente. Cristina olha
para Domingas.

CRISTINA

Bem, segundo o que acabas de dizer, o episódio da intoxicação foi um acidente, mas a Carla parece desanimada com quase tudo, incluindo a escola. Não quis ir almoçar, mas acabou por aparecer no refeitório e magoar-se com um pedaço de loiça do prato que ela mesma partiu. E ela foi levada de ambulância para o hospital.

Cristina olha para Domingas.

DOMINGAS

Mesmo com as imagens de sangue na minha cabeça, respirei fundo e lá consegui chegar à casa de banho. Fechei os olhos e fiz os exercícios de respiração profunda, contei até quatro mentalmente, várias vezes. Senti-me mais calma, mas quando voltava a abrir os olhos e passava a ouvir tudo o que se passava à minha volta, as imagens de sangue a escorrer da mão que fazia pressão voltavam. Eu sabia que não queria aquilo para mim. Sabia que não queria perder mais gente. Então fiz a cena do marcador vermelho, abri os olhos e só vi os braços e as mãos riscados. Sim, é isso, doutora... desculpe, Cristina. Acho que funcionou, pelo menos acalmou-me e eu liguei para a tia Duducha.

CRISTINA

Domingas, disseste que não querias aquilo para ti e nem querias perder mais gente. Gostava de te ouvir falar mais sobre isso, pode ser?

DOMINGAS

Sim, Cristina. Eu já tinha visto as cicatrizes da Carla e agora estava a ver um corte com muito sangue. Parecia que já não era só para calar uma dor. Senti medo de ver mais alguém a afastar-se.

(pausa) Não quero. A minha Mamã Maria está longe, o meu pai também está longe e a minha mãe muito mais longe ainda. Morreu.

CRISTINA

Eu sei que a Domingas gosta de estudar e dá-se bem com os professores e pessoas mais velhas. Mas gostaria de a ouvir falar sobre as relações que tem com pessoas mais novas, com colegas da escola. (pausa) E se já arranjou mais algum amigo ou amiga. Pode ser, Domingas?

DOMINGAS

Sabe, Cristina, gosto das relações que tenho em casa, são pessoas que me ouvem. Eu não quero ter novas relações, novos amigos e nem quero ter namorados, já disse às tias. Assim, ninguém se afasta para longe (pausa), ou para muito longe.

CRISTINA

Muito bem, Domingas. Como eu já tinha dito, estou aqui para ouvir e ajudar. (pausa) E, nesse sentido, vamos falar das coisas com calma, no teu ritmo e sem receio de ser julgada. Hoje ficamos por aqui, só vou dar umas palavrinhas às tias.

Domingas levanta-se

DOMINGAS

Cristina, posso ser eu a chamá-las?

Cristina sorri e acena positivamente com a cabeça. Domingas abre a porta e faz sinal para as tias entrarem. Domingas olha para o relógio na parede.

CRISTINA

Como devem imaginar, o episódio na escola não foi fácil para a Domingas. O facto de ela ter conseguido fazer uso das técnicas que aprendeu denota um progresso

significativo. São sinais de adaptação ao processo terapêutico, e eu diria que a Domingas está a aprender a gerir as emoções de forma mais saudável. Neste sentido, acredito que devemos continuar a terapia sem medicação.

DUDUCHA

Compreendo, Doutora.

CRISTINA

A Domingas não quer ter novas relações, mas gosta das relações que tem e ainda tem objetivos de vida. A escola, um curso de cozinha, e também percebemos que a Domingas herda dos mais velhos uma calma e um olhar diferente. Como se fossem dons que se materializam na comida, trazem um olhar próprio e uma cultura inteira. Ela é muito atenta e muito doce.

137 INT. CAMPO DE OURIQUE. MESA DA COZINHA - DIA

137

Uma saqueta de chá é introduzida numa chávena. Duducha, Tereza e Domingas estão sentadas à mesa da cozinha.

TEREZA

Então, acreditas que a Carla vai ficar bem, é isso?

DUDUCHA

Mas a tua amiga... coitada dela. Acontece-lhe cada coisa. Credo!

DOMINGAS

Sim, ela vai ficar bem. O corte não foi profundo, e a Carla caminhou sozinha até à ambulância. Isso é verdade, mas o que me leva a dizer que ela vai ficar bem é o facto de eu sentir que ela vai começar a ficar boa. O grito dela saiu cá para fora e fez-se ouvir.

Duducha olha para Tereza.

DUDUCHA

Com estes afazeres de hoje, não tirei nada para o jantar. Vou ter de improvisar qualquer coisa.

Tereza pega no telemóvel e liga.

TEREZA

Lucy, querida, estamos com saudades tuas. (pausa) Também estás com saudades nossas? Isso mesmo, queríamos ir aí jantar contigo. (pausa) Sim? Ok, conta conosco. Beijinhos.

DUDUCHA

Então?

TEREZA

Parece que alguém se reformou e convidou uns amigos para jantar, e pediram, adivinhem?

DUDUCHA

Carne ou peixe?

TEREZA

Bacalhau.

DOMINGAS

Bacalhau de Festa.

TEREZA

Isso mesmo. Espera, como é que adivinhaste?

DUDUCHA

Eu nem quero saber.

DOMINGAS

A tia disse que era bacalhau, e eles estão a festejar a reforma de alguém.

Tereza olha para a Duducha.

TEREZA

Parece que o grupo do jantar vai ocupar as mesas normais. Nós e a Lucinda ficamos na mesa redonda.

Aquela que a Lucy chama de mesa familiar.

138 INT. RESTAURANTE DA LUCY - NOITE

138

Uma mão gira a maçaneta da porta, e o som agudo de um pequeno sino faz-se ouvir.

SUBTÍTULO: "A NOITE JÁ NÃO É UMA CRIANÇA"

Tereza, Domingas e Duducha entram no restaurante. Lucinda olha para a entrada, sorri e aproxima-se das recém-chegadas. Depois dos cumprimentos e da troca de beijos, Domingas observa a sala cheia de clientes e as duas ajudantes que circulam de um lado para o outro, sempre a levar ou trazer a algo.

TEREZA

O restaurante parece diferente.

LUCINDA

Há quanto tempo vocês não me visitam aqui no restaurante?

Lucinda aproxima-se da mesa do senhor que encomendou o jantar e apresenta o SENHOR ZÉ (67).

LUCINDA

(apontando)

O Senhor Zé é meu cliente há muito tempo. Comemorou o aniversário e agora está a comemorar a reforma.

TEREZA

Boa noite. Parabéns!

SENHOR ZÉ

Muito obrigado. Eu já dei tudo o que tinha a dar, no trabalho. Agora quero é gozar o resto da vida.

DUDUCHA

Parabéns, senhor Zé.

SENHOR ZÉ

Muito obrigado. Desculpe, não consigo precisar, mas a sua cara não me é estranha.

DUDUCHA

Sim? É bem possível. Olhe, eu fico a aguardar que me diga qualquer coisa. Muito obrigada.

Duducha sorri.

139

INT. RESTAURANTE. MESA FAMILIAR - NOITE

139

Uma sopa de creme de legumes é colocada na mesa. Lucinda aproxima-se e senta-se.

LUCINDA

Pronto, já não precisam de esperar mais, já tratei de tudo. Prometo dar mais atenção aos meus convidados. E tu, Domingas, já sabes. Vais começar a ajudar nas mesas, só nas mesas por enquanto.

Domingas sorri.

DOMINGAS

Onde a tia bem entender. Eu gosto de tudo que seja cozinha.

Duducha repara na Argelina que caminha na direção da mesa familiar.

DUDUCHA

(baixinho)

Não é possível, eu não posso acreditar.

Duducha baixa a cabeça.

TEREZA

(baixinho)

Disseste alguma coisa, mana?

DUDUCHA

(baixinho)

Impossível. Isto não pode estar a acontecer.

ARGELINA (40) passa perto da mesa familiar e entra na casa de banho, sem reparar na Duducha.

TEREZA

(baixinho)

O que é que não pode estar a acontecer?

DUDUCHA

(baixinho)

Acho que o passado está a vir na minha direção, como disse a Domingas. E não sei o que fazer. Nunca pensei que isto pudesse acontecer.

TEREZA

Mas esse passado foi há muito tempo, querida. Enfrenta. Nós estamos aqui para o que der e vier.

Domingas sorri

DOMINGAS

Tia, não vai ser nada de mais, pelo contrário.

DUDUCHA

Obrigada, querida, mas agora fica quieta. Isto é coisa de adultos. Eu não queria remexer nesta história.

A Argelina sai da casa de banho e vê a Duducha.

ARGELINA

Qué coincidência, Maria da Luz! Estamos aqui no mesmo restaurante. Yo, eu acabo de regressar de Cabo Verde.

DUDUCHA

Sim, grande coincidência.

ARGELINA

Um velho amigo de mi padre, dos tempos da Lisnave, reformou-se. Estivemos com ele antes de irmos para Cabo Verde e ele falou que ia organizar um jantar aqui, no Restaurante da Lucy. Sabe, com o Facebook, as coisas acontecem.

Duducha aponta para a Lucinda.

DUDUCHA

Eu, a Tereza e a Domingas, viemos
jantar com a Lucy.

ARGELINA

Boa noite a todos. E desculpem-
me estar a tomar o tempo da Maria
da Luz. Não sei porquê, mas
simpatizei-me muito com ela,
desde o primeiro dia, no
supermercado.

Lucy, Tereza e Domingas acenam positivamente.

TEREZA

Toda a gente simpatiza com essa
querida.

ARGELINA

Eu queria tanto que ela
conhecesse o meu pai.

DUDUCHA

Ele agora deve estar muito
ocupado a conversar com os amigos
que não vê há muito tempo. Vamos
deixar para depois.

ARGELINA

Sim, agora não vai dar, ele ficou
em Cabo Verde. Eu só vim
entregar a prenda que ele
prometeu ao amigo, Zé. Já deixei
a garrafa com ele.

LUCINDA

Estou a ver. O Zé pediu-me se
podia abrir uma garrafinha muito
especial, no jantar. Então, essa
prenda só pode ser uma garrafa de
grogue de Santo Antão.

ARGELINA

Para dizer a verdade eu não sei,
entreguei a garrafa como a
recebi, com saco e tudo.

DOMINGAS

Não é uma garrafa de grogue.

TEREZA

Não?

DOMINGAS

Um bom grogue tem o seu lugar,
mas não é raro. Agora, um bom
licor, tipo Licor de Café, já
seria outra coisa.

LUCINDA

Tem lógica. Daqui a pouco ficamos
a saber. Olhe, Argelina, eu
também me simpatizei consigo.
Você está convidada para jantar
connosco.

ARGELINA

Muito obrigada. Mas eu não quero
incomodar. Como eu disse, só vim
entregar a prenda.

DUDUCHA

Argelina, desculpe. Vejo que é
uma pessoa de bem e por isso
tenho de ser sincera consigo. O
seu pai não se chamava Benvindo
Pereira e tem um tio chamado
Gregório, na Argentina?

ARGELINA

Sim, ele é o Benvindo Nascimento
Pereira. O tio Gregório, foi pai
e avô para mim. Tudo o que eu e o
meu pai conquistamos, devemos a
ele. Hoje sou engenheira civil e
posso dizer que devo mais a ele,
do que ao meu pai. Desculpem-me,
mas vou ter de aceitar o convite
da Lucy.

Lucinda puxa uma cadeira para Argelina se sentar. A
Lucinda olha para as ajudantes, levanta o braço e aponta
para a Argelina.

LUCINDA

Pelos vistos, há muita coisa para
se conversar durante o jantar.
Agora vai provar a sopa de creme
de legumes antes do bacalhau.

Argelina diz que sim acenando positivamente e olha curiosa
para Duducha.

ARGELINA

Então a senhora chegou a conhecer
o Senhor Benvindo?

Duducha acena que sim com a cabeça e sorri.

Tereza olha para a Duducha e depois para a Argelina.

TEREZA

Gostava de a ouvir falar mais um
pouco sobre o seu pai e o Senhor
Gregório. Fiquei curiosa.

DOMINGAS

Sabe, Argelina, a tia Tereza tem
uma veia de escritora.

Argelina sorri.

ARGELINA

Com a ajuda do tio Gregório, o
meu pai foi trabalhar na empresa
de construção que o tio tinha
criado, na Argentina. O tio
Gregório dizia que o sobrinho era
o primeiro a chegar e o último a
sair da empresa, e ele passou a
ser o braço direito do tio. Hoje
sou eu que dirijo a pequena
empresa. E o meu pai agora viaja
entre Cabo Verde, Portugal e a
Argentina, terras onde ele diz
ter raízes.

TEREZA

Assim a reforma até parece mais
sedutora. Continue, eu adoro
ouvir histórias da vida.

ARGELINA

Eu tenho um irmão dez anos
mais novo, fruto de uma das
duas relações que ele teve,
não muito recomendáveis,
segundo o tio Gregório. Mas, a
verdade, é que ele nunca quis
sequer juntar-se com nenhuma
dessas mulheres. Algo me diz
que ele acreditava não merecer
casar, ou coisa parecida.

TEREZA

Isso está a ficar cada vez mais interessante. Desculpe, eu nunca ouvi uma história assim.

Duducha olha para a Tereza.

ARGELINA

Todas as famílias têm as suas histórias. E o meu pai tem histórias que nunca mais acabam. A Maria da Luz deve saber algo sobre o meu pai.

TEREZA

Desculpe, mas a história do Benvindo, seu pai, não para de surpreender.

ARGELINA

Segundo o tio Gregório, o meu pai chegou a ter uma noiva, que ele tem a certeza que seria uma boa esposa para o sobrinho e a quem eu, pessoalmente, devo tudo.

TEREZA

Interessante!

LUCINDA

Deve o quê?

ARGELINA

Ela plantou a semente no Benvindo. E por isso, devo o facto de ele me ter dado o nome e de me ter levado para a Argentina. Isto dito pelo meu pai ao tio Gregório.

LUCINDA

Mas como?

ARGELINA

Eu não sei muito bem a história, mas o meu pai fez qualquer coisa, não muito recomendável, e essa tal noiva, ou namorada, olhou bem nos olhos dele e disse que sentia que o amor do Tio Gregório podia fazer bem ao Benvindo. E mais,

não havia como esse amor não dar frutos. E que ela sabia que o Benvindo não era má pessoa. Acho que ele fez questão de provar a si mesmo que ela não estava errada. Acho isso muito bonito.

Tereza olha para a Duducha

TEREZA

Eu nem sei o que dizer.

Argelina olha para Duducha

ARGELINA

Patrícia, eu já falei muito do meu pai. Agora quero ouvir alguma coisa vinda de si, alguém que o conheceu. Sabe ele não fala desses tempos. Falou uma única vez com o tio Gregório e nunca mais voltou a tocar no assunto. Nem da minha falecida mãe ele fala.

DUDUCHA

Você é uma querida. E eu vou ter de falar de algo que eu não falo há muito tempo. E, pela primeira vez, sinto que vou falar sem mágoas. O Benvindo foi uma pessoa muito importante na minha vida.

O Senhor Zé aproxima-se da mesa familiar.

SENHOR ZÉ

Desculpem-me. As senhoras estão convidadas a provarem este delicioso Licor de Café. Uma prenda do meu amigo Benvindo, vindo diretamente de Cabo Verde.

O senhor Zé começa a servir o licor. Domingas recusa. Depois de servir licor a Duducha, ele volta a olhar para a Duducha, levanta os braços e estala os dedos.

SENHOR ZÉ

Eu sabia que a sua cara não me era estranha. Falei no nome e fez-se luz. Lembrei-me de si e do

Benvindo no Restaurante Monte Cara, ali no Rato. Aquilo era daquele cantor famoso, de mornas e coladeiras, o Bana. Era cachupa no primeiro piso e música na cave. Nessa altura eu arrastava asas por uma amiga vossa, uma tal de (pausa) Bitá, era isso mesmo, Bitá.

DUDUCHA

Zé Camarão?

SENHOR ZÉ

Eu já nem me lembrava dessa alcunha. Uma vez comi umas oitocentas e tal gramas de camarão, sozinho e fiquei Zé camarão, até sair da Lisnave.

O senhor Zé volta a levantar o braço e a estalar os dedos.

SENHOR ZÉ

Você era a Ducha do Benvindo. Eu sabia que a sua cara não me era estranha. Desculpem-me, mas os rapazes devem estar a precisar de mim. Fiquem bem.

Duducha repara na alegria do Zé Camarão a juntar-se aos amigos e depois olha para a Argelina.

DUDUCHA

Sim, o Benvindo chamava-me Ducha.

Argelina sorri

ARGELINA

Nome bonito e carinhoso.

DUDUCHA

Sim. Ducha como diminutivo de Duducha.

Argelina arregala os olhos.

ARGELINA

Esperem! Acho que Duducha era o nome da tal noiva.

DUDUCHA

Sim, minha querida. Eu estive noiva do teu pai e cheguei a falar duas vezes com o vosso tio Gregório. Ele era uma simpatia de pessoa. Eu nem sei o que estou a sentir neste momento. Só sei que estou bem e que eu tinha razão em acreditar que, lá no fundo, o Benvindo não era má pessoa. E vocês fizeram dele uma pessoa ainda melhor. Coisa que eu e ele não iríamos conseguir. Pelo menos naquela altura. (pausa) Desculpem-me, não sei o que dizer. Pensava que tudo isto já estivesse bem enterrado no passado e não tivesse mais importância alguma. (pausa) Vou apanhar um pouco de ar, lá fora.

ARGELINA

Eu também quero apanhar um pouco de ar.

Uma mão pega na garrafa de licor de café. Tereza e Domingas trocam olhares. Tereza caminha até a mesa onde o Senhor Zé conversa com os amigos, pousa a garrafa e agradece, sorrindo.

Tereza olha para a rua através dos vitrais do restaurante e vê a Duducha e a Argelina de mãos dadas, a conversar. Domingas aproxima-se, abraça Tereza, e trocam olhares e sorrisos. Tereza e Domingas atravessam o restaurante e vão juntar-se à Lucinda, na mesa grande.

140 INT. QUARTO DA DUDUCHA E DOMINGAS - NOITE 140

Domingas senta-se na cama, abre o diário com cadeado e começa a ler em voz alta, enquanto imagens do seu quotidiano invadem a sua mente: ela a levantar-se da cama e a entrar no duche; Duducha a preparar o pequeno-almoço e a sorrir para ela; Tereza a escrever na mesa da sala e a fazer-lhe sinal para se afastar; Tereza a roubar-lhe uma torrada com um lindo sorriso; e as três mulheres sentadas no sofá da sala a ver álbuns de fotografias. Domingas sorri e continua a ler.

DOMINGAS

Caro Diário, eu continuo a fazer terapia com a Doutora Cristina. A Carla continua a tomar medicação, mas já não refila com a escola.

(pausa)

A Tia Lucy está contente com o bebé que pensa que vai nascer menino. Afinal o Nuno e o meu pai jogam peladinhas juntos, lá em Luanda, nos fins de semana.

(pausa)

Eu agora ajudo nas mesas e na copa. Confesso que também adoro lavar aquelas panelas grandes, mas não digo a ninguém. A Carla já esteve aqui a ajudar nas mesas.

(pausa)

Faltam precisamente trinta dias para eu fazer dezasseis aninhos. A Tia Duducha, a Tia Tereza e a Tia Lucy vão preparar-me uma "pequena" festa de aniversário e a grande surpresa vai ser a Mamã Maria e o meu pai a aparecerem para cortarmos o bolo juntos. E eu não sei de nada.

(pausa)

Também a Carla está a preparar uma composição sua para a minha festa de aniversário, mas também não sei de nada.

(pausa)

A Tia Tereza já escreveu o primeiro capítulo do seu primeiro romance – todas sabemos, mas é segredo. Ela já escolheu um título provisório. Mas, ao que parece, vai ficar esse mesmo: "A Noite Já Não É Uma Criança".

(pausa)

A tia Duducha já mexe mais no WhatsApp. Agora também fala frequentemente para a Itália e para a Argentina. Ela não sabe, mas a amiga Bitá vai convidá-la para passarem férias em Cabo Verde, ambas não conhecem Santiago. Vou pedir imagens do Tarrafal.

(pausa)

Sobre o Dom (que traz um olhar
próprio e uma cultura inteira,
segundo a querida Cristina) só
falo depois de fazer os dezasseis
anos. Mas confesso que a minha
vontade de alimentar o mundo
inteiro é cada vez maior.

FIM